

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE ARTES, DESIGN E MODA – CEART
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA – PPGMUS

BIANCA GUERRA BIONI

**A TRAJETÓRIA DE MULHERES REGENTES EM BANDAS DE MÚSICA DE
SANTA CATARINA**

Florianópolis

2023

BIANCA GUERRA BIONI

**A TRAJETÓRIA DE MULHERES REGENTES EM BANDAS DE MÚSICA DE
SANTA CATARINA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Música pelo Programa de Pós-Graduação Música da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Orientadora: Profa. Dra. Regina Finck Schambeck

FLORIANÓPOLIS

2023

BIANCA GUERRA BIONI

**A TRAJETÓRIA DE MULHERES REGENTES EM BANDAS DE MÚSICA DE
SANTA CATARINA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Música pelo Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

BANCA EXAMINADORA

Presidente



Dra. Regina Finck Schambeck

Udesc

Membros:



Dra. Luciana Del Ben

UFRGS



Dra. Maira Ana Kandler

UDESC

Florianópolis, 20 de Outubro de 2023.

Guerra Bioni, Bianca
A TRAJETÓRIA DE MULHERES REGENTES EM
BANDAS DE MÚSICA DE SANTA CATARINA / Bianca
Guerra Bioni. -- 2023.
116 p.

Orientadora: Regina Finck Chambeck
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de
Santa Catarina, Centro de Artes, Design e Moda, Programa
de Pós-Graduação , Florianópolis, 2023.

1. Banda de Música. 2. Trajetória de Mulheres Regentes.
3. Gênero. I. Finck Chambeck, Regina. II. Universidade do
Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Design e Moda,
Programa de Pós-Graduação . III. Título.

Às mulheres regentes, musicistas e
instrumentistas de bandas de música!

AGRADECIMENTOS

As cinco regentes participantes desta pesquisa, que desde o início foram muito solícitas e narraram suas trajetórias de formas inspiradoras para que essa pesquisa pudesse acontecer.

A minha querida orientadora Regina Finck Schambeck, que desde o início me acompanhou na minha jornada acadêmica, desde a graduação, como professora de disciplina, na iniciação científica e na orientação do meu trabalho de conclusão de curso, e agora no mestrado. Sempre muito companheira, compreensiva, contribuindo com seus apontamentos, sugestões e orientações, que sempre iniciavam ou finalizavam com conversas sobre a vida. E que sempre me incentivou a escrever e publicar artigos que contribuíram para minha formação, escrita e finalização desta dissertação.

As professoras que fizeram parte da banca de qualificação e de defesa, Maira Ana Kandler e Luciana Del Ben, que trouxeram sugestões e apontamentos para a pesquisa, me fazendo pensar e repensar em muitas questões pertinentes a mesma, para que não ticassem pontas soltas.

A minha família que sempre me apoiou e incentivou para que eu ingressasse na pós-graduação e finalizasse a dissertação.

Ao meu companheiro Bryan, que sempre esteve junto comigo desde o início do mestrado, me incentivando e apoiando nos momentos difíceis e nos momentos prazerosos do processo de construção e finalização da pesquisa.

Aos meus amigos, colegas e professores que de alguma forma me inspiraram, incentivaram e contribuíram para a conclusão da dissertação. E aqueles que tiveram paciência e compreenderam a minha ausência nos momentos que foram dedicados à pesquisa.

A FAPESC e a UNIEDU, pela concessão das bolsas.

RESUMO

Esta pesquisa é vinculada à linha de pesquisa Educação Musical do Programa de Pós-Graduação em Música, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC, Florianópolis - SC) e ao grupo de pesquisa Música e Educação (MusE) e tem como objetivo analisar a trajetória de mulheres regentes em bandas de música, refletindo sobre as dimensões do gênero e seu impacto e influência na ocupação de mulheres nos cargos de regentes de bandas. A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, com o método de estudo de caso, técnicas de coleta de dados a partir do questionário de sondagem e da entrevista semiestruturada, e para a análise dos dados, a análise de conteúdo. A partir da análise dos dados, foi possível observar que ainda existem situações de assédio, preconceito e invisibilização da mulher regente, mas, fica evidente que, para enfrentar e combater esses obstáculos, é necessário o incentivo e o apoio para seguir na área, além de abordar e participar de discussões sobre a questão da mulher na função de regente. Espera-se assim, com esta pesquisa, conhecer a trajetória de mulheres regentes em bandas de música e quais os fatores que influenciam para o ingresso e permanência das mesmas neste espaço musical, dando assim uma maior visibilidade às mulheres na regência.

Palavras-chave: Banda de música. Trajetória de Mulheres Regentes. Gênero.

ABSTRACT

This research is related to the Music Education research line of the Postgraduate Program in Music at the State University of Santa Catarina (UDESC, Florianópolis - SC) and the Music and Education research group (MusE) and aims to analyze the trajectory of women conductors in brass bands, reflecting on the dimensions of gender and its impact and influence on the occupation of women in the positions of band conductors. The research adopts a qualitative approach, using the case study method, data collection techniques based on a survey questionnaire and semi-structured interviews, and content analysis. Based on the data analysis, it was possible to observe that there are still situations of harassment, prejudice, and the invisibility of women conductors. It is clear that, in order to face and combat these obstacles, it is essential to provide encouragement and support to continue in the field, as well as to address and take part in discussions on the issue of women in the role of conductor. This research aims to learn more about the careers of women conductors in music bands and the factors that influence their entry and permanence in this musical space, therefore, giving greater visibility to women in conducting.

Keywords: Brass bands. Women conductors' careers. Gender.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Desenho de Pesquisa	45
---	-----------

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Artigos publicados nos Anais dos Congressos Nacionais e Encontros Regionais da ABEM e revistas da ABEM (2004-2022)	42
Gráfico 2 - Tempo de atuação das regentes	54
Gráfico 3 - Integrantes das bandas	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantitativo de artigos publicados nos Anais dos Congressos Nacionais e Encontros Regionais da ABEM e revistas da ABEM.....	41
Tabela 2 - Perfil das regentes.....	53
Tabela 3 - Artigos dos Anais dos Congressos Nacionais e Encontros Regionais da ABEM e revistas da ABEM sobre gênero, bandas de música e regentes de bandas (mestre de banda).	97

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABEM	Associação Brasileira de Educação Musical
ABRACO	Associação Brasileira de Novos Regentes
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
EMBAP	Escola de Música e Belas Artes do Paraná
FUNARTE	Fundação Nacional de Artes
IES	Instituição de Ensino Superior
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.1 QUESTÃO DE PESQUISA	19
1.2 OBJETIVOS	20
1.3 JUSTIFICATIVA	20
1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	21
2. REVISÃO DE LITERATURA	23
2.1 SOBRE MULHERES E SUAS REPRESENTAÇÕES NA SOCIEDADE	23
2.2 MULHERES NA MÚSICA E NAS BANDAS DE MÚSICA	29
2.3 SOBRE MULHERES REGENTES	34
2.4 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO ABEM	40
3. METODOLOGIA	43
3.1 ABORDAGEM QUALITATIVA	43
3.2 MÉTODO ESTUDO DE CASO	43
3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	44
3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	46
3.4.1 Categorização	47
3.5 CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DOS SUJEITOS	48
3.6 PROCEDIMENTOS DE SELEÇÃO DOS SUJEITOS	48
3.7 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	49
4. MULHERES REGENTES FALANDO DE SI	51
4.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA	51
4.2 TORNANDO-SE REGENTE: PERCURSO FORMATIVO, INFLUÊNCIAS E MOTIVAÇÕES	55
4.2.1 Percurso Formativo	55
4.2.2 Fatores para escolha e permanência na profissão	58
4.2.3 Busca por formações em regência	62
4.3 MULHERES NA REGÊNCIA: OCUPANDO ESPAÇOS	65
4.3.1 Representação de mulheres em bandas de música	65
4.3.2 Participação de mulheres em cursos de formação	71
4.4 A MULHER E OS DESAFIOS PARA ATUAR NA ÁREA DA REGÊNCIA	75
4.4.1 Sobre discriminação e oportunidades	80
4.4.2 Incentivos para profissionalização de meninas/mulheres na regência	86
4.4.3 Considerações das regentes	88
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	90

6. REFERÊNCIAS	93
7. APÊNDICE	97
7.1 APÊNDICE I.....	97
7.2 APÊNDICE II.....	107
7.3 APÊNDICE III.....	109
7.4 APÊNDICE IV	111
7.5 APÊNDICE V	113
7.6 APÊNDICE VI	114

1. INTRODUÇÃO

Existem diversos espaços de formação e aprendizagem musical no Brasil, dentre eles, as bandas de música, que além de se constituírem como espaços de aprendizagem, têm contribuído na formação de maestros, maestrinas, instrumentistas, arranjadores e arranjadoras. Ao mesmo tempo, as bandas representam, também, um importante papel social e cultural na sociedade brasileira. Segundo os dados da Fundação Nacional de Artes – FUNARTE (2023), há 3.100 bandas de música cadastradas no território brasileiro, sendo 408 na região sul do país e, destas, 98 no Estado de Santa Catarina. Esses dados fazem parte apenas dos registros da FUNARTE, mas sabe-se que o número de bandas em Santa Catarina pode ser ainda maior, pois como apontava Kandler (2011, p.14) em sua dissertação sobre bandas de música do meio oeste catarinense, “a quantidade de bandas e fanfarras, em todas as modalidades, em atividade no Estado de Santa Catarina é superior a 600 grupos”, porém, segundo a autora, a maioria não está registrada, o que de certa forma dificulta o acesso ou contato com as mesmas. Neste trabalho, utilizaremos a denominação banda de música aos grupos de formação instrumental que se constituem de “instrumentos de sopro da família das madeiras, instrumentos de sopro da família dos metais e instrumentos de percussão” (KANDLER, 2011, p. 12).

Desta forma, as chamadas bandas de música podem atuar em diferentes contextos, e dependendo destes, podem ser enquadradas em diferentes categorias (militar, civil, marcial, escolar, entre outras). As bandas de música nos contextos escolares, por exemplo, são consideradas “bandas escolares ou estudantis”, pois estando vinculadas à alguma instituição de ensino, os seus integrantes pertencem a essa instituição (SILVA, 2012).

Tive o privilégio de começar meus estudos de saxofone numa dessas bandas escolares. Em 2008, ingressei num projeto chamado “Banda na Escola”, que estava sendo executado na escola onde eu cursava o ensino fundamental. Na época, não tinha muito conhecimento sobre bandas, mas havia visto certa vez a banda da escola se apresentar e fiquei bastante interessada. Como as aulas já haviam iniciado no

primeiro semestre, e eu ingressei na banda apenas no segundo semestre, não tinha muitas opções de instrumentos disponíveis, e assim, tive que ficar com o saxofone tenor, o único que me foi ofertado. Como queria muito participar da banda, concordei em aprender aquele instrumento que, até aquele momento, conhecia pouco.

Assim, foi nessa banda escolar que tive a oportunidade de fazer aulas gratuitas de instrumento em grupo e ensaios coletivos com um professor e maestro qualificado. Na época, eu não tinha condições de comprar um saxofone, porém a escola emprestava os instrumentos para os alunos iniciarem seus estudos. Quando fui para o ensino médio, mudei de escola, e por indicação do maestro comecei a participar de outro projeto, realizado pela Sociedade Musical Filarmônica Comercial¹, em parceria com o governo do Estado de Santa Catarina. O projeto denominava-se “Banda Escola” e proporcionava o acesso gratuito ao ensino de música, porém infelizmente esse projeto foi desativado por falta de recursos financeiros. Apesar disso, a banda da Sociedade Musical Filarmônica Comercial segue ensaiando e atuando em diversos eventos culturais no estado de Santa Catarina, principalmente na cidade de Florianópolis. Tendo assim, no dia 11 de outubro deste ano, completado 149 anos, desde sua fundação em 1874, sendo desta forma a banda mais antiga da cidade de Florianópolis. E eu continuo participando da banda como saxofonista.

Desse modo, fazendo uma análise da minha formação musical, posso dizer que a banda de música, por ter me fornecido acesso gratuito ao ensino de música, empréstimo de instrumentos, educação musical com profissionais qualificados, prática musical em grupo, acesso e oportunidade de participação em workshops, festivais com outros músicos profissionais, concursos e encontros de bandas, foi um dos principais incentivos para eu seguir carreira profissional na área da música, cursar uma Licenciatura em Música e, neste momento, cursar um Mestrado em Música.

É importante destacar que além das bandas de música, participei de outros grupos musicais instrumentais como big band universitária (Big Band UDESC), orquestra experimental institucional (Orquestra Experimental do IFSC), rodas de choro, além de participações em festivais, oficinas e workshops. Ao participar destes

¹ A Sociedade Musical Filarmônica Comercial não se enquadra como banda institucional, pois ela não está vinculada à uma instituição, sendo ela, desta forma, uma associação civil, sem fins lucrativos. Para mais informações visitar:

<https://instagram.com/filarmonicacomercial?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

grupos, sempre me chamou a atenção o fato de eu ser uma das poucas ou até, em alguns casos, a única mulher instrumentista a tocar saxofone (principalmente saxofone tenor) nesses grupos. Na Sociedade Musical Filarmônica Comercial, no ano de 2021, quando finalizei meu TCC sobre a banda e iniciei minha pós-graduação, havia um número considerável de mulheres atuando como musicistas, quase em igual número ao de homens. Portanto, desde o meu ingresso na banda, em 2010, ela sempre contou com um número elevado de mulheres instrumentistas. Porém, o mesmo não pode ser afirmado em relação a uma mulher como condutora do grupo, pois não temos registros históricos de ter havido uma mulher responsável por reger esse grupo. A minha primeira experiência sendo regida por uma mulher se deu apenas quando ingressei na universidade, cursando as disciplinas de Prática de Coral e de Regência e, mais tarde, na Big Band UDESC.

Assim, foi a partir da análise da minha trajetória como instrumentista de banda de música há 15 anos, sendo 13 deles na Filarmônica Comercial, que procurei entender sobre a participação de mulheres nesta instituição musical. Para tanto, foquei o meu trabalho de conclusão de curso, intitulado: “Tocar na Banda da Sociedade Musical Filarmônica Comercial: narrativas de duas musicistas” (BIONI, 2021), na participação de duas musicistas instrumentistas na banda. Naquele momento, ao fazer a busca de trabalhos sobre a temática encontrei poucos textos que traziam a presença da mulher nas bandas, e quanto a presença feminina, essa não se constituía como foco da pesquisa e, sim, havia a indicação da baixa representação da mulher e/ou os instrumentos ou naipes que ficavam sob a sua execução, tal como abordado por Alves (2014); Kandler (2011) e Wendt (2013). Ainda, assim, quando eram encontrados trabalhos sobre o tema, os autores na sua maioria eram homens, dialogando sobre a participação feminina e isso reforçava ainda mais o que Moreira (2013, p. 301) já havia concluído, ou seja “a proporção de mulheres musicistas de banda escrevendo sobre bandas ainda é diminuta”.

Ao longo destes anos, participando de bandas, pude conhecer e observar diversas particularidades deste espaço, e uma questão que me chamou bastante a atenção foi a da participação de mulheres. Além disso, como participante de outros grupos musicais, festivais e workshops em diversos contextos, tanto dentro da universidade, como fora dela, pude observar que no meio musical há pouca

representação feminina, principalmente quando se trata de alguns instrumentos específicos de sopro e/ou como regentes. Assim, ao concluir minha monografia de final de curso, senti a necessidade de ampliar a pesquisa a ser realizada no mestrado, tratando agora na nova pesquisa não apenas da presença de musicistas mulheres nestes espaços, mas sobre a trajetória de regentes mulheres em bandas de música em Santa Catarina. Acredito que essa contextualização se torna importante, pois ajuda o leitor a compreender o meu interesse pelo tema que derivou primeiramente da minha própria trajetória de formação musical e, mais tarde, ampliou-se por considerar a importância dos espaços de atuação de outras mulheres, como a atuação de mulheres regentes em bandas de música.

Assim, quando vamos tratar da representação de mulheres na música, seja em qualquer campo de atuação musical, estamos adentrando em questões referentes ao gênero. A temática de gênero tem sido cada vez mais abordada em pesquisas, não só no campo da música, mas em muitas outras áreas de estudo. Sendo assim, caracteriza-se como um tema emergente, mesmo que ainda reduzido em comparação a outros. Isso ficou ainda mais evidente quando a Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) no ano de 2021 criou um grupo de trabalho (GT) para o XXV Congresso Nacional da ABEM intitulado: *Gênero, sexualidade e interseccionalidades e/m Educação Musical*. Nesse GT foram apresentadas nove comunicações sobre a temática. Da mesma forma, na Revista da ABEM, nos anos de 2020 e 2021 foram publicados cinco trabalhos trazendo discussões sobre gênero em educação musical. A maioria dos artigos se debruçou sobre o tema dentro do ambiente escolar de educação básica e/ou instituições de ensino superior, porém, ainda se fala pouco sobre a temática em outros locais de ensino e aprendizagem de música, como no caso da banda de música.

Como nos relata Moreira (2013), se têm conhecimento que há mulheres instrumentistas participando de bandas filarmônicas e fanfarras, em alguns casos com número inferior de participantes mulheres e, em outros, com número igual ou maior que de homens, porém, “sabe-se que a presença feminina nas bandas só ocorreu de fato em meados do século XX” (MOREIRA, 2013, p. 3). Para o autor, durante muito tempo, as mulheres foram proibidas de participar deste tipo de prática musical,

principalmente por ela estar muito associada às bandas militares, instituições em que apenas os homens poderiam servir.

Contudo, o cenário musical mudou. Já é possível encontrar diversos grupos musicais formados exclusivamente por mulheres², e até mesmo bandas de música, mesmo que em número reduzido em relação às bandas mistas ou masculinas. A seguir, será apresentada a questão de pesquisa, que serviu de base para a construção da mesma, pois no momento inicial, durante a escrita do projeto de pesquisa, foram surgindo algumas dúvidas e questões em relação a temática.

1.1 QUESTÃO DE PESQUISA

Esta pesquisa foi construída com o intuito de responder à seguinte questão: **Qual é a trajetória de mulheres regentes que atuam em bandas de música?** A partir desta questão principal, outras se derivam: **Qual o percurso musical formativo e de atuação profissional destas mulheres? Quais fatores estão relacionados à atuação feminina como regentes em bandas de música? Qual a relação entre a representação de mulheres em cargos de regência em bandas de música e a temática de gênero?**

Trazendo alguns questionamentos sobre mulheres regentes que atuam em Santa Catarina e refletindo sobre as questões de pesquisa apresentadas, é possível questionar que trajetória essas mulheres percorreram até serem reconhecidas como regentes? Que obstáculos e desafios estas regentes tiveram que superar durante o processo de formação e/ou já atuando como regentes? Essas são algumas perguntas que também foram respondidas através desta pesquisa. Verificando, assim, se atualmente, esses obstáculos ainda estão presentes no dia a dia destas regentes e quais são as possíveis ações para superá-los. Para responder estas perguntas, foram

² Para saber mais sobre grupos musicais formados só por mulheres:

<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/grupos-formados-somente-por-mulheres-refletem-sobre-seus-direitos-na-musica-23438159>

Em Florianópolis temos os grupos: <http://coresdeaide.com.br/> ;

<https://www.instagram.com/rodadechoromulheril/> ; <https://www.instagram.com/grupoentreelas/?hl=pt> ; <https://www.instagram.com/filhasefilhesdeeva/>

estabelecidos objetivos para melhor conduzir o processo de investigação, e que serão apresentados a seguir.

1.2 OBJETIVOS

Objetivo Geral: Analisar a trajetória de mulheres regentes em bandas de música, refletindo sobre as dimensões do gênero e seu impacto e influência na ocupação de mulheres nos cargos de regentes de bandas.

Objetivos Específicos:

- Identificar a percurso musical formativo e de atuação profissional de mulheres regentes em bandas de música.
- Compreender os fatores que estão relacionados à atuação de mulheres regentes em bandas de música;
- Investigar a relação entre questões de gênero e a atuação de mulheres regentes.

1.3 JUSTIFICATIVA

A pesquisa se justifica por focar na questão de gênero, sendo este um tema emergente, mas que dentro das bandas de música, ainda têm poucos trabalhos publicados em congressos e/ou periódicos da área de Educação Musical no Brasil. Do mesmo modo, justifica-se a sua importância por tratar da representação feminina em bandas de música, que de igual maneira, é pouco discutida na área. Além disso, quando tratamos de questões de gênero dentro de uma perspectiva feminista e patriarcal, estamos em busca de uma igualdade, denunciando assim qualquer tipo de desigualdade referente ao papel social da mulher. Por isso, sendo mulher e tendo sido formada musicalmente em banda de música, entendo que a pesquisa possa contribuir para que outras musicistas sejam estimuladas a fazerem parte e a conduzirem musicalmente esses espaços educativos. Como nos assevera Moreira “a continuidade da investigação feminina em Música é necessária, seja ela sob o ponto de vista

quantitativo ou no que concerne à sua atuação de performance, independentemente do tipo instrumental, composicional, educacional ou musicológico” (2013, p. 299).

1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. No primeiro, introduzimos a temática, apresentamos a motivação pessoal para a sua realização, os objetivos e justificativa para a escolha e desenvolvimento da pesquisa.

No segundo capítulo, apresentamos a revisão de literatura realizada a partir dos termos chave gênero, representação feminina, mulheres na música, mulheres nas bandas de música e mulheres regentes. Assim, este capítulo foi dividido em quatro subtópicos, sendo o primeiro sobre mulheres e sua representação na sociedade, o segundo sobre mulheres na música e nas bandas de música, o terceiro sobre mulheres regentes, e por fim, o quarto, um levantamento bibliográfico do Anais dos Congressos Nacionais e Encontros Regionais da ABEM e revistas da ABEM sobre artigos com a temática gênero, feminismo, patriarcado, representação feminina e/ou regentes.

O terceiro capítulo é constituído pela descrição da construção da metodologia da pesquisa, contendo sua abordagem, método de pesquisa, procedimentos de coleta de dados realizada por meio de questionário e entrevista semiestruturada, procedimentos de análise dos dados feita com base na análise de conteúdo, os critérios e procedimentos de seleção dos sujeitos da pesquisa. E por último, as diretrizes e normas de acordo com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) para a estruturação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

No quarto capítulo é apresentada a análise dos dados a partir das entrevistas realizadas com as participantes. Primeiro, são apresentadas as participantes da pesquisa, e depois, três tópicos, cada um referente a uma das categorias, sendo o primeiro tornando-se regente: percurso formativo, influências e motivações; o segundo sobre mulheres na regência: ocupando espaços; e o terceiro sobre a mulher e os desafios para atuar na área da regência.

E por fim, as considerações finais fazendo a reflexão final sobre a temática a partir dos dados analisados sobre as participantes da pesquisa.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo serão apresentadas as discussões e os autores/as que tratam da temática de gênero, mulheres na música, nas bandas de música e sobre mulheres na regência. No primeiro subtópico sobre mulheres e suas representações na sociedade, será abordado o conceito de gênero e também será discutida brevemente sua relação com o patriarcado e com o movimento feminista, com o intuito de entender sobre a história das mulheres. No segundo subtópico, será discutido sobre mulheres na música, nas bandas de música e a relação dessa representação feminina com gênero. E por fim, no último subtópico, sobre mulheres regentes, serão apresentadas discussões sobre a representação de mulheres atuando como regentes.

2.1 SOBRE MULHERES E SUAS REPRESENTAÇÕES NA SOCIEDADE

Há aproximadamente 60 anos atrás, houve grandes lutas por parte das mulheres em relação aos seus direitos, diante das representações sociais e relações de poder impostas a elas na sociedade. O objetivo dessas lutas era a reivindicação e igualdade dos direitos, enquanto mulheres, sendo também, relacionada a uma busca incessante por uma representação, que até aquele momento não existia ou era mal representada. Desta forma, “a luta pelo direito de falar por si e de falar de si” (LOURO, 2008, p. 20), foi organizada por movimentos sociais, dentre eles, o movimento feminista e

a partir dos anos 1960, jovens, estudantes, negros, mulheres, as chamadas minorias sexuais e étnicas passaram a falar mais alto, denunciando sua inconformidade e seu desencanto, questionando teorias e conceitos, derrubando fórmulas, criando novas linguagens e construindo novas práticas sociais. (LOURO, 2008, p. 20)

Como aponta a autora, até 1960 a sociedade tivera sua história escrita e contada por quem tinha maior voz, o homem branco heterossexual, sendo esta voz incontestável, e que também “construíra representações sociais que tiveram importantes efeitos de verdade sobre todos os demais” (LOURO, 2008, p. 21). Com isso, a luta pelos direitos das minorias sexuais e étnicas passou a se tornar cada vez mais necessária, pois, como aponta Louro (2008), passou-se

[...] A tomar como verdade que as mulheres se constituíam no segundo sexo ou que gays, lésbicas, bissexuais eram sujeitos de sexualidades desviantes. Por tudo isso, colocava-se, como uma meta urgente para os grupos submetidos, apropriar-se dessas instâncias culturais e aí inscrever sua própria representação e sua história, pôr em evidência as questões de seu interesse. A luta no terreno cultural mostrava-se (e se mostra), fundamentalmente, como uma luta em torno da atribuição de significados - significados produzidos em meio a relações de poder. (LOURO, 2008, p. 21)

A autora também destaca que esses grupos enfrentaram marginalização e repressão, e no caso da mulher, havia-se criado um papel social que era restrito ao de realizar tarefas domésticas. Devido a isso, a mulher era colocada num nível inferior na sociedade e, portanto, não podia ocupar posições sociais que eram ocupadas exclusivamente por homens. Assim, ela ficava responsável pelas tarefas domésticas, tendo que cuidar da casa, dos filhos e do marido. A inferiorização relacionada ao gênero está diretamente relacionada ao patriarcado, onde o homem ocupa uma posição superior e dominante em relação à mulher. Como anteriormente destacado sobre o movimento feminista, ele surgiu também para combater e libertar as mulheres desses “padrões patriarcais baseados no gênero”, como um movimento político que questionava “as relações de poder e exploração homem - mulher e propõe transformações social, econômica, política e ideológica para a sociedade” (DIAS, 2017, p. 33). Ao mesmo tempo que houve uma transformação e libertação do poder masculino houve, também, a necessidade de “tornar visível aquela que fora ocultada” (LOURO, 1997, p.17). Scott (1992) descreve também o feminismo da seguinte forma:

Nos Estados Unidos, o feminismo ressurgiu nos anos 60, estimulado em parte pelo movimento dos Direitos Civis e pelas políticas do governo destinadas a estabelecer o potencial feminino, para ir ao encontro da expansão econômica através da sociedade, incluindo as profissões e a academia. Moldou seu apelo e sua autojustificativa nos termos da retórica prevalecente de igualdade. No processo, o feminismo assumiu e criou uma identidade coletiva de mulheres, indivíduos do sexo feminino com um interesse compartilhado no fim da subordinação, da invisibilidade e da impotência, criando igualdade e ganhando um controle sobre seus corpos e sobre suas vidas. (SCOTT, 1992, p. 67)

A partir desse potencial feminino e da expansão econômica apontados por Scott (1992), começaram-se, ainda nos Estados Unidos, a se criar comissões, resoluções e organizações, como a Comissão para Oportunidades Iguais de Emprego, a Comissão sobre a Condição da Mulher, a Organização Nacional das

Mulheres, resoluções para a proibição da discriminação sexual, para a melhoria das condições das mulheres, exigindo assim o reconhecimento das mulheres (Scott, 1992, p. 68). A partir disso, começou-se a estimular, por parte de instituições de ensino superior e fundações, o ingresso das mulheres em cursos para a obtenção do PhD, tal como apontado por Scott (1992, p. 68). Evidentemente que a mudança não ocorreu com a rapidez que se esperava. Essas reivindicações levaram um tempo para realmente ser, em parte, efetivadas, pois mesmo que as mulheres denunciasses desigualdades, discriminação baseadas na diferenciação sexual e subordinação, a luta seguiu até que realmente se alcançasse um resultado mais efetivo, sendo este resultado a ocupação de mulheres em espaços que eram apenas ocupados por homens e uma diminuição da desigualdade e discriminação baseada no sexo. Contudo, conforme explica Scott (1992), algumas das reivindicações feitas pelas mulheres que atuavam dentro da academia, como “uma maior representação nas associações e nas reuniões de intelectuais, atenção às diferenças salariais entre homens e mulheres e um fim à discriminação nos contratos, nos títulos e nas promoções” demoraram para serem efetivadas também (SCOTT, 1992, p. 69)³.

Assim, após décadas de submissão, sendo apagadas da história pelo fato de serem mulheres, passam a reivindicar seus direitos, com o objetivo de ocuparem um papel social de forma igualitária em relação aos homens. Afinal, não eram menos capazes, mas tinham menos oportunidades de se desenvolver e precisavam passar por mais obstáculos para ocuparem os mesmos cargos. Conforme explica Moreira (2013, p. 23) “o feminismo especifica diretamente o enfrentamento com o pensamento do sistema patriarcal na contemporaneidade”, sendo este sistema um sistema social onde os homens mantem o domínio sobre as mulheres, sendo estas suas subordinadas.

Juntamente com o feminismo, surge também um novo campo de estudos na década de 60, o da história das mulheres, que reivindicava “uma história que estabelecesse heroínas, prova de atuação das mulheres, e também explicações sobre

³ No Brasil a Lei 14.611/2023, que garante a igualdade de salário e de critérios de remuneração entre trabalhadoras e trabalhadores foi sancionada em 4 de julho de 2023. Para acessar o texto na íntegra: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2023-2026/2023/Lei/L14611.htm.

a opressão e inspiração para a ação” (SCOTT, 1992, p. 64). Podemos observar esse fato também da seguinte forma:

A emergência da história das mulheres como um campo de estudo acompanhou as campanhas feministas para a melhoria das condições profissionais e envolveu a expansão dos limites da história. Mas esta não foi uma operação direta ou linear, não foi simplesmente uma questão de adicionar algo que estava anteriormente faltando. (SCOTT, 1992, p. 75)

A autora ainda destaca que a história precisava ser reescrita, pois ela era incompleta e parcial. Foi possível também, a partir desse campo de estudo, fazer uma análise mais aprofundada sobre as questões que envolviam as categorias de análise de gênero (conceito que será esclarecido a seguir). Assim como mencionado por Scott (1992, p. 65) “a emergência da história das mulheres como um campo de estudo envolve, nesta interpretação, uma evolução do feminismo para as mulheres e daí para o gênero; ou seja, da política para a história especializada e daí para a análise”. Scott (1992) destaca que havia uma diferença entre as historiadoras e os historiadores das mulheres, e que essa diferença estava relacionada às necessidades e interesses particulares que eram diferentes entre ambos, apontando também que, em relação às historiadoras “seu sexo influenciava suas oportunidades profissionais” (SCOTT, 1992, p. 70). Isso mostra que ainda havia uma exclusão de gênero em profissões mais bem qualificadas, isso porque, quem ocupava essas profissões, eram os próprios historiadores, no caso “uma única figura (o homem branco) para representar o historiador” (SCOTT, 1992, p. 74), fazendo assim com que as mulheres fossem sub-representadas, e tudo isso, trouxe a necessidade da redefinição profissional. Além disso, a história das mulheres questionava o fato de a história do homem ser priorizada em relação à história das mulheres. Assim:

Reivindicar a importância das mulheres na história significa necessariamente ir contra as definições de história e seus agentes já estabelecidos como “verdadeiros”, ou pelo menos, como reflexões acuradas sobre o que aconteceu (ou teve importância) no passado. E isso é lutar contra padrões consolidados por comparações nunca estabelecidas, por pontos de vista jamais expressos como tais (SCOTT, 1992, p. 77).

A história das mulheres fez com que ficasse mais evidente a existência e a necessidade de uma categoria “mulheres”, sendo está uma categoria social separada, que tinha seus próprios interesses, necessidades e características. Surgiu, então, a

necessidade de analisar essas particularidades da nova identidade, da nova categoria, para que assim as mulheres pudessem ser integradas à história. Com isso, “a integração presumia não somente que as mulheres poderiam ser acomodadas nas histórias estabelecidas, mas que sua presença era requerida para corrigir a história”. (SCOTT, 1992, p. 85). No início, isso foi um pouco desafiador por parte dos historiadores, pois “era necessário um modo de pensar sobre a diferença e como sua construção definiria as relações entre os indivíduos e os grupos sociais” (SCOTT, 1992, p. 86).

Assim, para compreender o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa “observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos” (LOURO, 1997, p. 21). Então, quando vamos tratar da trajetória de mulheres na música, principalmente em algumas áreas específicas, precisamos antes de qualquer coisa ter alguns conceitos bem esclarecidos, conceitos estes que nos ajudam a entender sobre as relações sociais humanas.

Um conceito que está bastante relacionado à história das mulheres é o **conceito de gênero**. O termo gênero foi “usado para teorizar a questão da diferença sexual”, assim como aponta Scott (1992, p. 86). Há diferentes formas de entender esse conceito, dependendo da forma que as relações vão sendo analisadas, e essas concepções “diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem” (LOURO, 1997, p. 23). No caso desta pesquisa, vamos entender o gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” e como “uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1989, p. 21). Sobre as relações, estamos aqui nos referindo às relações entre os homens e as mulheres, e como as mulheres foram por muito tempo consideradas irrelevantes na participação da vida pública e, portanto, privadas de atuar e exercer funções que eram apenas designadas aos homens. A partir daí podemos observar e analisar as relações de poder, onde o homem exercia esse poder sobre a mulher e sobre a família.

Partindo da ideia de que gênero é uma construção social que determina ou atribui papéis, na sua maioria diferentes, para as diferentes identidades sexuais e que

o conceito “pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas” (LOURO, 1997, p. 22), no âmbito das relações sociais, em relação às diferenças, podemos partir da questão que, o feminino era visto como o lado mais fraco, vulnerável, mais sensível quando se referia à diferença entre masculino e feminino. O homem no controle da relação, da família, tendo assim o homem mais autoridade e mais poder. Uma sociedade que impunha às mulheres certas obrigações e as privava de muitos direitos, como por exemplo, a política. Assim, “fazer-se mulher dependia das marcas, dos gestos, dos comportamentos, das preferências e dos desgostos que lhes eram ensinados e reiterados, cotidianamente, conforme normas e valores de uma dada cultura” (LOURO, 2008, p.17). Vale ressaltar que, no Brasil, o termo gênero passou a ser utilizado apenas no final dos anos 80 pelas feministas (LOURO, 1997, p. 23). Para Scott, numa visão pós-estruturalista, quando se utiliza o feminino e masculino, “a masculinidade e a feminilidade são encaradas como posições de sujeito, não necessariamente restritas a machos ou fêmeas biológicos” (SCOTT, 1992, p. 89).

Green (2001) se utiliza também da definição do conceito de gênero, e relaciona o termo às “interpretações históricas da feminilidade e da masculinidade”. A autora discute a questão de gênero relacionando-a à música e educação, em seu livro *Música, género y educación* (2001). Em relação ao patriarcado, Green esclarece que o termo pode estabelecer uma relação de poder “em que os homens têm, no geral, mais poder que as mulheres, articulado através da separação, que é ao mesmo tempo empírica e simbólica, da vida pública e privada”. (GREEN, 2001, p. 25). A autora esclarece que as funções de caráter público estão relacionadas aos trabalhos assalariados e às funções do caráter privado, estariam relacionadas aos trabalhos domésticos, não assalariados. A autora discute, portanto, a relação que o patriarcado tem com a prática musical das mulheres, ao que ela denomina de “patriarcado musical”. O patriarcado musical surge, também, a partir das divisões e funções marcadas pelo gênero, em que, mesmo que as mulheres praticassem música, estas práticas estavam igualmente relacionadas à vida privada e que de alguma maneira expressava características femininas, ou seja, atuando, geralmente, como cantoras e pianistas.

2.2 MULHERES NA MÚSICA E NAS BANDAS DE MÚSICA

Vimos até o momento que, as mulheres começaram a ocupar um maior espaço nas práticas sociais a partir das lutas feministas, mas na música, quando isso ocorreu? Freire e Portela (2013) destacam que “a atuação de mulheres como musicistas se deu, no período de tempo aqui abordado (do século XIX à atualidade), através de conflitos e contradições, com paralelo na luta feminista em prol da conquista de direitos como cidadãs” (FREIRE; PORTELA, 2013, p. 281). Em relação aos estudos de gênero na música, esses começaram a ser mais abordados através da musicologia, e atualmente tratados como “Nova Musicologia”, vertente da musicologia feminista, entendida da seguinte forma:

Falar em musicologia feminista é falar de estudos recentes dos últimos trinta anos com a perspectiva de criação de uma ciência ou crítica feminista – que se configure fora dos moldes da dominação masculina ou que identifique características femininas ou masculinas dominantes no discurso musical e com isso consiga demonstrar como a música é uma arte que afeta diretamente as pessoas e como ela é usada propositadamente ou não para esse fim. [...] A Nova Musicologia propunha e propõe outras abordagens do fenômeno musical, contemplando questões antes consideradas extra-musicais, tais como o contexto histórico, social, cultural e econômico do compositor, da obra, do intérprete, do espaço no qual a música foi apresentada, sua história de vida e assim por diante (NEIVA, 2015, p. 3).

Assim, nos espaços públicos, até o século XIX, a atuação de mulheres como musicistas, em sua maioria cantoras e pianistas, não era vista de igual forma como em espaços mais privados, e que “raramente elas podem ser percebidas como compositoras, instrumentistas ou regentes, sendo pouco mencionadas na literatura especializada”. (FREIRE; PORTELA, 2013, p. 285).

Trazendo a representação da mulher na música relacionada com a questão de gênero, Wenning (2019) faz uma análise sobre a diversidade de gênero e sexualidade na docência de música, trazendo a discussão sobre a igualdade de gênero. A autora identifica que há uma “baixa representatividade das mulheres no campo da música” (2019, p. 67). A partir de uma análise da história da música, menciona também que são poucas as compositoras citadas. Porém, ao analisar a representatividade das mulheres na docência em música, Rosa, uma das professoras participantes do estudo realizado por Wenning, conta:

Se a gente abrir métodos, vai ter lá os repertórios dos compositores homens. Instrumentistas, a referência são homens. Só que na educação, magistério, a maior parte dos educadores são, na verdade, mulheres. Na escola de Educação Infantil em que eu dou aula todas são mulheres (WENNING, 2019, p. 66).

Na fala de Rosa, fica evidente que ainda existe uma associação do papel da mulher a questões relacionadas à vida doméstica e privada, como a educação das crianças, questão também mencionada por Green (2001). Assim, a partir dos apontamentos de Wenning, podemos observar que a representação feminina abrange não só o espaço das bandas, mas todo o espaço de formação, educação e referências musicais, e que é muito importante que se tenha contato com mulheres musicistas, compositoras e intérpretes durante a formação musical inicial, pois “a valorização do feminino representa um importante resgate da contribuição das mulheres à história da música” (WENNING, 2019, p. 104).

Adentrando um pouco mais nessa questão, Aquino (2021), aponta também a importância desse contato com mulheres musicistas durante a formação, pois poderá servir de incentivo para muitas outras mulheres, demonstrando que, sim, é possível que mais mulheres ocupem vagas como regentes, musicistas, compositoras, intérpretes, e muitas outras ocupações referentes à música. Assim como descrito por Aquino (2021, p. 65), devemos “combater o processo de inviabilização das produções femininas no campo musical”. Apontando aqui como exemplo, uma proposta formativa da própria autora Aquino e que foi realizada em uma escola de educação básica, em conjunto com uma instituição de ensino superior (IES). O trabalho, buscou desenvolver uma proposta centrada em produções femininas, sendo um destes exemplos Chiquinha Gonzaga, que até onde sabemos, foi uma das primeiras maestrinas brasileiras. O acesso à produção musical de mulheres musicistas, como a própria autora aponta, têm um significado de “fazer justiça às atuações e às produções de mulheres no campo da música” (AQUINO, 2021, p. 74), com o intuito de trazer o devido reconhecimento que por muito tempo lhes foi privado.

Agora tratando sobre mulheres nas bandas de música, é importante apresentar a ideia da banda como formadora musical. Nesse sentido, Wendt (2013) considera a banda de música como “[...] referência importante na formação de novos instrumentistas em nosso país, principalmente, na área de instrumentos de sopro e

percussão” (WENDT, 2013. p. 13). Em sua monografia, faz um estudo sobre a formação de músicos em uma banda de música, e apresenta o interesse das meninas em aprenderem instrumentos musicais, mas verifica que a participação delas na banda ainda é minoritária em relação aos meninos. Sobre a escolha delas em relação à aprendizagem de um instrumento musical, o autor relata que os professores de instrumentos investigados alegam que “[...] convencer uma menina a tocar um trombone ou um trompete é mais difícil, [...] tentamos desmistificar o preconceito que ainda existe de mulheres tocarem instrumentos da família dos metais” (WENDT, 2013, p. 32).

Para o autor, há uma falta de representação feminina nestes grupos, principalmente como instrumentistas de metais, sendo mais comum elas tocarem instrumentos da família das madeiras. Além da formação de instrumentistas, identifica que a banda “também acaba sendo uma escola de formação de professores e regentes” (WENDT, 2013, p. 26). Ou seja, a banda de música forma músicos que futuramente poderão seguir carreira profissional em música, tanto como instrumentistas e como professores de instrumento e, além disso, o espaço da banda pode ser utilizado para a prática das atividades de formação dos professores e regentes.

Tratando também sobre mulheres em bandas de música, Moreira (2013) em sua tese, discute a participação de mulheres nesses espaços de educação musical, e foi “em busca de respostas que justificassem a escassez de trabalhos científicos sobre o tema e o hiato temporal da presença feminina nestas agremiações” (MOREIRA, 2013, p. XII). Buscou fazer um levantamento dos trabalhos que traziam esta temática, a fim de “abordar o papel sociopolítico, educativo e artístico da presença das mulheres em grupos filarmônicos” (MOREIRA, 2013, p. 1). O autor considera importante trazer estes questionamentos por acreditar que:

[...] grupos filarmônicos contribuem para a preservação educacional, composicional, instrumental e, principalmente, musicológica, na música científico-acadêmica sendo fonte para análises de tal participação, do desenvolvimento pedagógico e consequentemente sobre as oportunidades profissionais para mulheres em relação ao crescimento performático e de ascensão das mesmas nestes grupos centenários (MOREIRA, 2013, p. 1).

A tese de Moreira teve foco em bandas de música no nordeste do Brasil e no norte de Portugal. Estudos sobre bandas na cidade de Florianópolis foram realizados por Alves (2014) e Correa (2013). Alves abordou a Sociedade Musical Filarmônica Comercial, a banda mais antiga do município. Neste trabalho o autor faz uma discussão sobre os processos de ensino de instrumentos musicais na Banda, e relata que:

Não há registros anteriores ao ano 2000 que indiquem que tenha havido, ao longo da história da banda, integrantes do sexo feminino, o que sugere que, como em outras profissões e contextos sociais da época, não havia um grande encorajamento à participação feminina na banda. No entanto, partir do ano de 2000, percebe-se que a mentalidade da diretoria da banda começou a mudar em relação a essa questão. O site do jornal ANcapital através de uma reportagem do jornalista Jeferson Lima realizada no ano 2000, faz menção ao número de 25 integrantes na Banda Comercial, entre eles seis moças com idade entre 17 e 20 anos (ALVES, 2014, p. 19).

O autor aponta que em suas observações das aulas de música na Banda, em termos de gênero “a maioria dos alunos era do sexo masculino, com apenas uma aluna do sexo feminino” (ALVES, 2014, p. 32). Podemos observar então que a participação feminina era muito escassa naquele período, mas que isso foi mudando com o passar do tempo. Aumento esse que foi identificado no estudo de Bioni (2021), cujo registro dos integrantes da Banda da Sociedade Musical naquele ano dava conta de 26 integrantes, dentre eles, 13 mulheres.

Da mesma forma, Correia (2013) investigou a memória social de outras duas bandas de música presentes em Florianópolis, a Banda da Lapa e a Sociedade Musical Amor à Arte. Em uma análise de retratos na sede de uma das bandas, o autor menciona que nesses retratos estavam presentes importantes personagens que fizeram parte da Sociedade Musical, como fundadores, maestros, professores, integrantes antigos e atuais, porém observa que:

Não aparece representação de nenhuma musicista que tenha passado pela banda, a única mulher presente está retratada tocando arpa em um quadro disposto ao centro. As mulheres só passaram a fazer parte do grupo nas últimas três décadas, o que pode explicar este esquecimento na galeria da Sociedade Musical Amor à Arte (CORREA, 2013, p. 75).

Em contrapartida aos estudos de Alves (2014) e Correa (2013) que evidenciaram ausência da representação feminina em bandas de música por um longo

tempo, Santos (2016), busca analisar a trajetória, formação e a atuação de bandas femininas de música. Para tanto, fez um estudo multicaso de três bandas de música, surgidas entre os anos de 1958 a 1970, no estado de Sergipe. Em sua pesquisa observou que “a presença das bandas de música, no estado de Sergipe, foi tão marcante que não se limitou apenas aos homens” (SANTOS, 2016, p. 5). O autor apresenta o histórico das bandas e de forma detalhada menciona o número de participantes e dados dos ensaios realizados nesses grupos. E, “[...] apesar da discriminação que as mulheres sofriam, elas conseguiram romper barreiras, tabus e mostraram que podiam executar instrumentos musicais que, na época, eram executados apenas por homens” (SANTOS, 2016, p.1). Santos (2016) indica que apesar de se tratar de bandas que surgiram aproximadamente 50 anos atrás, ele acredita que “as Bandas Femininas de Sergipe acrescentaram algo mais nas práticas da cultura de bandas do Brasil” (2016, p.10). E considera também que, todo o histórico de banda musical é importante para entender o contexto atual de formação musical e social presente nas bandas, e que essas agremiações são fruto de uma longa tradição cultural.

Como foi possível perceber até o momento, foram trazidas referências de autores homens para debater sobre bandas de música. Fato que se repetiu ao finalizarmos o levantamento realizado nos anais dos Congressos Nacionais da ABEM, no período de 2004 a 2021, para tanto foi utilizada a palavra-chave “banda de música”. Nesse levantamento foi possível observar que a maioria dos autores que discutiam sobre esse contexto eram homens. Dos 34 trabalhos que abordaram bandas de música, apenas 11 tinham sido escritos por mulheres, sendo que apenas um deles, apresentou especificamente a discussão sobre mulheres em bandas de música.

Uma possível explicação para podermos entender a escassez de trabalhos de autoria de mulheres sobre a presença de mulheres em bandas de música, é devido ao fato de que durante muito tempo as mulheres não participavam desse contexto. Freire e Portela (2013) tentam explicar essa invisibilidade feminina, a partir da trajetória de mulheres compositoras no Brasil da seguinte forma:

A presença da mulher musicista nem sempre foi valorizada pela literatura especializada, possivelmente por se tratar de uma historiografia prioritariamente escrita por homens. Ou talvez porque, dadas algumas circunstâncias sociais, a participação pública da mulher como musicista se

fez muito restrita, ao longo do século XIX, e só gradativamente se ampliou ao longo do século seguinte. Ou mesmo porque, em função dessas circunstâncias, as mulheres atuaram mais fora do palco dos teatros, destacando-se como professoras de música ou como intérpretes, no espaço de suas casas (FREIRE; PORTELA, 2013, p. 279).

As autoras ainda apontam que é possível perceber que a atuação de mulheres no mundo da música tem sido cada vez mais destacada, porém, ainda assim é possível identificar alguns resquícios dessa visão restritiva à qual a mulher foi submetida durante muito tempo.

2.3 SOBRE MULHERES REGENTES

Quando vamos tratar de qualquer estudo relacionado à mulher, estamos tratando sobre gênero, principalmente quando vamos discutir sobre a ocupação delas em cargos em que na sua maioria são ocupados por homens. Atualmente, temos encontrado na literatura relatos de mulheres que assumiram a função de regentes, mas devemos saber que por muito tempo, conforme a literatura nos aponta, era impensável uma mulher nessa posição.

Sob o ponto de vista patriarcal, mulheres “comandando” outros músicos, e exercendo assim o papel de regentes, seria impensável, pois o papel de exercer o comando era designado apenas para homens. E foi o que ocorreu durante muito tempo, conforme descreve Botelho (2020). As mulheres tiveram que enfrentar muitos obstáculos e dificuldades para poder atuar como regentes. Assim como descreve a autora:

O século 20 foi marcado pelo início da derrubada dos muros nesse campo profissional. Hoje, mesmo com muito ainda por fazer, as mulheres do final do século 20 e século 21 usufruem do trabalho percorrido por muitas pioneiras, conquistando o merecido espaço e respeito à frente de grandes orquestras (BOTELHO, 2020, p. 4).

Botelho cita como exemplo a maestra alemã Elke Mascha Blankenburg (1943-2013) que lutou pela igualdade de mulheres na música e que também foi uma das precursoras do feminismo musicológico alemão. A autora destaca muitos feitos de Elke, desde publicações importantes, arquivos, participação em movimentos feministas, entre outros. A autora ressalta ainda que as mulheres são regentes há

mais tempo do que imaginamos, porém muitas delas foram apagadas da história, exatamente por serem mulheres. Freire e Portela (2013) também apontam essa questão da seguinte forma:

Cabe ressaltar que as poucas mulheres compositoras ou regentes sobre as quais encontramos informações eram, na maioria das vezes, “bem nascidas”, mas reconhecemos que não dispomos de dados suficientes para delinear com mais precisão ou para generalizar essa condição (FREIRE; PORTELA, 2013, p. 286).

Ao discutir sobre mulheres compositoras, Freire e Portela mencionam também em alguns momentos sobre a participação de mulheres como regentes e maestrinas. Assim, observam que a atuação de mulheres em teatros era rara “quando se trata do exercício de funções como a de compositoras, maestrinas, ou até mesmo instrumentistas profissionais” (2013, p. 290). Também apontam a diferença entre a busca por nomes de cantoras e atrizes em relação a outras ocupações da música nos teatros, dizendo que “esse número se restringe quando se trata de buscar mulheres musicistas, atuando profissionalmente como compositoras, instrumentistas ou regentes, no meio teatral” (2013, p. 292). As autoras citam Cinira Polônio (1957-1938), que era “cantora, compositora e maestrina, tocava harpa e piano”, que além de “inteligente e avançada para a época”, “rebelou-se contra os papéis que a sociedade tentava impor” (2013, p. 292). Porém, além de ser um destaque para sua época, Cinira “não é citada na literatura especializada da área de música” (2013, p. 292), e isso reforça ainda mais que apesar das mulheres se destacarem profissionalmente, não eram reconhecidas, sendo assim, invisibilizadas.

Outra figura conhecida que as autoras mencionam, é Francisca Gonzaga, mais conhecida como Chiquinha Gonzaga, mencionada também por Aquino (2021), e destacam a sua atuação nos teatros no final do século XIX. E que de igual forma, também era uma defensora dos direitos das mulheres. Chiquinha Gonzaga, em 1885, como mencionado anteriormente, “se tornou a primeira mulher a dirigir uma orquestra, no Brasil, tendo regido os músicos do teatro e a banda militar, assim como um concerto de cem violões”. (FREIRE; PORTELA, 2013, p. 293). Aqui já podemos observar que aparece o registro de uma mulher regendo uma banda militar, sendo esta categoria de banda, as que mais tarde passariam a servir como inspiração para as outras diversas formações de bandas de música. Mesmo assim, ainda são

encontrados poucos registros sobre a participação de mulheres em funções de regentes nos séculos passados, e isso as autoras deixam bastante evidente da seguinte forma:

A carência de registros significativos de nomes de mulheres ligados ao teatro, atuando como instrumentistas, compositoras ou regentes parece revelar a raridade dessa atuação de mulheres no meio teatral, ou talvez pouco valor dado a elas, nem sempre consideradas merecedoras de referências na literatura (FREIRE; PORTELA, 2013, p. 294).

As autoras destacam também na função de dirigente, Dinorah de Carvalho, que na década de 1930, dirigiu, “a Orquestra Feminina de São Paulo (primeira orquestra do gênero, na América Latina), sendo, assim, a primeira mulher a dirigir uma orquestra desse tipo no Brasil” (2013, p. 294). Uma particularidade entre as figuras femininas aqui apresentadas, é que em algum momento de suas vidas, precisaram se dedicar ao magistério de piano, sendo esta função apontada como “uma importante porta de entrada para o trabalho feminino” (FREIRE; PORTELA, 2013, p. 294), e que era mais aceitável para uma mulher da época do que as outras funções já apresentadas. Por outro lado, outras atividades tais como musicistas, compositoras, regentes, eram vistas com desprezo, diferentes do ensino de música, que era uma função de atuação no âmbito doméstico, considerada mais aceitável.

Para tratar também dessa questão, Moreira (2013) dedica um capítulo de sua tese à discussão sobre mulheres na regência. Aponta que a formação musical em cursos livres, técnicos e universitários tem de certa forma “favorecido em muitos casos uma qualificação satisfatória”, permitindo assim que mulheres ocupem “postos de regência não só nas suas filarmônicas (ou outras filarmônicas ou ainda bandas de música), como em orquestras e bandas sinfônicas no mundo” (2013, p.149). O autor cita diversas mulheres regentes e maestrinas que atuam tanto no Brasil, como em muitos outros países, mostrando que há mulheres ocupando cargos de regentes e maestrinas em importantes orquestras e bandas.

Vale ressaltar que com todo o avanço tecnológico e a criação de conteúdos digitais, facilitou o acesso a informações específicas “e pessoas até então inatingíveis tornaram-se acessíveis por um simples toque de computador” (LOURO, 2008, p.19). Podemos encontrar também algumas entrevistas com regentes mulheres em plataformas de compartilhamento de vídeos como o YouTube. Em algumas das

pesquisas nessa plataforma, encontramos algumas entrevistas com mulheres regentes, como por exemplo a entrevista da Tv Carta, que em 2015 entrevistou a regente de orquestra Simone Menezes. Na entrevista a regente comenta um pouco sobre a sua profissão. Aborda sobre um sistema de provas que começou a ser utilizado nos processos para seleção de músicos em orquestras, onde o músico tocava atrás de um biombo, fazendo com que o júri avaliasse apenas pela qualidade musical apresentada, e não pela aparência. Como aponta Menezes na entrevista, esse sistema fez com que o número de mulheres instrumentistas crescesse nas orquestras, porém, ressalta que “para a regência, esse tipo de sistema não existe”. Assim, destaca que “a regência ainda acaba sendo um dos lugares na música onde se sofre um pouco mais no que tange a presença da mulher”. Além disso, fala do assédio moral que sofria por ser mulher regente, através de comentários do tipo “ela é bonita né? E rege bem.”

Mesmo ainda sendo uma temática pouco abordada em comparação a outras, cada vez mais tem-se discutido sobre a representação feminina na música e na regência. Isso fica evidente também quando é trazida a discussão em importantes oficinas de música no país, como a Oficina de Música de Curitiba, que na sua 40ª edição, teve uma mesa redonda sobre “Mulheres na Regência no Brasil” no dia 28 de janeiro de 2023⁴, e que teve sua mediação realizada pela maestra Natália Laranjeira, contando com a presença à mesa importantes representações femininas, como as maestras Mara Campos, Priscila Bomfim, Renata Jaffé e Silmara Drezza.

Nessa mesa, as regentes discutiram primeiramente sobre seus percursos formativos e sobre a consolidação de suas carreiras. E nesse aspecto, as regentes comentam que hoje em dia se tem muito mais abertura e mais facilidades para a realização de cursos e formações, tanto na regência como em outras áreas da música. Relataram também que na época em que fizeram seus cursos de formação musical, aproximadamente 30 anos atrás, essa formação inexistia no Brasil e, portanto, algumas tiveram que buscá-la no exterior. Além disso, ressaltaram a importância em ter referências, “alguém para se espelhar” e principalmente, o apoio familiar. Uma questão trazida por uma das regentes, foi a falta de espaços musicais onde mulheres

⁴ Participei da mesa redonda sobre “Mulheres na Regência no Brasil”, e os apontamentos feitos pelas regentes foram sintetizados por mim e incluídos no texto.

se sintam representadas, acolhidas, entendidas, e que isso reflete na permanência ou não dessas mulheres nesses espaços. As regentes ainda apontaram que já é possível perceber muitas mudanças em relação a ocupação de mulheres, tanto como instrumentistas e como regentes, chegando em alguns casos a ocupação de 50% de mulheres em orquestras e outros grupos musicais, sendo este, segundo elas o principal objetivo.

Outras questões abordadas na mesa de discussão foi a associação da mulher à área pedagógica, ao ensino, e quando seu papel foge disso, é visto com estranhamento. Abordaram também a relação da maternidade com a profissão, e as dificuldades presentes para seguir na carreira ou ter oportunidades profissionais nesse momento importante da vida. Trouxeram também a questão da competitividade dentro da profissão, e destacaram a importância em ter uma relação respeitosa com os colegas de profissão e o apoio entre si. Ao abordarem a competitividade, uma questão trazida foi o fato de que as mulheres para assumirem cargos de regência em importantes orquestras, coros, grupos musicais, precisam ainda ter uma postura mais rígida, brava, impositiva, pois aquela postura maternal, acolhedora, aos olhos de alguns, não serviria para comandar algo tão importante. Para todas essas questões abordadas pelas regentes, elas apontaram a importância em dialogar sobre mulheres na regência, muitas e muitas vezes, de formas diferentes, mas que independente das formas, é necessário falar sobre essa questão. Por fim, destacaram a importância em se participar de simpósios e conversas, sistematizando os objetivos e metas.

Além dessa mesa redonda, teve outra, intitulada “Desconstruindo o Mito do Maestro”, com a apresentação do tema e mediação da mesa por Ingrid Stein Fernández. A mesa teve como convidada a maestra Mara Campos e outros maestros para discutirem questões relacionadas ao trabalho na música de concerto. Outros temas se fizeram presentes, entre eles questões de assédios, resultantes de relações abusivas neste meio profissional. Vale mencionar que na mesma oficina foi oferecido um curso na categoria de MPB sobre “Mulheres na Música Brasileira: Repensando uma História, Construindo Propostas”, ministrado por Bia Stutz, e que trazia como ementa uma introdução aos estudos de gênero, refletindo sobre a participação das mulheres e suas narrativas na música brasileira (OFICINA DE MÚSICA DE CURITIBA, 2023).

Outro exemplo de que a discussão tem estado cada vez mais presente na atualidade, é a produção cinematográfica da diretora e roteirista Maria Peters, o filme *Antônia: Uma Sinfonia*, lançado em 2018. Baseado na vida de Antonia Brico, uma holandesa nascida em 1902, que foi uma das primeiras regentes a obter reconhecimento nessa profissão, sendo assim uma mulher pioneira na regência orquestral. Sobre Antonia Brico, pode-se encontrar também *Antonia: A Portrait of the Woman*, um documentário de 1974, que conta um pouco sobre a vida dela, e também sobre a questão do preconceito de gênero que a maestrina sofreu, e a sua luta contra ele. Nesse documentário, Antonia relata que ao compartilhar seu desejo de se tornar maestrina, teve como resposta que isso seria impossível, e que ela nunca teria essa oportunidade. Conta que em vários momentos de sua carreira, principalmente no início, precisou provar que era capaz de estar à frente de uma orquestra e reger, pois muitos duvidavam de sua capacidade, pelo simples fato de ser uma mulher.

Devido ao crescimento de ocupação de mulheres nos cargos de regentes e também da discussão sobre, formaram-se também movimentos de mulheres regentes, com o intuito de dar cada vez mais visibilidade a elas. Dentre eles, podemos destacar o movimento Mulheres Regentes, que em 2016, por iniciativa de importantes mastras brasileiras, foi formado “com a finalidade de criar um espaço permanente de reflexão sobre a atuação das mulheres na música, assim como promover e implementar mecanismos para eliminar discriminações e injustiças históricas” (CONCERTO, 2021). Assim, em 2021, foi lançado um manifesto que, decorrente das discussões geradas durante o III Simpósio Internacional de Mulheres Regentes em formato virtual que ocorreu em 2020, “diagnosticou-se uma profunda desigualdade entre a quantidade de homens, mulheres e diversidades que ocupam postos de direção de organismos musicais, assim como em suas programações artísticas”. O manifesto reivindicava as seguintes questões:

1. Reivindicamos o acesso a espaços e postos historicamente negados às mulheres na música, particularmente às regentes e às compositoras;
2. Denunciamos a invisibilização do trabalho das mulheres na música, particularmente das regentes e das compositoras;
3. Rechaçamos qualquer ação discriminatória e, sobretudo, repudiamos toda e qualquer forma de assédio;
4. Instamos que sejam estabelecidas legislações que contemplem as demandas de valorização, proteção e isonomia, promovendo igualdade de oportunidades e condições de trabalho para as mulheres regentes, assim como para todas as demais profissionais na música;

5. Solicitamos que sejam implementadas políticas que garantam a educação e o desenvolvimento musical de meninas e jovens (CONCERTO, 2021).

Finalizando a discussão sobre mulheres regentes, mesmo que podendo apontar grandes regentes que foram importantes para a história da luta e conquista das mulheres nessa profissão, ainda vemos na atualidade pouca representação em relação aos homens. Assim, como destacam Freire e Portela (2013), que na edição de 2013 do XX Bienal da Música Brasileira Contemporânea, “nenhum nome de mulher figurou entre os nomes dos sete regentes do corpo de jurados que também votaram” e que “observa-se, assim, mais uma vez, que silenciosamente, concepções e práticas do passado deixam seus vestígios na atualidade, o que indica, também, a importância de revisitarmos nossa própria história” (FREIRE; PORTELA, 2013, p. 300).

2.4 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO ABEM

Para a revisão de literatura dessa pesquisa consideramos importante realizar um levantamento com foco nos Anais dos Congressos Nacionais e Encontros Regionais da ABEM e revistas da ABEM. O levantamento de produções focou no período que engloba os anos de 2004 a 2022, e foi realizado com o objetivo de identificar as produções nacionais sobre o tema e encontrar possível fundamentação teórica de apoio para a pesquisa, a partir das referências bibliográficas dos próprios trabalhos encontrados. A escolha por pesquisar além dos últimos 10 anos foi pelo fato de considerar que nos anos anteriores à 2012 foram encontrados também alguns artigos interessantes sobre a temática. Procurou-se também com o levantamento responder algumas questões como: A área da educação musical tem realizado pesquisas sobre a temática? Quem está produzindo essas pesquisas (graduandos, mestrandos, doutorandos)? São mulheres que estão pesquisando sobre a questão da representação feminina? Quantos trabalhos foram escritos e quais os autores/as? Essas questões serão respondidas no decorrer deste tópico.

A escolha pelos congressos e encontros da Abem justifica-se pelo fato de ser uma associação que promove debates entre pesquisadores da educação musical em

diversos contextos, e a revista por se caracterizar um periódico de fluxo contínuo e de elevado Qualis e ser referência para a área.

Abaixo será apresentada a tabela de análise quantitativa de artigos que foram encontrados e que estavam disponíveis no site da associação, e que tratam de questões de **gênero, feminismo, patriarcado, representação feminina e/ou regentes** (mestre de banda). Para a escolha dos artigos, foi feita uma busca a partir das palavras chaves mencionadas acima, presentes no texto e títulos.

Tabela 1 - Quantitativo de artigos publicados nos Anais dos Congressos Nacionais e Encontros Regionais da ABEM e revistas da ABEM

TIPO	2004	2006	2009	2010	2011	2012	2013	2015
ABEM NACIONAL	1	1	2	1			1	1
ABEM REGIONAL					3	2		
REVISTA DA ABEM	1							
TIPO	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	
ABEM NACIONAL		2		3		11		
ABEM REGIONAL	3		6		7		6	
REVISTA DA ABEM					2	3		

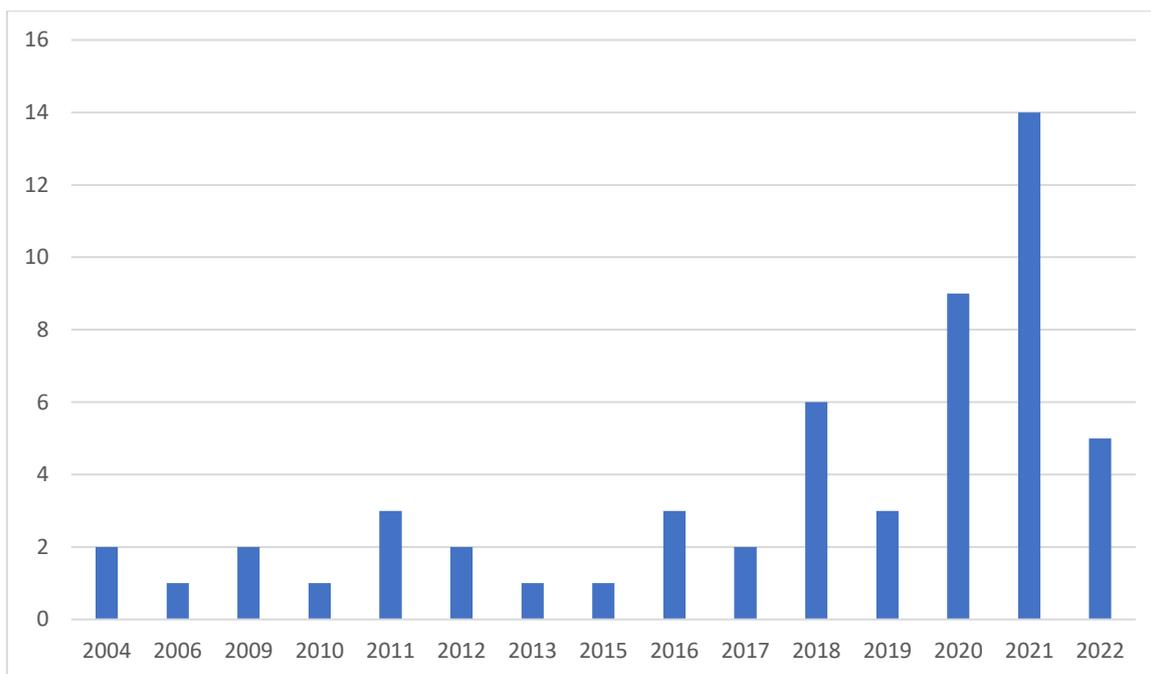
Fonte: elaborado pela autora

Todos os artigos se encontram listados em tabela completa, com indicação de evento, ano, autores, título, palavras-chave e ano de publicação (ver APÊNDICE I).

Foram encontrados um total de 56 artigos publicados, porém apenas um trata sobre mulheres regentes de bandas de música e dois sobre representação feminina/gênero e banda de música. Os outros textos encontrados discutem questões que estão interligadas e se relacionam com a pesquisa e/ou trazem brevemente a discussão, sem constituir o foco principal da pesquisa.

A seguir, no gráfico 1 apresenta o número de artigos publicados por ano nos Anais dos Congressos Nacionais e Encontros Regionais da ABEM e revistas da ABEM para uma melhor visualização dessa produção.

Gráfico 1 - Artigos publicados nos Anais dos Congressos Nacionais e Encontros Regionais da ABEM e revistas da ABEM (2004-2022)



Fonte: elaborado pela autora com base no levantamento das publicações dos Anais e periódico da ABEM.

Neste gráfico, podemos observar que a produção sobre questões de gênero teve um crescimento nos últimos anos em congressos, encontros e revistas da ABEM, principalmente a partir de 2020, sendo a maior concentração de publicações em 2021, com 14 artigos. A maioria dos artigos sobre regência, se referiram a regência coral, poucos sendo sobre bandas de música, e menos ainda sobre mulheres regentes, principalmente regentes em bandas de música. As autoras que tiveram pelo menos três publicações na ABEM sobre a temática de gênero foram: Harue Tanaka-Sorrentino (2006, 2010, 2016, 2017, 2021), Yanaêh Vasconcelos Mota (2018, 2019, et al., 2020, et.al., 2022), Gabriela Garbini Wenning (2018, 2020a, et.al., 2020b). Sendo a primeira, Harue Tanaka-Sorrentino, doutora em Educação Musical e as outras duas autoras doutorandas no período que o levantamento foi realizado. Todas

as três pesquisadoras se debruçam sobre a temática, principalmente nas questões relacionadas ao gênero feminino, além da educação musical.

3. METODOLOGIA

Neste capítulo serão discutidos os processos de construção da pesquisa, como a abordagem e o método. Serão apresentados os procedimentos de coleta de dados, os procedimentos de análise dos dados coletados e os critérios e procedimentos de seleção dos sujeitos.

3.1 ABORDAGEM QUALITATIVA

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa, pelo fato desta abordagem permitir que a pesquisadora explorasse o contexto, banda de música, a fim de entender os fenômenos que ocorrem dentro dela. Desta forma, como aponta Godoy (1995):

[...] o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (GODOY, 1995, p. 21).

Assim, neste tipo de abordagem, o pesquisador é, ele próprio, o instrumento de “observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados” (GODOY, 1995, p. 62). Ainda na perspectiva da pesquisa qualitativa, “os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados ou produto” (GODOY, 1995, p. 63). Desta forma, a pesquisa qualitativa está preocupada em compreender o fenômeno, a partir da perspectiva de seus participantes.

3.2 MÉTODO ESTUDO DE CASO

O método escolhido para a pesquisa, foi o estudo de caso, por “proporcionar vivência da realidade por meio da discussão, análise e tentativa de solução de um

problema extraído da vida real” (GODOY, 1995, p. 25). Assim, com o intuito de responder algumas questões pertinentes à temática, ou de um problema que surge da vida real, como apontou o autor, serão analisados os dados coletados de diversas fontes do contexto escolhido. No caso desta pesquisa, foram analisados dados extraídos através de questionários e entrevistas de mais de um sujeito.

3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A técnica utilizada para a coleta de dados foi um questionário de sondagem e entrevistas semiestruturadas.

O questionário almejou a obtenção de dados tais como: informações pessoais, profissionais e de formação, e se constitui como uma importante ferramenta para obtenção desses dados individuais, para posteriormente realizar a entrevista. Serviu também para conhecer as regentes antes da realização das entrevistas, a fim de delimitar melhor os critérios de seleção e verificar se as regentes se enquadravam neles. O questionário de sondagem que está disponível no Apêndice II, foi estruturado utilizando-se do *Google Forms*⁵.

Ao finalizar essa fase inicial, que se tratou da aplicação do questionário, partimos para as entrevistas semiestruturadas. O roteiro da entrevista, presente no Apêndice III, foi elaborado com base nos aspectos que envolvem as características do trabalho de regência em bandas de música e voltados para o contexto de atuação individual de cada uma das participantes, e para tal, foram estruturadas 13 questões. Após a finalização das entrevistas, foram feitas as transcrições e análise dos dados coletados.

Durante as entrevistas com as regentes, em determinados momentos programados de acordo com as questões, foram passados trechos da entrevista realizada no dia 8 de agosto de 2022, pela Nova ABRACO (Associação Brasileira de Regentes de Coros), que entrevistou a regente convidada Taís Conte Renzetti. A entrevista intitulada “Mulheres Regentes: para além do palco, do batom e da batuta”, abordou a representação de mulheres como regentes. Os trechos, que estão

⁵ Aplicativo de gerenciamento de pesquisas lançado pelo Google.

transcritos no Apêndice IV, foram escolhidos para propiciar elementos de reflexão com as participantes entrevistadas. O primeiro trecho da entrevista da NOVA ABRACO foi apresentado para as regentes após a questão de n.3, e buscava elementos para auxiliar nas questões do eixo “representação”. O segundo trecho foi mostrado após a questão de n.9, para reflexão prévia do que seria discutido na questão de n.10 que tratou sobre “preconceito e assédio na profissão”.

Para um melhor entendimento sobre os procedimentos de coleta de dados, apresenta-se abaixo as etapas realizadas durante o processo da pesquisa:

Primeira etapa: Definição do objeto a ser analisado, através da construção das perguntas a serem respondidas durante as entrevistas.

Segunda etapa: Coleta de dados, mediante a utilização de um questionário de sondagem e, também, de entrevistas semiestruturadas com as cinco regentes.

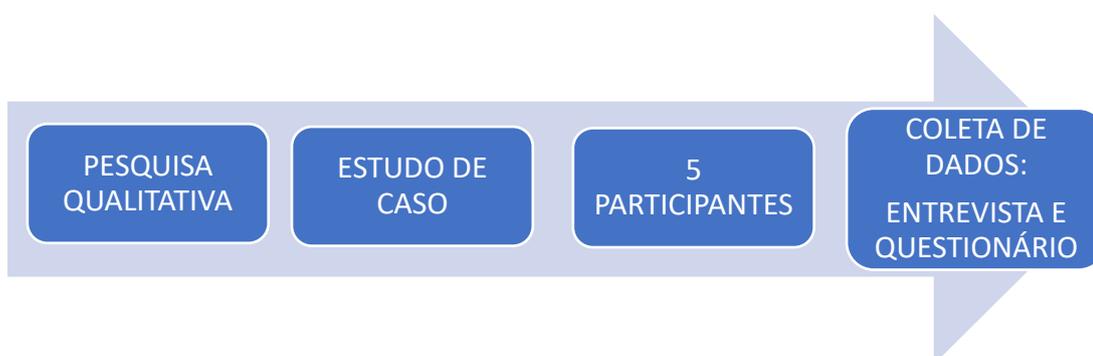
Terceira etapa: Transcrição dos dados coletados para a análise.

Quarta etapa: Análise dos dados coletados.

Quinta etapa: Interpretação, escrita e conclusões dos dados coletados.

A seguir podemos visualizar o desenho da pesquisa e as suas etapas em formato de figura.

Figura 1 - Desenho de Pesquisa



Fonte: elaborado pela autora

3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Após a coleta de dados, realizada a partir do questionário de sondagem e das entrevistas semiestruturadas, a transcrição e organização dos dados foi realizada. Para cada entrevista de vídeo gravada, foi feita uma transcrição, totalizando assim, cinco documentos, um para cada entrevista. Em cada transcrição, as perguntas foram inicialmente separadas na sequência em que foram feitas às entrevistadas, todas seguindo sempre a mesma ordem. Após a finalização dessa parte, foi feito um documento contendo todas as entrevistas agrupadas por categorias, categorias estas que serão apresentadas no subtópico categorização.

De acordo com Bardin (1977), “qualquer comunicação, isto é, qualquer transporte de significações de um emissor para um receptor controlado ou não por este, deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo” (BARDIN, 1977, p. 32). Desta forma, foi escolhida a análise de conteúdo como técnica para analisar os dados coletados. Assim, Bardin (1977) descreve a análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem as inferências de conhecimentos relativos de condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

Essa técnica é organizada em diferentes fases, assim como apontadas por Bardin (1997), sendo a primeira a pré-análise; a segunda a exploração do material; e a terceira o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Na primeira fase, a pré-análise, foi feita a leitura dos dados coletados e foram formuladas algumas hipóteses como: a baixa representação de mulheres regentes em bandas de música; relação entre gênero e a ocupação de mulheres na regência; a existência de preconceito e assédio na atuação de mulheres regentes; a importância do incentivo e referências de outras mulheres regentes para a escolha e permanência das regentes na profissão. Na segunda fase, a exploração do material, foram criadas as categorias. De acordo com Bardin (1977), “a categorização é uma operação de classificação de elementos consecutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios

previamente definidos” (BARDIN, 1977, p. 117). E, por fim, na última fase, o tratamento dos resultados, foi feita a interpretação dos resultados, retornando também a revisão de literatura, para dar base a análise.

3.4.1 Categorização

Foram elaboradas três categorias principais para analisar as entrevistas, e através delas, pretendeu-se descrever, entender e compreender a realidade das participantes da pesquisa na condição de regentes em bandas de música. Abaixo apresentamos essas três categorias:

1. Tornando-se Regente: percurso formativo, influências e motivações.
2. Mulheres na regência: ocupando espaços.
3. A mulher e os desafios para atuar na área da regência.

Na Categoria 1, Tornando-se Regente: Percurso formativo, influências e motivações, estão presentes as questões referentes ao percurso formativo das regentes, ou seja, como foi a trajetória das regentes até se tornarem regentes; escolha profissional; a busca por cursos de formação em regência; além de das influências e motivações para se tornarem regentes. Na categoria 2, Mulheres na Regência: Ocupando espaços, trataremos da ocupação de mulheres como regentes em bandas de música, em cursos de formação e nos locais de trabalho das participantes da pesquisa. Na categoria 3, A mulher e os desafios para atuar na área da regência, serão abordadas outras questões de gênero, que envolve o entendimento desse conceito por parte das regentes; a relação dele com feminismo e patriarcado; os obstáculos que enfrentaram por serem mulheres regentes, como assédio, preconceito e as oportunidades profissionais, e por fim algumas considerações importantes das regentes.

3.5 CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DOS SUJEITOS

Foram definidos dois critérios para a seleção dos sujeitos participantes da pesquisa, e foram os seguintes:

- Mulher atuante como regente de banda de música.
- Atuar dentro do Estado de Santa Catarina.

Por ter um tempo determinado para essa etapa, as primeiras cinco regentes de bandas que conseguimos contatar, foram as convidadas a participar da pesquisa. Caso tivessem sido encontradas mais mulheres regentes, talvez fosse necessário adicionar mais critérios para a escolha das participantes da pesquisa, como por exemplo, tempo de atuação. Mas em relação ao tempo de atuação, já adiantando, pudemos observar que todas tem no mínimo oito anos de atuação frente a bandas, podendo pressupor que nesse tempo de atuação as regentes passaram por diversas experiências significativas. Todas as convidadas a participar da pesquisa aceitaram e se mostraram bastante interessadas e comprometidas em participar da pesquisa.

3.6 PROCEDIMENTOS DE SELEÇÃO DOS SUJEITOS

A busca por mulheres regentes de bandas de música foi feita através de contatos por redes sociais (*Instagram e Facebook*) e *WhatsApp* com outros regentes, músicos conhecidos e outros colaboradores da área, como por exemplo, o próprio regente da banda que eu participo. A partir daí, foram surgindo indicações de mulheres regentes, ou de alguma outra pessoa que poderia ter conhecimento sobre alguma regente, principalmente por essas pessoas estarem relacionadas de alguma forma com bandas de música. A proposta inicial era entrevistar mulheres regentes em bandas de música da Região da Grande Florianópolis. Porém, devido à inexistência de mulheres regentes nessa região, foi necessário ampliar a busca para todo o estado

de Santa Catarina, que, como visto anteriormente, tem uma forte tradição de bandas de música, muitas delas, centenárias.

Foram contatadas seis regentes inicialmente, sendo uma delas, regente de uma banda de percussão, mas como este não era o foco, apenas as outras cinco foram convidadas a participar da pesquisa. O contato inicial ocorreu todo através do *WhatsApp*, onde foi feito o convite às regentes e as apresentações iniciais sobre a pesquisa (APÊNDICE V). Após o aceite das regentes em participar da pesquisa, foi enviado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE VI), por *WhatsApp* e por e-mail, e após a devolução do termo devidamente assinado, foi enviado um link de acesso ao questionário de sondagem. Após o preenchimento do questionário por todas as participantes, foi feito um novo contato também por *WhatsApp* para agendar as entrevistas.

As entrevistas foram realizadas em dezembro de 2022, respectivamente nos dias 15,16,21 e 23, tendo em torno de 1h/1h30min cada uma, e ocorreram através da plataforma de videoconferência *Zoom Cloud Meetings*, onde foram gravadas e transcritas, para posteriormente facilitar o processo de análise dos dados coletados. A seguir será explicado um pouco mais sobre o termo enviado as regentes.

3.7 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

De maneira geral, as pesquisas que envolvem a participação de seres humanos têm a obrigação de estabelecer princípios que assegurem a dignidade da pessoa. Assim, é importante destacar que, para garantir a integridade científica e a proteção das participantes da pesquisa, foram adotadas as diretrizes e normas fornecidas pelo Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), sendo esta, ligada ao Conselho Nacional de Saúde (CNS), e também foram observados os preceitos sobre ética e pesquisa em educação, publicados pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped). Segundo a CONEP:

Para ser ética, a pesquisa precisa

- Respeitar o participante da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio da manifestação expressa, livre e esclarecida;
- Ponderar entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;
- Garantir que danos previsíveis sejam evitados; e
- Ter relevância social, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio humanitária (CONEP, 2023).

Como forma de garantir os critérios éticos para a realização desta pesquisa, foi feito um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de acordo com a Resolução Nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (BRASIL, 2012), com o objetivo de esclarecer as participantes “sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa lhe acarretar, na medida de sua compreensão e respeitados em suas singularidades” (Resolução nº466/12, p. 2). Além dos esclarecimentos sobre a pesquisa, o termo autoriza a participação das participantes na pesquisa e também informa dados da pesquisadora responsável, como o contato em caso de dúvidas ou de questionamentos, explicitando ainda a garantia de privacidade das participantes. Do mesmo modo, foram adotados os mecanismos que garantiram a transparência dos dados e dos procedimentos de confidencialidade, conforme prevê a resolução, reiterando o respeito à autonomia e o anonimato do sujeito participante, assegurando sua vontade em contribuir ou não na pesquisa por intermédio de manifestação expressa.

4. MULHERES REGENTES FALANDO DE SI

Neste capítulo será apresentada a análise dos dados coletados a partir das entrevistas realizadas com as participantes. Primeiro serão apresentadas as participantes da pesquisa, e logo em seguida será apresentada a análise feita a partir das questões formuladas nas entrevistas, que foram subdivididas nas três categorias que foram apresentadas anteriormente.

4.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A seguir, será apresentada uma breve descrição das regentes, com algumas informações pessoais e de formação musical. Cada regente foi identificada por uma letra, mantendo assim o sigilo e a privacidade das participantes, tendo sido escolhidas as letras de A à E. As cidades também tiveram letras como representação, sendo as cidades Y e Z onde as regentes residem.

Regente A: Tem 37 anos de idade, nasceu no estado onde está sendo realizada a pesquisa e mora na cidade Y. É clarinetista e flautista por formação e possui Licenciatura em Artes com habilitação em música por uma instituição da mesma cidade que reside, tendo concluído o curso em 2010, e em 2022 concluiu a especialização em Regência Orquestral em outra cidade do mesmo estado. Participou de simpósios, workshops, masterclass e cursos de aperfeiçoamento com importantes maestras e maestros. Atuou como regente durante 5 anos, e após fazer uma pausa, voltou a atuar como regente de banda faz 10 anos, e atualmente rege a Banda Sinfônica da Secretaria Municipal de Educação da cidade Y, que conta com a participação de 45 integrantes.

Regente B: Tem 34 anos de idade, nasceu e mora na cidade Y. Possui Licenciatura em Música por uma instituição da cidade onde reside, bacharelado em trombone, e pós-graduação em regência, realizada em um estado diferente do que reside. Atua como regente há 14 anos, e atualmente rege uma orquestra e uma banda musical escolar, contando esta última com a participação de 36 integrantes e 29 em fase de

alfabetização musical. Foi criadora de uma banda sinfônica da cidade em que reside, a qual regeu de 2016 a 2020.

Regente C: Tem 30 anos de idade, nasceu em outro estado, e atualmente mora na cidade Y. Iniciou seus estudos musicais em fanfarra escolar, e aos 14 anos iniciou no trompete, seguindo carreira como trompetista até os dias atuais. cursou Licenciatura em Música num estado diferente do que reside e pós-graduação em regência de Bandas e Fanfarras em outro estado também. Participou também de Workshops de formação musical. Atua como regente há 10 anos, e atualmente rege uma banda marcial escolar que conta com a participação de 35 integrantes.

Regente D: Tem 39 anos de idade, nasceu num estado diferente do que reside, e atualmente mora na cidade Z. Toca clarinete e saxofone, possui Licenciatura em Música por uma instituição da cidade Y e pós-graduação em regência pela mesma instituição. Atua como regente desde 2007, há 15 anos, e atualmente rege uma banda escolar da cidade Y, que conta com a participação de 35 integrantes.

Regente E: Possui 29 anos de idade, nasceu na cidade Y, e atualmente mora na cidade Z. Possui Licenciatura em Música por uma instituição de uma cidade diferente da que reside, cursou especialização em regência de forma online (durante a pandemia) e fez curso de formação em flauta transversal num clube musical da cidade em que reside. Atua como regente há 8 anos, desde 2015, e atualmente rege a banda do mesmo clube musical que fez formação, que conta com a participação de 32 integrantes. Também atua como professora de instrumentos de sopro do naipe das madeiras em uma banda escolar na cidade Y.

A partir da descrição acima, foi possível sistematizar os dados do perfil das regentes, conforme tabela abaixo:

Tabela 2 - Perfil das regentes

Regente	Idade	Tempo de Atuação	de	Formação Inicial	Cursos	Local de atuação	de
A	37	10		Licenciatura em Artes - Música	Especialização – Regência Orquestral	Banda Sinfônica	
B	34	14		Licenciatura em Música / Bacharelado em Trombone	Curso de Extensão em Regência	Banda Musical Escolar	
C	30	10		Licenciatura em Música	Regência de Bandas e Fanfarras	Banda Marcial Escolar	
D	39	15		Licenciatura em Música	Pós-Graduação em Regência	Banda Escolar	
E	29	8		Licenciatura em Música	Especialização em Regência	Banda Escolar	

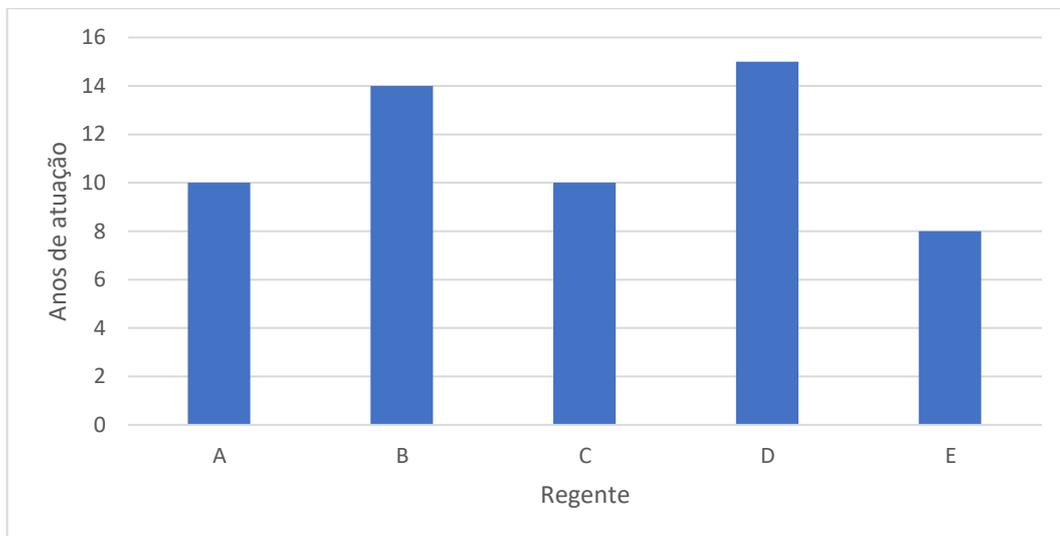
Fonte – Elaborado pela autora

Podemos observar que todas as regentes possuem Graduação em Música, sendo que uma delas, além da licenciatura, possui bacharelado. Todas possuem pós-graduação/especialização ou curso de formação em regência.

Sobre o tempo de atuação das regentes, no contexto de banda de música, a que possui menos tempo, atua desde 2015, ou seja, há 8 anos. E a que possui mais tempo, atua há 15 anos. O gráfico a seguir (Gráfico 2) representa esse tempo de atuação das regentes.

Outra importante informação que vale a pena destacar é que quatro das cinco regentes atuam em bandas escolares, e a que não atua em banda escolar, atua em uma banda vinculada a uma secretaria de educação.

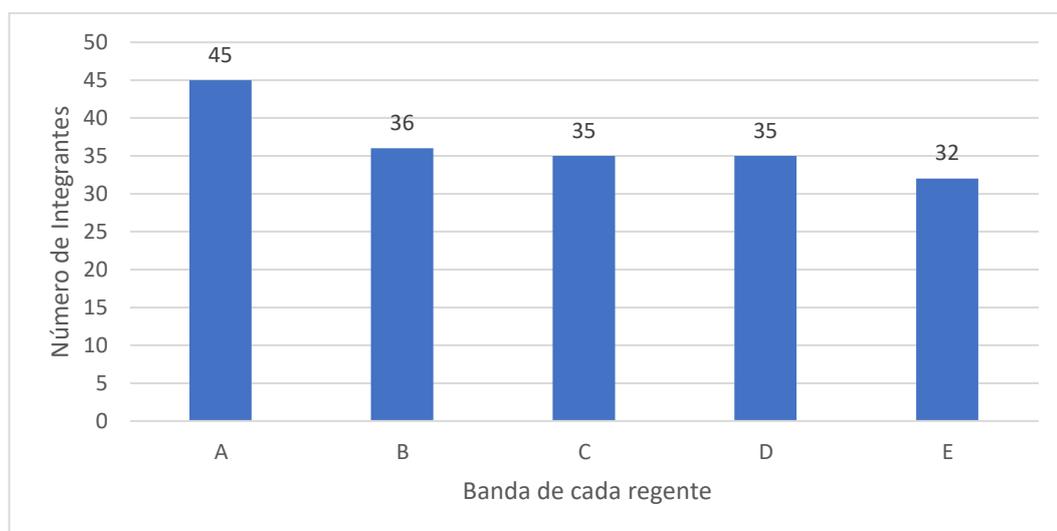
Gráfico 2 - Tempo de atuação das regentes



Fonte: elaborado pela autora

O gráfico a seguir (Gráfico 3) representa a quantidade de integrantes participantes das bandas que as regentes atuam (cada banda está sendo representada pela letra que representa cada regente).

Gráfico 3 - Integrantes das bandas



Fonte: elaborado pela autora

Podemos observar que o número mínimo de participantes são 32, e o número máximo são 45. Porém vale destacar que, em uma das bandas, se for somar os integrantes atuantes e os em fase de alfabetização musical, a banda contará com 65 integrantes.

Algumas questões presentes no questionário inicial como nome, banda que rege, não foram apresentadas aqui, pois tratam de perguntas muito pessoais que podem identificar facilmente as regentes, que vai contra a ética de pesquisa.

4.2 TORNANDO-SE REGENTE: PERCURSO FORMATIVO, INFLUÊNCIAS E MOTIVAÇÕES

Nesta primeira categoria, apresentaremos como se deu, na perspectiva das participantes da pesquisa, a trajetória profissional. Serão abordadas as questões referentes ao percurso formativo das regentes, ou seja, como foi a trajetória das regentes até se tornarem regentes; escolha profissional; a busca por cursos de formação em regência; além das influências e motivações para se tornarem regentes.

4.2.1 Percurso Formativo

Ao narrarem seus percursos formativos, foi possível identificar que, na sua maioria, as mulheres regentes iniciaram sua trajetória dentro de bandas de música, atuando como instrumentistas. Fato que reforça a importância das bandas de música como um grande celeiro formador de musicistas e músicos nas comunidades e que “tiveram uma importância ímpar para a história musical brasileira e continuam, em muitas cidades interioranas, como única opção de formação e ensino musical junto à população” (BRANDÃO et. al., 2008, p. 10). De igual modo, a pesquisa de Wendt (2013), já havia constatado que a banda de música para além da formação de instrumentistas, ela acaba sendo uma “escola de formação de professores e regentes” (WENDT, 2013, p. 26).

Após a conclusão do ensino básico, ainda jovens, as regentes optaram por seguir na área da música, cursando licenciatura. Assim, concluída a graduação, elas

buscaram cursos de aperfeiçoamento, especialização e pós-graduação em regência. Corroborando com Brandão et. al. (2008) e Wendt (2013), as regentes participantes da pesquisa narraram como foram os processos e os fatores que as mobilizaram na escolha da profissão.

A regente A conta que “foi como se eu tivesse caído de paraquedas, para ser regente”. Conta que sempre tocou em banda de música, e quando foi para a área da educação e tinha que “juntar o grupo para fazer música”, passou a se enxergar, nesse momento, no papel de regente. Assumiu também uma banda escolar, e “foi ali que bateu o click, sou regente”. Ao assumir essa nova função a regente A começou a se interessar mais pela regência e foi em busca de cursos na área para melhor se preparar na condução do grupo.

A regente B narra, também, na entrevista, como foi a sua trajetória musical:

Regente B - Iniciei toda minha trajetória musical no Programa Bandas e Fanfarras em que hoje eu sou professora. Então, de início, eu comecei como professora de metais e, automaticamente, tive que assumir a regência dessa banda de música. Então, depois dessa experiência, já iniciando como professora e, posteriormente, como regente, eu comecei a tomar gosto pela arte da regência, [...] fui em busca de formação para estar atuando na frente do grupo (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 23/12/2022).

A regente B reforça o papel das bandas de música na formação de novos músicos. Ela própria relata que “praticamente nasci dentro de uma banda de música”. Destacou, também, a influência que teve da sua professora, que era a regente da banda, “ela foi uma das pessoas que mais me incentivou a seguir na profissão”.

A regente C, assim como as outras, também iniciou a sua formação musical em banda de música, tocando percussão na banda da escola, mas, depois, quando teve a chance, mudou para trompete, pois segundo ela “era um instrumento que chamava muito a minha atenção”. Antes mesmo de terminar a sua formação em Licenciatura em Música, surgiu uma oportunidade de emprego como regente num programa de bandas, e foi aí que “iniciei minha nova função”. Conta que isso aconteceu há 10 anos atrás, e naquele período, havia uma “falta de profissionais formados, então me tornei regente pela necessidade do programa”.

A regente D, de forma parecida, conta que logo após se formar em música, foi chamada para fazer parte de um programa, “e daí eu comecei já como regente, não tinha nenhuma experiência”. Relatou que na faculdade teve aulas de regência, mas

mesmo assim, no início, sentiu um pouco de dificuldades em conduzir o grupo.

Regente D - Eu nunca fui muito do tipo, assim, não vou dizer que eu não gosto muito de regência, eu prefiro tocar. Também sou saxofonista, clarinetista, sempre toquei em banda também, nunca tive essa vivência, sempre fui regida! E quando cheguei pra reger, teve os momentos bem difíceis, nervosismo de estar ali na frente de uma banda, eu sempre fui muito tímida, mas daí tive que me expor ali na frente dos alunos. No começo foi bem difícil, não vou dizer que foi fácil, mas agora, tenho bastante liberdade. Para mim já ficou um pouquinho mais natural, vou dizer assim! (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 16/12/2022).

A regente E afirma ter começado a atuar na regência pela necessidade de emprego. Relata que após se formar, começou a trabalhar com fanfarra de percussão e lira, e ficou durante 3 anos como regente desse grupo. Depois, passou a trabalhar em uma banda onde já atuava como professora auxiliar de regente, “o maestro saiu em julho de 2019, aí eu assumi o cargo”. A partir de então, começou a reger outras bandas também, mas optou por continuar regendo apenas uma, devido à grande demanda do cargo.

Regente E - Então, cáí meio que de paraquedas nisso, não foi meio que um negócio tipo: Ah, eu sempre quis fazer...! Eu comecei a tocar na banda que eu trabalho (na cidade Z), e eu toquei uns anos ali, depois fiquei uns anos fora e depois eu voltei ali para trabalhar (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 15/12/2022).

A regente E também relata que, como teve sua formação musical em banda de música já tinha uma certa “noção da questão organizativa e de arranjos”. Em contrapartida, na questão do gestual, “tinha muita coisa que eu não sabia, aí eu pesquisava, perguntava para alguém”, “eu tocava numa banda, aí ia vendo como o pessoal fazia, aí eu comecei a procurar curso na internet, essas coisas, livros”.

Como aponta Nóbrega (2018, p. 81) para os regentes de bandas “a base para o ensino é a experiência anterior com bandas”. Nesse sentido, as regentes iniciaram ou tiveram parte de sua formação dentro de bandas de música, tendo, portanto, mais familiaridade com o espaço de ensino, o que, acredita-se facilita, significativamente, para que possam atuar com a regência em um “contexto familiar”. Nesse aspecto, a regente B considera o espaço de bandas e fanfarras como “a base para a educação musical de muitas musicistas e músicos”, e de forma igual para regentes, “são poucas exceções de regentes que estão em bandas e vão reger uma orquestra, são algumas

exceções”. Explica que isso se deve também ao fato desses regentes já estarem familiarizados, pois “vieram de bandas, então tem uma questão das referências”.

4.2.2 Fatores para escolha e permanência na profissão

As participantes da pesquisa também se posicionaram em relação aos fatores relacionados a escolha da profissão, tanto para o ingresso na carreira musical e em regência, como para permanência nesses espaços. Serão apresentados também alguns dos obstáculos que as regentes enfrentaram para poderem se profissionalizar na área específica de regência.

Escolha Profissional e Influências

Foi perguntado as regentes o motivo por terem escolhido a regência como profissão, e o que as motivou a atuar em bandas de música. Além disso, as regentes também se posicionaram sobre as influências e apoio da família, amigos ou colegas para seguir na profissão, já que, em muitos casos, esse apoio e incentivo seriam fundamentais.

A regente A conta que escolheu a regência porque ficou “fascinada pela área”, “o mosquitinho picou e ficou, aquela coisa de ‘fiscou’”. Relembra que se apaixonou pela área quando retornou para trabalhar no programa de bandas e fanfarras em uma escola onde ela havia estudado, “então eu já tinha um carinho pela escola, eu acho que ali quando eu vi ‘puxa, dá para fazer mais’, ali eu acho que a profissão me fiscou”. Sobre uma de suas inspirações, a regente menciona uma amiga de longa data, que também é regente e é uma referência na região, “ela disse ‘vai lá, faz um curso também, faz uma especialização, vai fundo’”. Menciona também mais outros dois regentes homens. Neste momento a regente se dá conta que poderia ter mais inspirações mulheres, “eu acho que eu poderia ter mais inspirações mulheres, pensando agora, a gente poderia ter mais inspirações em mulheres, né!”.

Além das inspirações, a regente teve incentivos do marido, da família, da coordenadora geral e também de sua gerente, mas relembra que quando decidiu fazer faculdade de música, seu pai ficou bastante preocupado: “Quando eu falei assim: eu

vou estudar música, eu vou fazer música! Ele ficou extremamente preocupado, e disse: meu deus, ela vai fazer música!”. Essa preocupação, segundo ela, era pela falta de oportunidades e estabilidade da profissão que são enfrentadas por muitos músicos, mas explicou que isso não afetou seu interesse pela área.

A regente B conta que nasceu musicalmente dentro de uma banda, e começou a atuar dentro das bandas de música primeiramente como estagiária, dando aulas de metais em outra cidade, devido a uma proposta que recebeu de sua professora, que era regente da banda da qual ela participava. E quando retornou para a cidade Y “eu já voltei como professora de metais e regente. Com isso, eu fui me identificando com a arte da regência”. A partir daí, a regente B começou a buscar cursos e especializações, “eu vi a necessidade de que eu precisava estudar mais para então desafiar o grupo”, “através desses cursos, conhecimentos que eu fui buscando, então fui me dedicando cada vez mais e gostei”. Para iniciar na música, a regente B relembra que teve apoio dos seus professores, e seus amigos e outros profissionais da área foram quem a incentivaram a seguir também na regência. Assim como a regente A, a regente B não teve apoio inicial da sua família,

Regente B - Somente depois que eu terminei a faculdade que a minha família entendeu: não, é isso que ela quer, é isso que ela gosta. Aí eles começaram a apoiar. Durante todo esse trajeto de banda de escola, de faculdade, eu sempre tive apoio dos meus professores (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 23/12/2022).

Não muito diferente da regente B, a regente C também vem de uma tradição de banda de música, tocando trompete. Então, quando perguntei sobre a escolha por banda de música, relatou que:

Regente C - Eu sempre gostei muito de banda, sempre gostei muito de escutar música e eu praticamente fazia só isso, eu ia pra escola e no contraturno eram as aulas e ensaios. Então eu tocava em várias bandas da cidade, eu era a única menina no trompete, e começou a ficar mais difícil o repertório ali então as bandas viviam me chamando. [...] E como eu sempre gostei de banda, eu fiquei mais ou menos nesse meio (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 21/12/2022).

No caso da regência, conta que “a regência acabou entrando meio na necessidade, aí tem o grupo ali e tu é a que mais entende o que que tá acontecendo e fazer

as indicações, [...] foi meio natural, mas o que fez tudo acontecer foi através do trompete mesmo”. Sobre as influências, a regente conta que não teve influências externas, “foi mais um negócio interno”, mas que na sua formação inicial, durante a graduação, teve um professor que a ajudou muito. Ela reforça que gosta muito de fazer o que faz, e que se sente feliz tocando e ensinando, “a minha felicidade está em tocar”. Assim como a regente A e a regente B, a regente C também enfrentou uma resistência por parte da família no início de sua formação, quando optou por fazer faculdade de música, mesmo tendo diversos cursos a sua disposição.

Regente C - Para a tristeza da minha família eu escolhi música, que era o que eu gostava, [...] não foi muito bem-visto, assim, pela minha família, porque eu podia ir para uma área da saúde, para eles era mais status social, e acabei indo contra o ideal deles para os filhos (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 21/12/2022).

A regente D também veio da tradição de banda, com 15 anos entrou na Banda Municipal da cidade Z, e durante 9 anos ficou tocando na banda e nesse meio tempo fez faculdade de música. Conta que “nunca pensei ‘eu quero ser regente’”, ela queria mesmo era ser instrumentista.

Regente D - Meu sonho era tocar na marinha, tocar numa banda da marinha, só que daí eu não consegui atingir o meu objetivo e fiz a faculdade e chegou a oportunidade de eu trabalhar como professora no programa, mas não foi uma coisa que eu queria - Ah, eu quero ser regente! Nunca, nunca tive, aconteceu de eu sair da faculdade e conseguir trabalhar na prefeitura da cidade Y, e a partir dali, faz 15 anos, aconteceu naturalmente. Não foi uma coisa que eu sonhava, e agora é isso que eu faço e eu gosto muito. Meu trabalho sempre está evoluindo muito, minha banda está cada vez melhor, isso é bem gratificante! (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 16/12/2022).

Em relação as influências, conta que não teve nenhuma, pois não esperava ser regente nesta fase inicial. Mas diferentemente das outras regentes, teve bastante apoio da família quando optou por seguir na música profissionalmente, “sempre fui incentivada pela minha família, pelo meu marido, minha filha também, eu incentivei e ela também toca sax, então a família toda gosta muito de música”. Conta que desde pequenos, ela e seu irmão, foram incentivados pelos pais. Lembra que em alguns momentos até pensou em desistir de tocar saxofone quando era pequena, porém seu pai não deixou, e até comprou um saxofone para ela seguir tocando. Apesar do incentivo, a regente D reconhece que muitas pessoas ainda não valorizam o trabalho dos

músicos e musicistas, e que já foi questionada com o que trabalhava, mesmo ela dizendo que trabalhava com música.

Em relação a escolha da profissão, a regente E relata que acabou entrando na profissão “mais porque era o que tinha de emprego”, “eu acabei meio que caindo sem querer”. Como ela já trabalhava ensinando música em banda, acabou surgindo a oportunidade de reger a banda. Essa parece ser uma situação recorrente às participantes da pesquisa, ou seja, o fato de estarem atuando como instrumentistas as impulsionaram para assumir a regência do grupo. Sobre a opção por seguir regendo bandas de música, a regente E conta que em alguns casos específicos, desistiu de reger uma das bandas que atuava na cidade Y por conta da “pressão absurda” e “desespero” das bandas da cidade em participar em desfiles tradicionais, e que por conta desses desfiles, “vira uma rixa de escola, com todo mundo querendo ir, e a direção não está preocupada se o aluno toca bem, se articula certo, se está lendo partitura, eles querem ir para lá”. Mas no caso de outra banda que rege na cidade Z relata que:

Regente E - O que me motiva a continuar é que a banda fez 76 anos esse ano em julho, aí me motiva a estar ali, porque eu estou continuando essa tradição que tem ali na cidade Z, e é o único lugar, é um lugar estruturado que tem, sabe, claro, todo lugar vai ter problema, mas é uma coisa que funciona sabe (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 15/12/2022).

Sobre as influências para entrar na regência, conta que não teve nenhuma, em especial, “não teve ninguém assim que influenciou na área da regência”. Ao mesmo tempo, ela comenta que não teve ninguém se colocando contrário a ela assumir a regência. Nas suas palavras: “tu regendo vai dar errado, não, não teve isso!”. Mas, mesmo assim, ela reconhece que as pessoas ainda têm um certo preconceito sobre quem opta por fazer faculdade de música, “o pessoal acha que tu vai passar fome e não vai dar em nada. De um modo geral assim, não é questão de regência, é questão de música num modo geral”.

Alguns relatos das participantes da pesquisa nos mostram que as famílias ainda consideram que a área da música não é tão valorizada como profissão, e apresentaram inicialmente uma resistência enquanto a escolha profissional das regentes em seguirem carreira musical. Esse posicionamento as vezes aparece de forma ve-

lada e as vezes de uma forma bem clara. Em relação a resistência da família no momento da escolha das regentes em estudar música, surge o questionamento: será que essa resistência seria a mesma caso fossem homens? Acredito que não, já que, como visto anteriormente, os homens sempre ocuparam mais espaços na música que as mulheres, isso inclui espaços dentro das universidades, assim como mencionado por Scott (1992), onde foi necessária uma luta para que as mulheres pudessem ingressar no meio acadêmico. É importante destacar também que, assim como mencionado no perfil das regentes em relação ao local de atuação, a maioria atua em bandas escolares, sendo a escola um local de ensino. Relacionando esse local de ensino com o que Green (2001) chama de “patriarcado musical”, onde as mulheres poderiam exercer essa função da educação relacionada a musical, sendo mais aceito que exercendo outras funções e cargos na música, e talvez o fato das regentes atuarem no contexto escolar também tenha sido um fator importante para a permanência delas na regência. As experiências anteriores das regentes dentro das bandas de música, e por gostarem daquele contexto, foi um fator que as motivou a continuarem dentro das bandas, atuando como regentes. Mas ainda podemos observar que as regentes tiveram poucas influências de mulheres durante a escolha da profissão, assim como observado pela regente A.

4.2.3 Busca por formações em regência

Sobre a participação e realização de cursos de formação em regência, questão abordada por Moreira (2013) como importante para capacitação de mulheres, fazendo com que possam assumir mais cargos em regência, algumas das regentes contam que tiveram que se deslocar dos bairros ou cidades de onde residiam, e em alguns casos, irem para outros estados, para poderem realizar alguns desses cursos.

A regente A conta que nos primeiros momentos ela fez muitos cursos fora da cidade onde residia. Como na época trabalhava em uma fanfarra e havia uma confederação de bandas, quando havia algum curso em algum lugar, os regentes formavam grupos e se deslocavam juntos para participar desses cursos. No caso da sua especialização, iniciou em outro estado, no Paraná, mas conta que “como a maior parte do

grupo era de Santa Catarina, da turma, então a gente foi para outra cidade. A gente fez nessa cidade alguns encontros e depois foi tudo online, acabou ficando assim, infelizmente”. Em relação ao curso ser em maior parte online, foi devido ao período de pandemia, conta a regente, que não pareceu muito contente com esse fato, mas relembrou que mesmo assim foi possível uma troca de experiências com os colegas de curso, e também conhecer outras realidades, já que era um grupo bastante diverso, com regentes de várias cidades diferentes do estado. Além disso, a regente A contou que “alguns cursos eram gratuitos, o que era bem legal, eu consegui gratuidade de alguns cursos, outros eram pagos, mas parte deles foi fora e parte deles aqui”.

A regente B também precisou se deslocar de sua cidade para a realização de cursos mais específicos em regência, porém, esse fato dificultou a sua continuidade e finalização de sua formação.

Regente B - Curso de extensão são poucos aqui, tem mais workshops, masterclass, na nossa região de Santa Catarina. Bacharel específico em regência hoje, o mais perto da cidade Y é na Federal do Paraná, e Belas Artes, e também São Paulo, então como não tinha aqui, eu procurei estar fazendo curso de extensão na Mozarteum em São Paulo. Eu iniciei no Belas Artes composição e regência, mas devido ao dia a dia, estar indo e voltando, duas ou três vezes por semana eu não consegui dar continuidade (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 23/12/2022).

A regente C também foi em busca de cursos de formação em regência mais próximos da cidade onde residia, porém, o mais próximo era em Curitiba, na EMBAP (Escola de Música e Belas Artes do Paraná). Conta que quando havia um módulo do curso, uma disciplina, que em geral durava de uma a duas semanas, se deslocava todos os dias para o outro estado para a realização do módulo, e que todo esse deslocamento, além de cansativo, saiu caro.

Regente C - [...] Pra mim foi bem caro o de Curitiba. Assim, três da tarde, eu tinha que liberar os meus alunos, ia para o Paraná, chegava no horário da aula que era umas 18:30/19:00h, fazia aula até umas 22h, e aí voltava. Então eu chegava, eu tinha umas 3h para dormir nessa época da graduação, e começar tudo de novo, deu um ano e meio disso mais ou menos. [...] A gente fazia mais ou menos uma semana e meia ou duas semanas de disciplina. Então, por exemplo, havia a disciplina de história das bandas e fanfarras, daí era uma semana e meia indo todo dia até terminar o módulo. Que foi o jeito mais rápido que eu consegui fazer e que preservasse a minha sanidade mental (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 21/12/2022).

A experiência da regente D foi um pouco diferente em relação as demais regentes já mencionadas. No caso dela, conta que os cursos que realizou foram em sua maioria na cidade Y, “que é uma cidade bem perto de onde eu moro, não dá nem 15 minutos, bem na divisa, para mim é bem pertinho, daí os cursos são ali na Universidade Regional da cidade Y”. Outros cursos além dos realizados na cidade Y, foi apenas um em outra cidade do mesmo estado.

E por fim, a regente E conta que quando foi fazer a pós-graduação em regência, veio a pandemia, o local mais próximo onde oferecia curso estava fechado, e acabou realizando o curso todo online. Devido a isso, não precisou se deslocar em momento algum, porém, devido ao fato de ser online, “as vezes a questão do gestual não ficou tão clara, mas deu para aproveitar bastante”. A regente comentou também da Oficina de Música de Curitiba, que em algumas edições oferece cursos de regência, mas que naquele ano, não poderia estar presente devido as demandas do seu trabalho, e comentou que “ia tentar entrar na Oficina de Curitiba ali de regência, mas eu vou ter que trabalhar ainda. Final de janeiro aqui que acaba, como tu é regente, acaba ficando sempre pra ti assim”.

A partir dos relatos das regentes, podemos observar que o fato de não haver muitos cursos nas cidades onde as regentes residiam quando decidiram buscar por formações, foi o principal fator que levou as regentes a procurarem cursos em outros lugares. Mas que, pelo fato de serem em outras cidades, além de causarem desgaste, também dificultou em alguns casos a permanência, como foi o caso da regente B. Mas mesmo sabendo dos obstáculos em relação a distância, e as consequências que isso causaria, como gastos para locomoção, as regentes mesmo assim optaram por realizá-los, pois naquele momento, priorizavam a formação específica em regência. A opção por cursos online tem facilitado também a realização destes por parte das regentes, que nos casos das regentes A e E, puderam realizar parte ou todo o curso online. No fim, além de qualificação profissional, a participação nos cursos trouxe também experiências únicas de compartilhamento com outros profissionais da área.

4.3 MULHERES NA REGÊNCIA: OCUPANDO ESPAÇOS

Nesta segunda categoria, será discutida a ocupação de mulheres como regentes em bandas de música, em cursos de formação e nos locais de trabalho das participantes da pesquisa.

Antes de questionar as regentes sobre essas questões, utilizamos um trecho da entrevista realizada pela ABRACO (APÊNDICE IV, PARTE I), como elemento reflexivo para suscitar uma discussão com cada participante. A entrevista com a regente Taís Conte foi escolhida por tratar de questões de gênero como a representação de mulheres como regentes, o assédio no ambiente de trabalho em cargos ocupados por mulheres, e devido ao fato da entrevistada ser uma mulher regente, talvez fosse mais fácil as entrevistadas da pesquisa se identificarem com os relatos. Acreditamos que esse trecho selecionado poderia gerar mais discussões sobre o tema, e a partir dessas colocações, fazer um paralelo com as experiências das trajetórias das entrevistadas.

4.3.1 Representação de mulheres em bandas de música

Como mencionado anteriormente, para a realização desta pesquisa, foi feita uma busca por mulheres regentes em Santa Catarina. A partir dessa busca, foi observada uma baixa representação de mulheres ocupando esses cargos, assim como apontado por Botelho (2020); Moreira (2013); Freire e Portela (2013). A fim de discutir sobre a baixa representação de mulheres atuando como regentes, foi perguntado quais seriam os fatores que influenciavam nesse aspecto, a partir das próprias experiências e opiniões das regentes.

A regente A trouxe o contexto em que ela está inserida, que é dentro de um programa de bandas. Então, a partir das mulheres que fazem parte deste programa, juntamente com ela, e que são regentes, ela aponta que “falta mais ousadia das mulheres, tem poucas, se for contar, acho que tem uma meia dúzia no máximo, mas eu acho que falta ousadia”. A regente relaciona a profissão de regente com um perfil de liderança que nem sempre todas possuem. Pondera também, se essa falta de ousadia ou liderança talvez esteja relacionada à falta de entendimento dos fatores que estão relacionados à profissão, ou seja, do que se precisa para ser regente, do perfil

para esse cargo, mas considera que talvez tudo isso não seja uma exclusividade das mulheres, e que podem existir homens que também não se identificam com a profissão.

Regente A - Eu sei que é difícil assim, talvez de todas elas, talvez parte delas entenda que ela já sofreram algum preconceito de gênero, que é o meu caso, talvez parte delas nunca tenha percebido isso né, do que é estar à frente ou de saber que fulano acha que não tem competência ou coisa assim, mas eu acho que falta mais ousadia daqui, sabe, e tem gente que realmente não quer, né. Eu tinha uma colega de trabalho que era minha auxiliar, eu sou flautista e ela também, mas ela disse “não, eu não tenho perfil pra isso”. Às vezes também pode ser isso sabe, ter o perfil da liderança, eu acho que isso também conta bastante sabe, liderança, ousadia, talvez sejam algumas palavras-chave pra isso tudo sabe (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 16/12/2022).

A regente traz também uma experiência que tem vivido recentemente, após ser efetivada, e se emociona ao relatar:

Regente A - A gente passa muito por questões de preconceito de gênero, isso eu falo com muita propriedade, para mim esse ano foi muito difícil, porque eu passei por isso esse ano. [...] Os meus colegas professores homens, eu diria que saíram me difamando, infelizmente, eu fiquei sabendo, não confrontei, ainda, mas disseram que eu não era competente. Muito pelo contrário, eu me vejo sendo competente naquilo que eu faço, me magoa, isso é uma coisa que me deixou bastante chateada, mas eu acho que falta muita ousadia, das mulheres, e enfrentar isso tudo (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 16/12/2022).

A fala da regente A apresenta uma proximidade com as análises de Louro (2008) sobre a questão de gênero, pois colegas homens colocaram em discussão a sua capacidade e/ou competência como mulher ao assumir um cargo específico de liderança. Outra questão que reflete o sentimento comum de opressão proporcionado pelo modelo de patriarcado a que foi submetida foi o seu silenciamento diante de uma situação de preconceito e opressão. Nesse caso específico, a regente comenta que teve apoio de sua coordenadora para conseguir enfrentar a situação.

A regente B, acredita que a baixa representação está relacionada a uma questão mais histórica, onde:

Regente B - Ao analisarmos historicamente, o poder da palavra e da razão sempre foi masculina. Isso faz parte do contexto histórico mundial, inclusive bíblico, antigamente era mais forte, a mulher não poderia tomar uma decisão sem conversar com o varão. A igreja evangélica trata muito disso, então, com isso também trouxe bastante dificuldades para uma mulher que está à frente de uma banda, de uma orquestra, de um coro, porque para o homem é insulto

ele ser comandado por uma mulher. Então, toda essa dificuldade já vem de longos anos atrás, diria séculos. E hoje, acredita-se, pensando em Brasil, porque o Brasil ele está mais maleável em relação ainda a Europa, Estados Unidos, a representatividade feminina ela está aparecendo mais. Claro! Não como deveria ser, mas as coisas estão tendo resultados, e o cenário está mudando (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 23/12/2022).

A regente B cita algumas regentes brasileiras, e também regentes estrangeiras que estão vindo ao Brasil para regerem orquestras. Comenta que na cidade Y, onde reside, “tem 40 corporações, mais ou menos, e de mulheres, professoras e regentes, quase a metade”. Acredita que isso se deve ao fato de que, para ingressarem como regentes nessas instituições, é necessário fazer um processo seletivo, que de certa forma oportuniza o ingresso de mais mulheres nas bandas. E a partir do momento que são criadas essas oportunidades, mais mulheres podem atuar como regentes, e aí sim pode ocorrer uma mudança mais efetiva no cenário musical e na representação de mulheres nesses espaços.

Mas, assim como a regente A, a regente B também acredita que nem sempre são todas as mulheres que querem realmente ser regentes, muitas delas optam apenas por serem professoras de naipe. Assim, ela destaca que as que querem ser regentes, precisam buscar isso, buscar formações e estar presente nesse meio musical.

Regente B - Eu acredito, pensando na nossa realidade, que as oportunidades estão mais de portas abertas. Quando eu iniciei o curso de regência no Paraná, eu era a única menina da classe, então, eu acho que as mulheres também precisam buscar mais isso. E a questão do apadrinhamento também, a gente sabe que quando a gente está no meio, se a gente não está inserido no grupo de regentes, a gente não busca formações, nós não conhecemos pessoas, as pessoas também não vão conhecer o nosso trabalho. E é aquele ditado, “quem não é visto, não é lembrado”! (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 23/12/2022).

Ela ainda identifica que existe sim um certo preconceito em relação a participação das mulheres como regentes, principalmente em grandes orquestras, mais do que no caso dela, que trabalha com bandas escolares, com crianças. Neste caso, nas bandas escolares ela não percebe esse preconceito. Nesse sentido, se existissem mais espaços acolhedores, no qual elas fossem respeitadas e convidadas a reger, haveria mais mulheres ocupando cargos como regentes de bandas, ou de

qualquer outro espaço musical.

A regente C traz a questão das exigências necessárias para ser regente, onde é preciso se dedicar muito, ter conhecimento para além do seu instrumento. E por isso, “são poucos os músicos que se sentem à vontade ou a necessidade de ir para o mundo da regência”. Ela percebe o meio musical profissional ainda como sendo muito masculino, que além da regência, fica bastante evidente isso no trompete para ela, que é também o seu instrumento de trabalho. Com isso, ela relaciona a baixa representação de mulheres regentes com a baixa representação de mulheres instrumentistas em bandas de música, porque é necessário “conhecer todos os instrumentos que tu vai reger”. A regente acredita que essa questão de ter poucas mulheres regendo é porque tem poucas mulheres trabalhando profissionalmente como instrumentistas.

Regente C - Um regente na verdade ele toca algum instrumento, ele veio de algum instrumento antes de partir para a regência, mas de qualquer forma, e de todo jeito, eu acho que a partir do momento que tu toma um lugar de destaque, que é a regência de um grupo, tu é muito cobrado. Eu vejo, eu sinto que por ser mulher eu sou mais cobrada ainda, eu tenho que mostrar assim, que eu estou preparada e isso é provado, tirado a prova principalmente dos homens ali que gostariam de estar no meu lugar! (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 21/12/2022).

A regente traz a sua própria experiência profissional em um programa de musicalização instrumental de bandas e fanfarras como referência, onde trabalhou praticamente apenas com homens, considerando como algo natural desse meio, natural das bandas de música, onde a participação é majoritariamente masculina. A regente aborda uma outra questão que também dificulta as mulheres de assumirem cargos que exigem demandas grandes e responsabilidades, como mencionado por ela no caso da regência. O fato de a sociedade ter atribuído um papel à mulher de exercer funções domésticas, assim com discutido por Green (2001), quando a autora afirma que na música há também uma relação de poder e atribuições de papéis marcadas pelo gênero. Assim, as mulheres ainda teriam as funções domésticas para dar conta, ou seja, ao assumir a regência, as atribuições relativas ao cargo estariam em conflito ao que a sociedade e, particularmente, muitos homens ainda esperam de uma mulher, pois se precisaria “ter mais versatilidade de horário, de tempo, precisa se dedicar”. Nesse sentido, podemos questionar até onde a mulher pode sacrificar a

sua vida pessoal para ocupar esses lugares. Afinal, uma mulher não deveria ter que sacrificar sua vida pessoal para poder ocupar espaços que homens já ocupam sem precisarem sacrificar nada, sem julgamento, sem precisar provar nada.

Ainda tratando da representação de mulheres em bandas de música, a regente D comenta que não sabe explicar ao certo qual é o motivo da baixa representação feminina na profissão da regência, mas, assim como a regente C, percebe que a regência ainda é um meio profissional com uma presença majoritariamente masculina.

Regente D – A mulher realmente ainda não chegou a se igualar com o homem ali, não por falta de capacidade. Nós temos a mesma capacidade que os homens, mas, realmente, eu nunca tive uma regente mulher na minha vida, sempre homens. (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 16/12/2022).

A regente D nos relatou que teve apenas uma única professora regente, quando cursou a pós-graduação. Ela reconhece que as mulheres são muito capazes, porém ainda existe essa resistência de mulheres no comando, mas esse cenário está mudando aos poucos, já que “começou a aparecer várias mulheres capacitadas para isso”, que atuam como regentes.

A regente E afirma que na cidade Y, tem mais mulheres do que homens regendo. Aponta que isso é uma consequência dos concursos públicos, que oportunizam mulheres a ingressarem como regentes em bandas escolares, como já mencionado por outras regentes. Contudo, ela menciona o fato de que em bandas que não são escolares, o processo de ingresso como regente é diferente, “não tem prova, é um negócio passado. Depende da pessoa querer passar”. E como muitas dessas bandas tem integrantes mais velhos, assim como apontado pela regente, as vezes, a aceitação não é tão boa para uma regente mulher. Para elucidar essa colocação, a regente E dá o exemplo da banda em que ela toca, que usufrui do espaço de uma igreja e, por isso, toca nas festas da igreja, “antigamente, até a década de 80 a própria igreja não deixava tocar, não podia”. Mas com o passar do tempo, a banda foi se atualizando, e esses integrantes que não concordavam em tocar com mulheres, foram saindo da banda. Com isso, foram se abrindo espaços para cada vez mais mulheres tocarem, e assim, também para atuarem como regentes. A regente E também aponta as várias demandas da atuação da profissão de regente de banda e

os horários diferenciados de trabalho como fatores que são obstáculos para as mulheres assumirem a regência de um grupo.

Regente E - A maioria das bandas hoje, projetos, de escola é menina, a maioria. Então, como é que você vai chegar ali na regência também que é um negócio que às vezes você tem que ficar viajando, por exemplo, ontem teve encerramento ali, fiquei meio que o dia inteiro em função disso, troquei o dia da escola pra isso, e cheguei em casa também, era dez e pouco da noite. É tudo em cima de ti, uma responsabilidade, é questão de tempo, fora a questão ali de estudo disso. Aí muitas acabam ou largando ou ficando tipo na questão da escola, uma coisa mais que não tem nada a ver com saber reger. [...] E outras coisas. Às vezes saber reger é o de menos, tem um monte de outras coisas que influenciam, aí no final falta isso sabe. A maioria das bandas aqui é menina e acaba que tipo podiam ser regentes, acabam esbarrando nessas coisas, sabe! Fator externo, que não tem tanto, às vezes até a própria pessoa se sentiu culpada que nem eu falei, de estar fora de casa o tempo todo. Isso impede a gente de chegar e, ainda mais chegar num posto mais alto, sabe, exige muito mais disso (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 15/12/2022).

Com todas essas demandas excessivas, a própria regente comenta que não tem namorado e nem filho, pois não teria tempo para se dedicar a um relacionamento nem para cuidar de um filho, ou teria que abdicar do cargo de regente, já que mesmo não tendo as vezes fica exausta. Assim, resumindo, entre os fatores que estão relacionados com a baixa representação de mulheres em bandas de música, segundo as regentes, estão: falta de ousadia; não possuir um perfil de liderança, que é característico de um regente; poucas mulheres instrumentistas atuando em bandas de música, que poderiam futuramente se tornar regentes; conflito entre a profissão de regente, que exige grandes demandas, com o papel social atribuído à mulher; escolha de um regente através de um processo informal de sucessão. Mas, apesar de todos esses fatores que seriam considerados obstáculos para mais mulheres estarem no comando e regendo bandas, há fatores que possibilitam que mais mulheres possam atuar na profissão, tais como, o ingresso em instituições através de processos seletivos ou concursos públicos.

4.3.2 Participação de mulheres em cursos de formação

Ainda relacionado ao tema das mulheres na regência, este item trata sobre a representação de mulheres, tanto como professoras e como alunas, nos cursos de formação em regência, em que as participantes da pesquisa fizeram suas respectivas formações.

Em relação aos cursos de formação em regência, três das cinco entrevistadas declaram que a presença de mulheres sempre foi inferior em relação aos homens, principalmente para regentes de bandas de música, “sempre foram pouquíssimas, [...] eu era a única de banda” (Regente A). A porcentagem sempre girava em torno de 10% de mulheres participando dos cursos, apenas, segundo os relatos das regentes. Como esses cursos não eram na sua maioria específicos para a área da regência de bandas, por isso, mesmo as poucas regentes que participavam, eram da regência coral ou da regência de orquestra. Isso se tratando de alunas, mas no caso de professoras regentes nesses cursos, a regente C comenta que “tinha uma mulher como professora, mas na parte da educação musical, na parte prática de ensino era somente homem”.

Já as outras duas regentes, a regente B e D, relatam que haviam, sim, outras mulheres participantes dos cursos, às vezes com um número maior que homens, “80% mulheres na minha turma e 20% homens” (Regente B), mas se tratando de professoras “era só uma regente, era uma professora” (Regente B). Na entrevista da regente D, ela conta que tinha várias mulheres participando, e que a presença de mulheres e de homens nesses cursos estava em equilíbrio, “os cursos que a gente tem de aperfeiçoamento sempre tem mulheres, e bastante. Bastante mulheres. Está bem dividido assim”.

A partir dos relatos acima, podemos verificar que, ainda há um número menor de mulheres participando de cursos de formação em regência, se comparadas aos homens, sendo um número ainda menor quando se trata de regentes de bandas de música. Ao se reportarem ao ambiente de trabalho onde as participantes da pesquisa atuam, as regentes A, B, C e D atuam na cidade Y, e comentam que lá existe um programa de bandas e fanfarras que atende em torno de 38 unidades escolares municipais, e que nesse programa atuam em torno de 64 professores. Elas comentam

que há outras mulheres atuando como regentes, “eu acredito que a gente deva ter umas 10 regentes hoje no programa” (Regente B). A regente B ainda ressalta mais uma vez que esse número elevado de mulheres atuando é devido ao fato que, para ingressar no programa não há nenhuma referência ao gênero, “na hora da escolha do processo seletivo, do concurso, a opção é aberta a todos, então se as mulheres querem reger, têm a oportunidade de estarem fazendo essa escolha”. A partir dessa fala das regentes sobre um número elevado de mulheres atuando no programa, podemos apontar novamente o fato do programa atender escolas, ou seja, um ambiente de ensino, que, como já apontado por Freire e Portela (2013); Green (2001) e pelas regentes na mesa redonda da Oficina de Música de Curitiba(2023), é considerado um local mais aceito para a atuação de mulheres.

A regente C explica como acontecem as dinâmicas da distribuição das vagas e tarefas no Programa de Bandas:

Regente C - Cada escola tem o professor regente que vai cuidar da administração da banda, dinâmica de ensaio, repertório, e aí tem os específicos, que por exemplo, eu sou uma professora de metais, então eu ocupo a vaga de metais e regência, vai ter um auxiliar nas palhetas, normalmente, palhetas é mulher, metais somos em duas no Programa de Bandas e palhetas eu acho que daí tem bastante como auxiliar de palheta, deve ter pelo menos umas 10 pra mais. E percussão eu acho que tem duas meninas na bateria. Duas na percussão, a maioria homem, então bateria e percussão a maioria homem, metais praticamente 100% homem, e aí palhetas um grande número de meninas trabalhando (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 21/12/2022).

Então, mesmo que tenha um número mais elevado de mulheres atuando, podemos observar que, em relação ao total de professores, o número de mulheres ainda é menor em relação ao número de homens. Podemos verificar também a questão da área específica dos instrumentos, e no caso descrito, onde as mulheres atuam com mais frequência na área das palhetas e os homens na área dos metais. No caso da regente E, que atua na cidade Z, comenta que na escola onde ela atua apenas ela é a professora.

Agora indo além da esfera de trabalho das regentes, foi perguntado se elas conheciam outras regentes mulheres, e se teve alguma que influenciou de alguma forma em suas carreiras profissionais na regência. Elas comentam que conhecem outras regentes e que, sim, tiveram inspirações a partir de outras regentes mulheres. No caso da regente A, fora do seu círculo de trabalho não conhece muitas outras

regentes, mas passou a olhar e a prestar mais atenção em outras mulheres regendo quando participou de um simpósio online sobre mulheres regentes, “acho que ali que bateu o clique, vou conhecer outras mulheres regentes, vou conhecer o trabalho delas”. As pessoas que a influenciaram inicialmente, eram pessoas próximas. Então, a partir da participação no simpósio “abriu muito a cabeça, mesmo eu não tendo falado o meu relato de vida, mas eu ouvir outros relatos, conhecer outras mulheres e outros trabalhos, me abriu muito a cabeça para isso”. Aqui podemos ressaltar a importância de simpósios ou encontros que discutam sobre mulheres regentes, trazendo assim a ideia da visibilidade para combater a invisibilização das mulheres evidenciada por Freire e Portela (2013) e Scott (1992), e também a importância de espaços com maior participação ou exclusivo para mulheres, pois esse tipo de espaço é convidativo para elas e é onde podem se sentir mais à vontade, assim como mencionado por Dias (2017, p. 114) sobre grupos exclusivamente femininos.

A regente B aponta sua professora como uma pessoa que a influenciou na regência e, além disso, cita outras regentes pela qual ela é apaixonada, “Alondra de La Parra sabe, Priscila Bomfim, tive bastante curso também com Mônica Giardini, mas para mim Alondra de La Parra é minha referência hoje”.

A regente C destaca que “tem bastante menina regendo, eu acredito que seja um bom número aqui”, e que inclusive uma delas foi uma inspiração e um ponto de referência inicial quando ela ainda era auxiliar, e chegou a pensar que “se eu estudar mais um pouco eu consigo, assim, fazer!”. Foi também apadrinhada por uma regente, e com isso, aprendeu bastante sobre a questão organizativa da parte interna de uma banda de música. Sobre uma mulher apadrinhar outra, incentivando-a e formando-a, podemos mencionar a importância da sororidade entre mulheres regentes, com a ideia de desconstruir a visão de que as mulheres são rivais e precisam competir entre si para alcançar um posto de liderança, como regentes. E, por fim, a regente relata uma experiência que teve quando estava tocando em uma orquestra em outro estado:

Regente C - Eu fui trabalhar com a Priscila Bomfim, que é do Rio de Janeiro, ela regeu a orquestra que eu estava trabalhando e assim “Uau”, foi outra coisa eu ver uma regente de nível assim, de reconhecimento nacional, então ali, a partir daquilo ali eu “opa, vou levar a sério o negócio, eu tenho possibilidade de ser melhor como regente” (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 21/12/2022).

No caso da regente D, ela descreve como ficou admirada pela regência de uma mulher:

Regente D - Eu achei lindo, que eu nunca vi alguém regendo tão bem, nem um homem, foi a regência mais linda que eu já vi foi de uma mulher, da Mônica Giardini. Que, meu, como ela tem uma elegância, uma postura, muito lindo assim, eu fiquei bem encantada quando tive aula com ela, e ela incentivou a gente, as mulheres, a seguir essa carreira, mostrou todos os passos, foi maravilhoso. Tive essa oportunidade de ter aula com ela, foi assim, de todas as mulheres, ela foi a que mais me chamou atenção (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 16/12/2022).

Por fim, a regente E também relata uma experiência que teve, porém, quando ainda era criança, que apesar de falar que isso não a influenciou, foi uma imagem que ficou bem forte em sua cabeça:

Regente E - Eu lembro que passava uns programas da Orquestra Sinfônica Brasileira na TV Cultura e eu lembro bem forte da Ligia Amadio lá. Eu lembro até de um vídeo, eu lembro até de um vídeo de vestido verde lá regendo a Orquestra Sinfônica Brasileira, primeira referência que eu tive de mulher regendo sabe. Ai aos poucos eu fui, vai conhecendo né, você vai entrando no meio, vai conhecendo. Mas é uma coisa que assim, que aqui sempre foi normal, porque sempre teve nas escolas, quando eu entrei na faculdade assim, eu já conhecia várias sabe (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 15/12/2022).

Assim, partir dos relatos das regentes, podemos reforçar a importância em participar de encontros e simpósios com a discussão sobre mulheres na regência e com a participação de outras mulheres regentes, pois nesses encontros pode-se conhecer mais mulheres que atuam na regência, o que gera de imediato uma identificação com o trabalho delas e, podendo, inclusive vir a enxergar a profissão de uma outra forma. Do mesmo modo, como elas mesmas apontaram a importância em ter mulheres regentes participando como professoras em cursos de formação, e que podem ser, sim, inspirações. E de certa forma, isso incentiva essas alunas dos cursos de regência a seguirem na profissão.

4.4 A MULHER E OS DESAFIOS PARA ATUAR NA ÁREA DA REGÊNCIA

Para iniciar uma discussão com as participantes da pesquisa sobre as questões de gênero, patriarcado e feminismo, foram previamente esclarecidos esses conceitos, tendo por base os referenciais já apresentados na revisão da literatura. Acreditou-se que assim, conseguiriam refletir sobre as questões com maior propriedade, podendo relacionar com aquilo que vivenciam nas suas atividades como regentes. Para essa categoria foram levadas em consideração que as entrevistadas poderiam já possuir um entendimento desses conceitos.

Assim, foi apresentado gênero como uma categoria útil para uma análise social, o patriarcado como um termo que estabelece essa relação de poder, em que geralmente os homens têm mais poder que as mulheres, e também o feminismo sendo um movimento que surge para contrapor essa questão da relação de poder entre homens e mulheres.

Após esse primeiro momento, foi perguntado às regentes se elas encontravam relação entre esses conceitos e a discussão sobre mulheres na regência e como elas observavam a representação de mulheres atuando como regentes em bandas de música.

A regente A comenta que após o simpósio sobre mulheres regentes, levantou uma bandeira maior em relação às mulheres, e ainda reforça que a sua participação nele a influenciou muito nesse aspecto. “Eu levantei mais a minha bandeira do feminismo, levantei mais a bandeira da valorização da mulher, hoje eu sou bem mais chata do que eu era antes”. É possível perceber através dos relatos que a regente A se tornou mais ‘defensora das mulheres’ devido também a situações que ela mesma precisou enfrentar, como destacado por ela:

Regente A - Eu vi esse ano isso, eu trabalhei com alguém misógino, machista, “não aceito ser comandado por uma mulher”, foi o que eu ouvi, não diretamente, mas foi o que chegou aos meus ouvidos. [...] E é uma pessoa de idade, então assim, “não vou ser comandado por uma mulher que tem metade da minha idade”. Não que isso dói, não dói, porque eu discuti muito, eu enfrentei, e ultimamente eu me permiti enfrentar um pouco mais. [...] Eu já me chamo de feminista, se as pessoas perguntam “eu sou feminista sim, e com muito orgulho”, porque eu defendo a mulher regente, porque eu acho que a gente precisa mostrar que a gente tá aí, e a gente precisa mostrar o nosso valor e ter ousadia, e combater essas pessoas que estão do teu lado e pela frente é tudo flores e maravilhoso, mas por trás estão ali querendo o teu mal (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 16/12/2022).

Mesmo assim, a regente A aponta que o fato de levantar essa bandeira também é difícil, pois sempre vai ter alguém que vai questionar, “ai você tem o outro lado né, ‘não, porque o que você está falando é utópico, não existe, eu te reconheço quanto regente, quanto mulher regente’. Mas as atitudes falam diferentes, por mais que a pessoa possa me dizer”. A regente ainda concorda que essa discussão é necessária e válida, que precisa existir, mesmo considerando que “tem alguns homens que valorizam, e a gente vê nas atitudes a questão da valorização”. Também aponta que já quis trazer essas questões nas reuniões mensais do seu local de trabalho, mas afirma que “parte dos homens se sentiriam incomodados, então as vezes eu sento e converso apenas com as mulheres, [...] as vezes me trava o enfrentamento”. Talvez essa questão do enfrentamento, da falta dele, é porque a regente A não se sente confortável em discutir essas questões no seu ambiente de trabalho, por esse ambiente não ser um espaço aberto e acolhedor para trazer esse tipo de discussão. E como vimos anteriormente, precisamos de espaços que estejam abertos a discutir sobre essas questões referentes a mulher.

Quando questionada sobre a representação feminina em bandas de música atuando como regentes, a regente A comenta que é importante ser ousada também, e estar aberta para as oportunidades, quando aparecer uma oportunidade de atuar em uma banda, “ser ousada para isso também, tem uma vaga de regente, vou lá!”. Além disso, reforça mais uma vez que o reconhecimento é muito importante, “é legal isso, alguém que é de fora e que vê o trabalho, e que te dá um bravo, que reconheça por ser mulher, por ser regente, mostra que tá ali fazendo um trabalho legal”.

Assim como a regente A, a regente B também afirma que às vezes é necessário se impor, principalmente se está em um grupo onde a maioria são homens, porque senão “eles acabam aproveitando desse momento de uma figura feminina estar à frente e desrespeitam”. Ainda sobre essa questão da imposição, a regente observa o seguinte:

Regente B - A gente precisa se colocar na função de maestra, de realmente que você comanda, e não o músico, e isso acontece bastante, então a gente tem que se impor, a mulher tem que se impor, indiferente se o homem ele goste ou não, de ser comandado, entender que a posição da pessoa que está à frente e é ela que comanda e pronto. Isso se chama hierarquia. E tem muitas mulheres que acabam estando à frente de um grupo e não se impõem, indiferente se o grupo vai gostar ou não, tem que se impor! (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 23/12/2022).

A regente B aborda ainda a questão de que para muitas pessoas, se a mulher que está à frente de grupo musical não tem um conhecimento muito bom, fica mais difícil ela comandar o grupo, pois “muitos respeitam através do conhecimento”, ou seja, a mulher precisa estar constantemente comprovando que tem conhecimento para atuar, pois somente assim ela seria reconhecida e respeitada pelos demais.

Observa que há cada vez mais uma “representatividade maior de mulheres à frente de bandas” e relaciona essa questão, assim como mencionado anteriormente, ao fato de terem processos seletivos para os profissionais atuarem nesse contexto, o que oportuniza as mulheres a estarem atuando nas bandas. “É aberto a todos, homens, mulheres, oportunidade está aí, então há uma representatividade grande de mulheres, poderia ter mais, mas acredito que também tenha muitas mulheres assim como homens que não se identificam com a arte da regência”.

Ao perguntar à regente C sobre essa relação dos termos, ela aponta que para ter um relacionamento mais fácil com seus colegas de trabalho, ela evita falar dessas questões, mas ela percebe que consegue “desconstruir muito desse tipo de coisa através de meu trabalho sem eu falar nada disso”. Trabalhando, principalmente, com crianças e adolescentes, ela mostra a eles que podem optar por qualquer instrumento, e também podem se tornar professores e regentes. Inclusive, ela destaca que na banda da escola que ela rege “são 15 trompetes, dois são meninos, então a maioria é menina, da banda toda, da percussão a maioria é menina, os meus trombones estão equilibrados, [...] na tuba eu ainda só tenho dois meninos”. Ela relata também que já ouviu de alunas que querem futuramente trabalhar como regentes. Apesar de ter várias meninas tocando em sua banda, em relação a regência, ela ainda percebe que existe uma cobrança por parte das outras pessoas por ter uma mulher conduzindo uma banda de música. Aponta que “a mulher é muito mais cobrada”, questionada sobre seu papel enquanto regente, e precisa estar sempre mostrando que também consegue reger, “com a gente tem uma cobrança a mais, eu acredito que seja uma cobrança a mais, porque eu vejo isso com as outras regentes acontecendo, [...] o pessoal reclamando que é sempre as mulheres que não servem para aquilo”.

A regente C traz sua própria experiência de quando começou a reger o grupo, e aponta que “sempre fui regida por homens”, isso porque a banda de música vem de uma forte tradição onde, na sua maioria, a regência é feita pelos homens. Mas, ela

estando naquele momento na posição de regente, percebeu que também poderia ser tão boa quanto qualquer outra pessoa que já havia visto reger. Conta que “foi meio natural” para ela reger a banda, talvez pelo fato dela já ter sido regida diversas vezes como instrumentista, podendo assim observar outros regentes atuando.

No caso da regente D, ela traz uma visão um pouco diferente, que na perspectiva dela do feminismo, as mulheres querem ser melhores que os homens. Por isso, ela aponta que não gosta do feminismo, mas mesmo assim observa que todos deveriam ser iguais, e que não deveria ter essa comparação do homem com a mulher. Ela considera a mulher tão capaz quanto o homem, mas acha errado “ela querer mostrar, querer impor uma coisa”. Em alguns momentos, a própria regente acaba se contradizendo, pois afirma logo em seguida que

Regente D - Eu acho que ela tem que mostrar o seu trabalho, ela mostrando o seu trabalho já vai fazer os homens enxergarem que não tem essa diferença, que um é melhor que o outro, e cada vez mais a gente mostrar que a gente é capaz, eles mesmos vão vendo isso e vai abrindo vaga, vai abrindo cada vez mais horizontes para nós e a gente vai estar cada vez mais, até superior se desse, quem sabe né, num nível superior até (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 16/12/2022).

Na sua opinião, “cada um tendo trabalho, fazendo seu trabalho, cada um agrega na sociedade”. Ao se referir sobre a representação nas bandas de música, “cada vez mais a mulher está ocupando seu espaço e está mostrando sua capacidade”, mas fica evidente que na visão dela, é necessário que a mulher mostre seu potencial. Essa questão retoma o fato de a mulher estar sempre precisando mostrar que é capaz de assumir um cargo. Mas que, com isso, mais portas vão se abrindo, e “vai acontecendo, naturalmente”. Ela acredita também que “a partir de agora, como já abriu bastante caminho e vai cada vez melhorar, na minha opinião vai aumentar mais a participação das mulheres em tudo, na regência, em todos os sentidos”.

Por fim, a regente E traz a questão da visão da sociedade sobre o papel que foi designado à mulher, de cuidar da família, dos filhos, da casa, assim como apontado por Green (2001). Ela considera que muitas pessoas ainda têm essa visão, e que muitas vezes esse papel ainda acaba sendo ocupado pela mulher, e com isso, fica difícil manter a rotina exigida pela profissão de regente. “Hoje em dia todo mundo tem direito igual, é lei. Mas a gente é tratada igual? A gente não tem as mesmas oportunidades infelizmente”. Ela aponta que tudo isso é “uma coisa histórica também”, pois

como ela mesma destaca, por muito tempo, nas igrejas não era permitido mulheres tocarem instrumentos. Mas segundo ela, atualmente as coisas são mais veladas, “ninguém chega na tua cara e diz que você não sabe reger porque tu é mulher, [...] é um negócio meio que por baixo sabe”.

A regente E afirma que em muitos momentos, na posição de regente, é necessário dar ordens, e as vezes isso causa problemas de aceitação por parte dos homens. Relata, também, situações onde foi questionada sobre sua função, e aponta que questionamentos nesse sentido, geralmente, vêm de homens mais velhos, e que situações parecidas com regentes homens, não tiveram questionamentos. Aborda, assim como a regente C, a questão da escolha dos instrumentos musicais das crianças, e considera bastante importante elas terem várias opções no momento da escolha do instrumento, independente do que é considerado “mais apropriado” para as meninas e para os meninos.

Regente E - Eu sempre tento empurra aluno para tocar todos os instrumentos, assim, para ter misturado sabe, menino e menina, para as pessoas não criarem na cabeça assim “flauta é instrumento de menina, trombone é instrumento de menino”, eles já criam na cabeça que qualquer um consegue tocar qualquer coisa (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 15/12/2022).

A regente considera que em comparação com outros tempos, muitas coisas já mudaram, mas que “precisa evoluir muito ainda”, para que as mulheres comecem a ser tratadas e respeitadas em suas respectivas profissões.

Podemos verificar que as regentes encontram, mesmo que de formas e visões distintas, relação entre gênero, feminismo e patriarcado, e também relacionam esses conceitos com a temática de mulheres na regência. Em primeiro lugar, sobre o gênero, quando elas percebem que há uma diferença no reconhecimento e aceitação da profissão de regente quando se trata de homens e mulheres. Em segundo lugar, se tratando do feminismo, quando elas percebem que precisam enfrentar e reivindicar seus direitos enquanto regentes, e também que, assim como os homens, elas têm igual direito em atuar na profissão. E em terceiro lugar, em relação ao patriarcado, quando elas comentam que ainda é possível identificar predominância masculina na profissão, sendo essa uma profissão que possui uma função de liderança, função que era de-

signada até pouco tempo exclusiva aos homens. E também sobre a questão da imposição do papel da mulher na realização das tarefas domésticas em oposição às demandas exigidas pela profissão de regente.

Foi possível perceber que há falta de reconhecimento enquanto mulheres atuando como regentes, e que para serem reconhecidas e respeitadas precisam provar que são capazes, se impondo mais, sendo estas falas recorrentes entre as regentes. Percebem também que existe uma cobrança maior das mulheres que atuam nessa profissão, simplesmente pelo fato de serem mulheres. E, ainda, foi possível perceber que muitas das regentes, por mais que considerem necessária a discussão sobre os termos abordados, sentem dificuldades em tratar sobre isso em seus locais de trabalho, devido ao possível desconforto que poderiam gerar em seus colegas.

Apesar da representação das mulheres atuando como regentes em bandas de música ainda ser menor em relação aos homens, as regentes consideram que há cada vez mais mulheres atuando nesse contexto, e que estão se abrindo muitas possibilidades nesse sentido, mesmo que de uma forma mais lenta. O que resta fazer, no olhar das regentes, é se abrir para as oportunidades, identificar-se com a função e serem, sobretudo, ousadas na sua afirmação como profissionais.

4.4.1 Sobre discriminação e oportunidades

Neste subtópico serão abordadas questões de preconceito e assédio que as regentes vivenciaram por serem mulheres, e também as oportunidades profissionais que elas tiveram ou não por serem regentes mulheres.

Antes de questionar as regentes, sobre as questões desta subcategoria, foi passado o segundo trecho da entrevista realizada pela ABRACO (APÊNDICE IV, PARTE II). Nessa segunda parte, a regente Taís Conte discute sobre questões de assédio de modo geral, que ainda são vivenciados por mulheres regentes em seus locais de trabalho.

Nesse aspecto, a regente A comenta que já sofreu bastante com isso, e que esse assédio veio através de “falas veladas”, de comentário sobre a sua regência, e questiona “se a mesma fala aconteceria se fosse um homem”. Muitos desses comentários que ela menciona, tiveram a intenção de questionar e querer corrigir a

sua regência e, em alguns casos, foram ditos inclusive diante de seus alunos, por outros colegas de trabalho, e comenta que se sentiu desconfortável. Lembrou que naquele mesmo ano, sofreu bastante assédio moral por parte de um dos colegas, chegando a cogitar a necessidade de um psicólogo, de tão abalada que ficou, “acho que era passível de um processo por assédio moral e um psicólogo”. Ela mesmo o descreve como “machista” e que não aceitava que ela estivesse à frente da banda, e afirma que “acho que é só difícil do homem entender que a gente também é capaz”, pois “não foi um, foi dois, ou três, ou quatro, nem sei quantos”. Reconhece que é difícil ter que lidar com esse tipo de situação, mas prefere “dar a volta por cima” e fazer uma “coisa grandiosa”, mostrando que é capaz, pois, assim, “eu acho que dói mais neles”.

A regente B comenta que passou por esse tipo de situação também, mas apenas uma vez, e recebeu o seguinte comentário de um professor “tinha que ser mulher”, enquanto estava regendo um grupo. Para resolver a situação contou que, delicadamente, convidou o professor a vir a frente a reger o grupo, e como ele também não conseguiu trabalhar o trecho com o grupo, voltou a assumir a regência e procurou uma outra alternativa para resolver aquele trecho com o grupo.

Regente B - Após esse acontecimento, então eu não chamei atenção desse professor à frente do grupo, até por questões de respeito porque tinha alunos dele ali, mas após o ensaio eu entrei numa sala de aula e falei para ele à frente da nossa coordenadora - Viu professor, não se trata de sexo, de gênero, se trata de possibilidades e alternâncias de como trabalhar um grupo. Após você ter feito aquele comentário, eu te convidei a vir à frente para ver como você iria se sair, porque é fácil criticar quando não está no lugar do outro. Agora, eu consegui sanar o problema do grupo através de alternativas, coisa que você não conseguiu fazer. Então, estar à frente de um grupo e saber como conduzir o grupo não se trata de sexo ou gênero, e sim de técnica, de como você trabalhar com o seu grupo, e algo que eu percebi hoje que você não sabe fazer, além do preconceito com uma mulher estar te conduzindo. [...] E às vezes a gente não precisa dizer, mas só de colocar a pessoa na sua posição ele já se sente constrangido e consegue analisar melhor a sua postura, sabe! (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 23/12/2022).

Essa foi a forma que a regente B encontrou de contornar a situação, e conta que com isso, até conseguiu ter uma relação melhor com esse professor. Ela ressalta que esse tipo de situação e comentários acontecem com frequência em grandes orquestras e bandas, “eu já toquei e a gente está sentada ali no meio e tem músicos que fazem comentários maldosos”.

A regente C comenta também que já passou bastante por situações de assédio e preconceito, mas “não somente como regente, mas também como musicista”. Desde nova, praticamente todos os seus trabalhos relacionados com música “teve a parte do assédio por eu trabalhar sempre com homens”. Assim como a regente A, a regente C também destaca que muitas vezes ele “era velado”, outras não. Acaba mencionando que a sua família é de militares, e com isso, aprendeu desde cedo a ir percebendo e esperando situações desse tipo, ficando sempre na defensiva. O fato de ter saído da casa dos pais muito nova, quando tinha 16 anos, para estudar em outro estado, sempre fez com que tivesse que tomar mais cuidado, “já fui para o meio musical assim de outro local que eu não conhecia e aí rolava muito assim, então eu sempre tinha que estar me precavendo, eu sempre estava cuidando para não ficar muito perto do pessoal que era mais assediador”. Esses cuidados eram do tipo cuidados com a sua vestimenta, formas de se portar, e isso fez até com que mudasse um pouco a sua forma de ser, “às vezes até passo a impressão de ser ríspida e grossa, mas eu precisei ser assim para me proteger, então isso eu acredito que me tirou de muitas situações que poderiam ser bem difíceis”. Sobre essa questão, da necessidade em mudar sua forma de ser, seu comportamento, sua vestimenta, para não correr o risco de ser assediada, não deveria ser necessário. As mulheres deveriam poder andar, agir, se vestir da forma que bem entendem, sem medo. Mas as mulheres continuam sendo marginalizadas, continuam passando por situações desconfortáveis, passando por diversos tipos de assédio, e isso é reflexo de uma sociedade patriarcal. Além disso, a regente C aponta a questão de ser questionada sobre sua função como regente, de duvidarem de sua capacidade.

Regente C - A gente é muito questionada tipo quanto mulher regente, eu encontro muita dificuldade em trabalhar com alguns homens porque eles não aceitam que eu como regente tenha uma função de liderança, então a minha função de liderar é muito questionada em muitos aspectos. Tanto no naipe, quando eu vou fazer a regência de naipe, quanto na regência do grupo né, e já vi isso acontecer praticamente com todas as mulheres que eu já trabalhei, isso acontece e acontece tanto que já é meio natural, a gente meio que espera, principalmente quando é solista ou é um solista de fora sabe, músico de fora, de fora do país, eles têm a cultura assim que no Brasil a mulher é fácil, então nos cursos assim a gente sempre tinha que estar muito ligada, que essa parte do assédio no meio musical é muito forte. A gente não fala né, é meio velado, mas existe! (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 21/12/2022).

Comenta também que por muito tempo se recusou a ver e acreditar, chegando a pensar que esse tipo de situação, de assédio, principalmente moral, acontecia porque ela não era uma boa musicista ou regente. Mas, no fim, percebeu que não era essa a questão.

Um pouco diferente dos relatos das regentes até agora mencionados, a regente D comenta que “nas escolas, com as crianças, com os professores, nunca aconteceu isso. Eu sempre me senti muito valorizada, sempre elogiaram meu trabalho, as crianças nunca me desrespeitaram por eu ser uma mulher”. Afirma, porém, que sempre impõe um pouco de respeito. Apesar disso, conta que teve uma situação em que ela mesma não se sentiu capacitada o suficiente para comandar um grupo, pois no ponto de vista dela, havia outra pessoa mais qualificada no próprio grupo para reger. Se sentiu desconfortável com a situação e acabou desistindo da regência daquele grupo, mesmo dizendo que quem assumiu a banda após ela sair, a incentivou a continuar na regência, “ele me incentivou, só que veio de mim esse preconceito”, “eu acabei desistindo e entregando, mas por besteira, mesmo!”. Apesar dela mencionar que não passou por assédio ou preconceito, comenta que já presenciou.

Regente D - Eu já ouvi aqui, no próprio programa onde eu trabalho, um professor regente falando assim - Eu nunca que vou querer ser regido por uma mulher! Ele falou assim - Mulher não está capacitada para estar na frente! Um professor formado falando isso, e foi faz pouco tempo ainda, ele falou, a pessoa que falou pra mim ela ficou horrorizada, ela disse: - Meu deus do céu, não acredito que eu ouvi isso, sabe! Existe muito preconceito ainda, ainda de professor, que é músico, falar isso, é uma situação bem chata (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 16/12/2022).

Assim como a regente D, a regente E comenta que não passou por situações de assédio, porém descreve algumas situações de preconceito através de pequenas falas e olhares. Comenta que as pessoas ainda tem a ideia do regente como um homem, geralmente, mais velho, e quando ela se apresenta como a regente da banda, as pessoas ficam surpresas, e às vezes percebe olhares atravessados. Descreve uma situação ocorrida em um concurso de bandas, na cidade Z, onde um dos regentes de uma das bandas participantes, não aceitou perder para uma outra banda regida por uma mulher, e “falou que não ia aceitar perder para uma mulher”. Outro comentário que a regente faz, que não fica claro se ela presenciou ou não, foi uma fala de um homem dizendo que a “mulher não servia para reger porque não tinha braço, porque

se regesse teria que fazer gesto assim para ter braço”. Esse comentário talvez esteja relacionado a postura corporal do regente, que na opinião desse homem, o regente necessita ser preciso nos gestos e que para isso precisa ter força braçal, coisa que na visão dele, a mulher não teria. Com essa fala, é possível confirmar um julgamento misógino. Assim, apesar da regente E dizer que não sofreu assédio, ela descreve outra situação onde um dos regentes da escola onde ela trabalha, não gostou muito do fato dela ter assumido a regência da banda, apesar de ter sido um pedido de sua coordenadora. Comenta que esse regente “começou a fazer coisas para provocar”, “e mandou áudios me chamando de nervosa”.

A partir dos relatos das regentes sobre essa questão do assédio e preconceito, podemos verificar que ainda existe esse tipo de pensamento e conduta relacionada a mulheres regentes, assim como apontado por Botelho (2020). Como as regentes também destacaram, muitos casos ainda se apresentam de forma discreta e oculta, mas em outros casos, como relatados, ainda se apresentam de forma clara e direta. E em algumas situações, as regentes podem até não perceber que estão sofrendo algum tipo de assédio ou preconceito, mas eles acontecem.

Em relação às oportunidades profissionais, no geral, as regentes afirmam que não passaram por nenhum caso específico de menos oportunidades enquanto regentes, inclusive algumas afirmam que tiveram “grandes oportunidades”. Porém, apontam algumas situações em que percebem que ainda existe sim esse fato de as mulheres terem menos oportunidades que os homens, assim como apontado por Scott (1992), onde o sexo do indivíduo pode vir a influenciar nas oportunidades profissionais.

A regente A afirma que, devido ao fato de sempre ter mulheres atuando no programa de bandas do qual ela faz parte, “para estar aqui hoje, acho que não. Se foi, talvez eu não tenha percebido”. Ela comenta que “uma das pessoas que fez a criação do programa é uma mulher, uma delas, uma das fundadoras, são três pessoas, mas uma é mulher”. Por esse fato, ela acredita que não teve problemas em relação a oportunidades, inclusive aponta que já foi convidada a reger em bandas.

A regente B, afirma que “em bandas de música, banda sinfônica, orquestras que atuo, já atuei, eu nunca passei por isso”. Porém, comenta que já passou por algumas situações em bandas de baile, quando foi convidada por um amigo a tocar na

banda dele, e conta que isso gerou um conflito dentro da banda, pois todos os integrantes eram homens. Mas fala que após ficar mais conhecida nesse meio, “sanou um pouquinho essa questão de ter mulher em banda de baile”.

No caso da regente C, inicialmente afirma que não passou por problemas em relação às oportunidades, porém, aponta que “nunca fui a primeira opção, nem como regente, nem como instrumentista”. Aborda um pouco sobre essa questão, da facilidade que os homens tem em relação as mulheres em se tratando de oportunidades.

Regente C - Com certeza os homens, até por conseguirem trabalhar, ter mais espaço é mais natural, é mais rápido para eles terem acesso, para mulher acaba sendo um pouco mais difícil, por que a gente fica muito tempo estudando, muito tempo praticando, regendo grupos até ser reconhecida assim né “aí, ela pode reger também né”, sendo que tem homens que fazem isso há muito mais tempo, que também claro tem o seu mérito, regem muito bem e entendem do que estão fazendo e são muito competentes, mas eles são sempre cotados antes (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 21/12/2022).

Afirma ainda que existe uma diferença no tratamento quando se trata de um homem ou uma mulher regendo. Inclusive destaca que para conseguir reconhecimento, precisou se esforçar muito mais pelo fato de ser mulher.

A regente D afirma que sempre teve as mesmas oportunidades profissionais dos seus colegas. Mas destaca que a questão da oportunidade muitas vezes está relacionada ao esforço que cada um faz para conseguir o quer, “teve uns que se destacaram mais, porque também procuraram mais, tem uns que tem mais facilidade, outros não”.

E por fim, a regente E relaciona a questão da oportunidade com o processo de ingresso nas bandas, onde nas bandas que é necessário fazer um processo seletivo, todos têm a mesma oportunidade. Mas, reconhece que, quando se trata de uma banda com maior destaque, “uma banda mais famosa, ou para dar aula de regência, acredito que pesa ali”, principalmente em “cargos mais altos”.

Fica evidente assim, que, mesmo que as mulheres tenham oportunidades para reger, existem alguns fatores que influenciam nessas oportunidades. Locais onde há mais abertura e oportunidades para mulheres regerem, geralmente são locais onde outras mulheres já atuam ou atuaram e onde existe um processo seletivo de ingresso. Locais onde elas possivelmente não têm tantas oportunidades, são os locais onde a

presença masculina é maior, onde o cargo disponível é um cargo de alto nível e onde não há processo seletivo, e o cargo é escolhido de forma informal.

4.4.2 Incentivos para profissionalização de meninas/mulheres na regência

Vimos que, o incentivo, tanto dos colegas como da família, é um fator que influencia também na escolha e permanência na música e na regência. Considerando também que, assim como apontado por Aquino (2021) e Wenning (2019), é importante incentivar durante a formação musical o contato com mulheres musicistas. Assim, foi perguntado para as regentes se elas acham que podem incentivar outras meninas/mulheres a se profissionalizarem na área da regência, e de que forma elas fazem isso em suas práticas.

A regente A conta que já teve alguns alunos mais interessados na regência, mas meninas, ainda não. Mas de qualquer forma, ela sempre procura incentivar seus alunos que tem interesse em seguir na área da música em geral. Comenta que, às vezes, só o fato dela, mulher regente, estar ali na frente regendo, já é uma forma de incentivar suas alunas, pois assim elas podem ver que existe essa possibilidade, e podem ter referências diferentes. Mas a regente ainda aponta que a dedicação é muito importante também, não basta apenas a professora ou professor incentivar, o aluno precisa se dedicar, “música é dedicação”, e “eu acho que a gente tem que incentivar, precisa incentivar”.

A regente B afirma que “seja como músico, como regente, em qualquer área a humildade é um dos pontos que a gente consegue cativar as pessoas para estarem perto da gente, e também inspira-las”. Assim como a regente A, a regente B também aponta que o fato de estar na frente, regendo o grupo, já é uma forma de incentivo. Além disso, é importante também acreditar nas pessoas, mesmo que sejam iniciantes, “e a gente só consegue tirar o melhor delas dando oportunidades e não esperar que sejam um grande profissional para começar a ter um olhar diferente”. Reforça então, que “o acreditar e o inspirar as pessoas com as nossas ações enquanto a gente já está numa posição melhor é fundamental para que outras pessoas também não desistam”.

A regente C também acredita que o fato dos seus alunos verem ela fazendo o seu trabalho como regente, com alegria, “acaba despertando, que eles podem fazer isso só no olhar, sem eu influenciar diretamente falando sobre isso”. Comenta que, quando seus alunos já tem uma idade um pouco maior, ela faz com que cada um assuma a regência de uma música, assim, através da experiência, fazendo com que eles fiquem no seu lugar de regente, pode incentivar e despertar essa vontade de ser regente também. “Então a minha forma de fazer isso é no chão de sala mesmo, fazendo eles testarem comigo”.

A regente D afirma que incentiva primeiro seus alunos através da prática do instrumento, não tentando impor nada. E, a partir daí, “se a pessoa gostar, quiser seguir o futuro da música, ser um musicista, isso vai acontecer naturalmente”.

E por fim, a regente E também concorda que o fato de estar ali na frente “já é um exemplo para eles, eles já têm uma referência, os alunos já crescem com outra referência do que é ser regente”. Além disso, aponta que todo mundo deveria incentivar alguém que mostra interesse em alguma coisa. Outra forma que encontra para incentivar seus alunos nas práticas de instrumento, é colocando-os para tocar outros instrumentos, principalmente as meninas em instrumentos onde não é comum ver mulheres tocando. Ressalta também a importância do incentivo da família, pois isso possibilita que os alunos avancem.

Assim, podemos observar que as regentes incentivam seus alunos de alguma forma, tanto em suas práticas de regência, práticas musicais e acreditando neles. Além disso, quase todas afirmam que o fato de serem mulheres e estarem atuando, já é uma forma de incentivo.

Uma última ponderação feita para as regentes foi sobre quais conselhos elas dariam para as meninas e mulheres, para que elas possam seguir a profissão de regentes. E nesse aspecto, as regentes apontam principalmente a dedicação. Além disso, ressaltam que é muito importante também buscar por formação, se aperfeiçoar, estudar, correr atrás e estar no meio, ou seja, estarem envolvidas em discussões, encontros, concursos, eventos sobre bandas e sobre mulheres regentes. Para isso, destacam que é fundamental ter objetivos e, principalmente, referências, e saber que “cada coisa tem seu tempo, é importante começar de baixo para cima” (Regente B). E, por fim, é preciso ser ousada, pois a ousadia é o que faz a gente seguir”, acreditar

em si mesma, ser humilde e “amar o que se faz, tem que gostar da música” (Regente D).

4.4.3 Considerações das regentes

Ao finalizar as perguntas, foi deixado um espaço para que as regentes fizessem considerações ou trouxessem questões que achavam pertinentes ainda mencionar.

A regente A considera que, enquanto mulher regente, é importante ter muita fibra, e além disso, aponta que as mulheres devem se apoiar umas nas outras e criar “uma corrente forte”. Ainda menciona que no meio da regência, é difícil ser valorizada e respeitada, “é difícil, mas não é impossível”. E com essa “rede de apoio”, tudo fica mais fácil, mas “é um longo caminho a se percorrer, o ser regente”.

A regente B também aponta a importância de ter pessoas acreditando no seu trabalho, mas também reforça que “é necessário buscar formações”. Além disso, acredita que é importante transmitir carinho, atenção e ajudar sem esperar nada em troca, “esse é o objetivo”. Com esse objetivo, ela acredita que é possível cativar as pessoas e conquistar seu espaço. E relembra que teve muita ajuda dos seus professores para seguir na música e, por fim, que a música transformou sua vida, com isso, destaca que é importante “sempre valorizar as raízes”.

A regente C considera importante discutir a temática sobre mulheres na regência, e que o segredo está na troca de ideias, no estudo, no entender o porquê e em buscar soluções, pois é preciso “conhecer, compreender, e aí sim, ter propriedade de como melhorar”. Comenta que é importante também refletir sobre seu papel na sociedade.

Regente C - Eu saber o meu direito como musicista, como regente, e entender que eu posso fazer aqui, ali, sabe, acho que vai mudar muita coisa, até nós que trabalhamos assim diretamente, de refletir assim, sabe, o que que eu estou fazendo na sociedade, e como eu posso melhorar para que mais pessoas consigam fazer, que não exista um bloqueio profissional somente por eu ser mulher (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 21/12/2022).

Ela ainda comenta sobre o termo utilizado para se referir a sua profissão, maestra, maestrina, regente, e comenta que ela não se auto intitula, “eu só falo musicista,

professora de música”. Acaba mencionando o termo inglês *conductor*, e que acha interessante, “então, acho que é isso, um condutor ali para que a música seja entendida, seja escutada daquela forma que precisa ser interpretada”. Por fim, agradece também por ser convidada a participar da entrevista, pois comenta que “não é comum a gente ser lembrada, então foi uma surpresa bem prazerosa, eu fiquei bem feliz”.

A regente D comenta que aprendeu muito nesses últimos anos, que “ser regente não é somente a parte da música”. No ponto de vista dela, existe muita coisa por trás, que além do repertório e domínio musical, abrange também incentivar os alunos, domínio espiritual para manter um bom grupo, buscar formações e aperfeiçoamento, ajudar os alunos com questões diversas, mostrar firmeza, encorajar e acalmar os alunos, “tem tudo isso, o lado psicológico”.

Regente D - O regente comanda a banda, e se ele tiver com medo, não tiver preparado, os alunos vão perceber, não vão dar o respeito e a gente tem que mostrar o respeito, mostrar o empoderamento, mostrar que a mulher pode e que ela é capaz, que ela é capaz tanto quanto o homem, nunca querendo um ser melhor que o outro, não, os dois são bons, nenhum é melhor que o outro, os dois tem condições (TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA REALIZADA DIA 16/12/2022).

A regente reconhece que a temática da pesquisa é uma temática que pouco se fala, “realmente as mulheres na regência é algo novo que está em progresso, que está evoluindo”, e considera que “é muito bom falar sobre isso, para cada vez incentivar mais mulheres nessa carreira”.

Por fim, a regente E retoma a questão da representação de mulheres regentes, e dá como exemplo a cidade Y onde há várias mulheres regentes, e que atuam e coordenam bandas, e que são referências. Mas ela também observa que ainda existem obstáculos, e aponta que esses obstáculos ainda vão demorar para deixarem de existir, “eu espero que vá mudando sabe, que só daqui saiam várias regentes, aqui já tem, só que quando chegam num nível mais alto tem que mudar a cabeça do pessoal, o pessoal com a cabeça muito antiga ainda sabe, tem que se atualizar”. Assim, aponta e considera necessário que haja mudanças para que mais mulheres possam ocupar cargos de regência em importantes grupos musicais sem serem questionadas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa, foi possível analisar a trajetória de cinco mulheres regentes que atuam em bandas de música, refletindo sobre questões pertinentes à ocupação destas mulheres na profissão de regentes. Assim, foram apresentados alguns conceitos importantes para entendermos melhor porque a mulher foi privada durante muitas décadas da participação na música, e que ainda há resquícios dessa privação em muitos lugares da esfera pública.

Assim, buscou-se nesta pesquisa responder a seguinte questão principal: Qual é a trajetória de mulheres regentes que atuam em bandas de música? Tinha-se, desta forma, por objetivo geral, analisar a trajetória de mulheres regentes em bandas de música, refletindo sobre as dimensões do gênero e seu impacto e influência na ocupação de mulheres nos cargos de regentes de bandas, e a partir da análise das entrevistas, foi possível alcançar esse objetivo, assim como os objetivos específicos: Identificar a percurso musical formativo e de atuação profissional de mulheres regentes em bandas de música, compreender os fatores que estão relacionados à atuação de mulheres regentes em bandas de música; investigar a relação entre questões de gênero e a atuação de mulheres regentes.

Sobre as indicações das regentes, muitas das pessoas que indicavam, concordaram que há uma escassez de mulheres regentes em bandas, por isso, não foi fácil encontrar essas mulheres. Durante a busca, muitas vezes, as mesmas regentes foram indicadas por mais de uma pessoa. Isso não significa que não há mais regentes mulheres, mas que talvez elas não sejam reconhecidas como tal ou, ainda têm seus trabalhos pouco divulgados.

Sobre tornar-se regente e o percurso formativo, influências e motivações, foi possível observar que as regentes vieram de uma tradição de bandas de música, onde tiveram suas formações musicais iniciais, fator este que incentivou também as regentes a seguirem atuando nesse contexto. As regentes, além de terem formação acadêmica na área da música, buscaram formação especializada em regência e, para isso, em alguns casos, tiveram que se deslocar de suas cidades de residência para conseguir realizar as formações. O fator deslocamento, também foi apontado como um fator que dificultou a permanência, gerando despesas e cansaço. A busca por

cursos e formações especializadas, foi uma questão bastante apontada pelas regentes entrevistadas como de muita importância, pois possibilitou que as regentes atuassem com maior propriedade e com mais confiança. Além disso, o apoio familiar e dos colegas de trabalho, também foi apontado como um fator de incentivo e motivação para ingressar e continuar atuando em bandas.

Assim como apontando pelas regentes, ainda há baixa representação de mulheres atuando nesse contexto, tanto por uma questão histórica, como por uma questão cultural, onde a mulher ainda tem um papel social muito associado ao âmbito doméstico e ao educacional. E com isso, muitas mulheres musicistas ainda atuam na área de ensino musical.

Sobre os desafios da atuação de mulheres regentes, ficou evidente que ainda existem obstáculos para que as mulheres possam assumir estes cargos e para que tenham reconhecimento. Algumas das entrevistadas evitam falar sobre patriarcado, feminismo e gênero nos seus locais de trabalho para manter o bom relacionamento com seus colegas, pois se as mesmas comentassem sobre esse assunto, acreditam que poderiam abrir uma discussão. Sentem também que são muito cobradas por serem mulheres e por estarem à frente de um grupo, precisando se destacar e se impor muito mais para conseguirem o devido respeito com os músicos e também com os colegas de trabalho. Foi possível, também, a partir dos relatos, perceber que as regentes sentem que ainda há uma falta de reconhecimento das mulheres regentes.

Quando se trata de ingresso de mulheres em bandas através de processos seletivos, o número é maior em relação a bandas onde a escolha dos regentes é feita por indicação. Essa questão foi bastante apontada entre as regentes entrevistadas.

A questão sobre mulheres na regência em bandas de música ainda é pouco debatida, mas cada vez mais vem sendo abordada a questão da mulher na regência, principalmente em simpósios, oficinas, fóruns e pesquisas acadêmicas.

A partir dos relatos das participantes da pesquisa, podemos verificar a importância em participar desses debates, simpósios e encontros sobre a temática, pois isso pode trazer mais informações às regentes, muitas vezes fazendo com que possam se enxergar como regentes e maestras e também para auxiliar em algumas situações de assédio e preconceitos devido à profissão, por serem mulheres. Como foi apontado por uma das regentes, que relata que só começou a prestar mais atenção

na mulher enquanto regente quando participou do simpósio sobre mulheres regentes. Alguns relatos confirmam assédio moral de uma forma muito clara e transparente, mas na maioria dos casos as regentes contam que aparece de uma forma velada. Uma possível solução apontada para diminuir o assédio, preconceito e outras ações discriminatórias referente a mulheres atuando como regentes em bandas de música, é falar sobre essa temática, dialogar, discutir e trazer essa questão para debate.

Esta pesquisa foi feita com o intuito de responder algumas questões e dúvidas sobre a temática de mulheres na regência de bandas de música, e não tem a intenção de esgotar o assunto, mas sim de introduzir, ampliar, contribuir e trazer novos questionamentos sobre a temática aos futuros leitores e pesquisadores da área, e além disso, principalmente, dar mais visibilidade e reconhecimento à trajetória de mulheres regentes a partir desta pesquisa e de futuras publicações sobre a temática. Assim, outros elementos podem ser aprofundados nessas futuras pesquisas, como por exemplo: a escolha do repertório em bandas regidas por mulheres (ou em grupos femininos), se elas buscam trazer peças de compositoras, ajudando assim na visibilidade feminina; o que pensam as alunas dos cursos específicos em regência sobre a atuação profissional na área; a importância de espaços exclusivamente femininos; que políticas públicas existem e/ou podem ser criadas para ajudar no acesso de mulheres em locais majoritariamente masculinos, principalmente no âmbito musical. Afinal, é uma temática que tem surgido cada vez mais em debates, e é de extrema importância que se siga pesquisando sobre, para dar o devido reconhecimento às mulheres regentes que estão à frente de tantas musicistas e músicos nas bandas de música.

6. REFERÊNCIAS

ANTONIA: A Portrait of the Woman. Direção: Judy Collins e Jill Godmilow. Produção de Judy Collins. Estados Unidos: Phoenix Films, 1974. 1 vídeo (57:24min) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sHE9LjUpuM>.

ALVES, Edson Abílio. **Projeto Banda Escola da Sociedade Musical Filarmônica Comercial**: uma experiência no ensino coletivo de instrumentos musicais. 2014. 98 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Música) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000003/000003cd.pdf>.

AQUINO, Thaís Lobosque. Epistemologia(s) da educação musical escolar: uma análise da proposta formativa “Mulheres na Música”. **Revista da Abem**, Goiás, v. 29, p. 65-82, 2021. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/961/598>.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Título original: L'Analyse de Contenu, Presses Universitaires de France, 1977. Tradução: Luís A. R. e Augusto P. Portugal: Lisboa Edições 70, 1977. 225 p.

BIONI, Bianca Guerra. **Tocando na banda da Sociedade Musical Filarmônica Comercial**: narrativas de duas musicistas. 2021. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Música) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/0000a2/0000a2bf.pdf>.

BOTELHO, Andréa Huguenin. **Mascha Blankenburg e as mulheres na regência**. Recensão do livro *Dirigentinnen im 20. Jahrhundert: Porträts von Marin Alsop bis Simone Young*. 2020. 11 f. NovaFCSH – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Nova Lisboa, Portugal, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/44703097/MASCHA_BLANKENBURG_E_AS_MULHERES_NA_REG%C3%8ANCIA.

BRANDÃO, Domingos Sávio Lins; COSTA, Ludmila Ribeiro da; VASCONCELLOS, Yan Frederico Kononov de Latinoff. Descrição dos processos de catalogação do acervo Chico Aniceto. **Revista Modus**, Minas Gerais, v. 5, n. 2, p. 9-17, mai. 2008. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/gtic-modus/article/view/763/479>.

BRASIL, Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Define as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde**, Brasil, 12 dez. 2012. p. 12. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2022.

CONCERTO. Simpósio Mulheres Regentes lança manifesto contra a discriminação no meio musical. **Revista Concerto**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.concerto.com.br/noticias/musica-classica/simposio-mulheres-regentes-lanca-manifesto-contradiscriminacao-no-meio>. Acesso em: 3 ago. 2023.

CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Conselho Nacional de Saúde (CNS)**. Brasília, DF: CONEP, 2023. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/comissoes-cns/conep>.

CORREIA, Wellinton Carlos. **Construção da memória social na Sociedade Musical e Recreativa Lapa e na Sociedade Musical Amor à Arte**. 2013. 132 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, Santa Catarina, 2013. Disponível em: http://camaraclara.org.br/memoriamusical/wp-content/uploads/2013/03/CORREA.W_CONSTRU%C3%87%C3%83O-DA-MEM%C3%93RIA-SOCIAL-NA-SOCIEDADE-MUSICAL-E-RECREATIVA-LAPA-E-NA-SOCIEDADE-MUSICAL-AMOR-%C3%80-ARTE.pdf.

DIAS, Flávia Thaís Sobrinho Souza. **Feminismos nas fanfarras de rua carioca: os estudos de caso do bloco Mulheres Rodadas e da brass band Damas de Ferro**. 2017. 145f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?dissertacao=19.

FREIRE, Vanda Lima Bellard; PORTELA, Angêla Celis Henriques. Mulheres Compositoras – da invisibilidade à projeção internacional. In: FONSECA, S. C.; NOGUEIRA, I. P. Estudos de Gênero, Corpo e Música: abordagens metodológicas. Goiânia/Porto Alegre: **ANPPOM**, Pesquisa em Música no Brasil, Goiânia/ Porto Alegre, v.3, p. 279-302, 2013. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/ebooks/index.php/pmb/catalog/view/3/4/24-1>.

FÓRUM PERMANENTE DA NOVA ABRACO. **Mulheres Regentes: para além do palco, do batom e da batuta**. 8 de ago. 2022. 1 vídeo (1:04:00). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ubBRcKWkqAE>. Acesso em: 15 dez. 2022.

FUNARTE – Fundação Nacional de Artes. **Projeto Bandas de Música**. Rio de Janeiro, RJ: FUNARTE, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/funarte/pt-br/areas-artisticas/musica-2/projeto-bandas-de-musica>. Acesso em: 16 mar. 2023.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, São Paulo, v.35, n.2, p.57-63, mar/abr. 1995.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: Tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, São Paulo, v.35, n.3, p.20-29, mai/jun. 1995.

GREEN, Lucy. **Musica, género y educacion**. Título original: Music, Gender and Education, Cambridge University Press, 1997. Tradução: Pablo M. 1ª ed. Espanha: Ediciones Morata, 2001. 264 p.

KANDLER, Maira Ana. **Bandas musicais do meio oeste catarinense: características e processos de musicalização**. 2011. 168 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00006a/00006a75.pdf>.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Proposições**, Campinas, SP, v. 19, n. 2, p. 17–23, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643470>.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 178 p. Disponível em: <https://www.ufpb.br/escolasplurais/contents/noticias/e-books/secao-1-10-32-de-definibus-bonorum-et-malorum-escrita-por-cicero-em-45-ac>.

MOREIRA, Marcos dos S. **Mulheres em bandas de música no nordeste do Brasil e no norte de Portugal**. 2013. 443 p. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

NEIVA, Tânia Mello. A musicologia feminista de Susan McClary e a crítica de Suzanne Cusick. XXV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (**ANPPOM**), Vitória, v. 25, 9 p., ago. 2015. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2015/3665/public/3665-11725-1-PB.pdf.

NÓBREGA, Matheus Lopes Costa. **A cidade das Bandas**: O Projeto de Bandas Marciais da Rede Municipal de Ensino de João Pessoa, 2018. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação Musical) - Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Paraíba, Centro de Comunicações, Turismo e Artes, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/13099/1/Arquivototal.pdf>.

40ª Oficina de música de Curitiba, 2023. Disponível em: <https://oficinademusica.curitiba.pr.gov.br/>.

SANTOS, Elias Souza dos. **Formação e atuação de três bandas femininas de música em Sergipe (1958-1970)**. 9º encontro de formação de professores (enfope) edição internacional, Sergipe, 15 p. 2016.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (org). **A escrita da história – Novas perspectivas**. Tradução: Magda Lopes. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1992. 354 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4468957/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria%20das%20Mulheres%20Joan%20Scott.pdf.

SCOTT, Joan. **Gênero**: Uma categoria útil de análise histórica. Título original: Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. Tradução: Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf.

SILVA, Thallyana Barbosa da. **Banda Marcial Augusto dos Anjos**: processos de ensino-aprendizagem musical. 2012. 154 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6595>.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – **TCLE**. Disponível em:

<https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-centro-oeste/hc-ufg/ensino-e-pesquisa/pesquisa/elaboracao-de-tcle-ou-tale.pdf>.

TV CARTA. **Regente Simone Menezes e as conquistas das mulheres na música erudita**. TV CARTA, 2015. 1 vídeo (02:39min). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=98EIHhDY5I4>.

WENDT, João Almir. **Banda de Música de Santo Amaro**: um estudo sobre os processos de formação de novos músicos. 2013. 50 p. Trabalho de Especialização em Educação Musical, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2013.

WENNING, Gabriela Garbini. **Docência de música e diversidade de gênero e sexualidade**: um estudo com professores/as de música da educação básica. 2019. 129 p. Dissertação (Mestra em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

7. APÊNDICE

7.1 APÊNDICE I

Tabela 3 - Artigos dos Anais dos Congressos Nacionais e Encontros Regionais da ABEM e revistas da ABEM sobre gênero, bandas de música e regentes de bandas (mestre de banda).

Encontro/Revista	Ano	Total de Artigos	Título	Autor	Palavra-chave
ABEM CONGRESSO NACIONAL -	2004	156	CULTURA DOS FÃS E MÚSICA DA MÍDIA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO? (p. 420)	Helena Lopes da Silva	Não tem
ABEM CONGRESSO NACIONAL -	2006	128	Estudo sobre três grupos musicais sob uma perspectiva de educação musical e gênero (p. 344)	Harue Tanaka	Não tem
ABEM CONGRESSO NACIONAL -	2009	210	Música popular na escola: juventude, gênero e performance (p. 793)	Simone Lacorte Recôva	ensino médio; jovem; performance; música popular; gênero.
ABEM CONGRESSO NACIONAL -	2009	210	Um espaço para a banda de música: a escola (p. 1202)	Lélio Eduardo Alves da Silva	bandas de música, mestre de banda, desenvolvimento musical, Villa-Lobos
ABEM CONGRESSO NACIONAL -	2010/2	135	Articulações pedagógicas no coro das Ganha-deiras de Itapuã: mulheres em cena (pesquisa em andamento) (p. 2344)	Harue Tanaka-Sorrentino	mulheres em cena, contexto não-escolar, educação musical
ABEM CONGRESSO NACIONAL -	2013	242	A Pedagogia Musical de Mestres de Banda da Bahia: Manuel Tranquilino Bastos (p. 348)	Juvino Alves Dos Santos Filho	Pedagogia Filarmônica – Bahia –

ABEM CONGRESSO NACIONAL	-	2015	275	Ensinar e aprender música: perspectivas contemporâneas da motivação (Simpósio) Gênero e estilo motivacional: um estudo com professores de instrumento musical	Edson Antônio de Freitas Figueiredo	gênero, estilo motivacional, ensino de instrumento musical
ABEM CONGRESSO NACIONAL	-	2017	186	História de Vida de duas professoras de música: processos de entrevista e análise	Arthur de Souza Figueirôa Delmary Vasconcelos de Abreu	História de Vida de professoras de Música. Processo de Entrevista e Análise. Narrativas (auto) biográficas.
ABEM CONGRESSO NACIONAL	-	2017	186	Considerações sobre a trajetória de uma pianista em uma experiência de aprendizagem musical como sanfoneira (acordeonista)	Harue Tanaka	Aprendizagem da sanfona; pianista e sanfoneira; metodologia de ensino de instrumentos.
ABEM CONGRESSO NACIONAL	-	2019	181	Simpósio Perspectiva histórica em temáticas de música e educação: acervos, fontes de pesquisas e atuação de professoras particulares de música - Mme de Saint Julien no Almanak Laemmert e no Jornal do Commercio: Indícios da atuação de professoras particulares de música na década de 1840 no Rio de Janeiro	Clara Fernandes Albuquerque	Jornal do Commercio. Almanak Laemmert, Mulheres educadoras musicais, Século
ABEM CONGRESSO NACIONAL	-	2019	181	Simpósio Perspectiva histórica em temáticas de música e	Roberta Mourim	Monina Távora, Autobiografia, Jornada do Herói

			educação: acervos, fontes de pesquisas e atuação de professoras particulares de música - Monina Távora e sua arte: uma análise da autobiografia da artista e paralelos com a jornada do herói		
ABEM CONGRESSO NACIONAL	- 2019	181	Trajetória de formação de duas mulheres professoras universitárias de violoncelo: compartilhando narrativas de uma pesquisa em andamento	Yanaêh Vasconcelos Mota	Trajetória de formação; Professoras universitárias; Violoncelo
ABEM CONGRESSO NACIONAL	- 2021		As valsas e os tangos de Chiquinha Gonzaga como repertório didático para alunos de piano	Ana Paula Machado Simões	Chiquinha Gonzaga. Valsa Brasileira. Tango Brasileiro.
ABEM CONGRESSO NACIONAL	- 2021		Ser musicista em espaços alternativos de formação musical: um estudo sobre tocar na Banda da Sociedade Musical Filarmônica Comercial e a representação feminina nestes espaços	Bianca Guerra Bioni Regina Finck Schambeck	Banda de Música. Musicista Mulher. Educação Musical.
ABEM CONGRESSO NACIONAL	- 2021		Mulheres na música da Amazônia: projeto institucional de conservação e difusão de canções de autoria feminina no Pará, da Belle Époque até a primeira metade do século XX.	Dione Colares de Souza Leonardo José Araujo Coelho de Souza	Canção; Autoria Feminina; Estudos Culturais e de Gênero

ABEM CONGRESSO NACIONAL	-	2021		Historicização e empoderamento feminino no campo da música: um levantamento bibliográfico em diálogo com uma pesquisa em andamento	Raíza Silva de Andrade	empoderamento feminino, música e gênero, historicização feminina
ABEM CONGRESSO NACIONAL	-	2021		Processos de aprendizagem das mulheres do Rock/Metal em Caxias do Sul	Patrícia Pereira Porto Ingridi Verardo de Moraes	Processos de Aprendizagem; Estudos de Gênero; Mulheres no Rock.
ABEM CONGRESSO NACIONAL	-	2021		O não-lugar das mulheres instrumentistas na música popular: "Eu sei que tenho que chegar e tocar muito"	Silvia Rocha Costa Carla Silva Reis	Mulheres instrumentistas; Gênero; Educação musical.
ABEM CONGRESSO NACIONAL	-	2021		Onde elas estão? Uma busca pela representatividade de pianistas e compositoras mulheres	Adriana Bozzetto Luan de Paula Honório Fabio de Lima Peralta	pianistas mulheres; compositoras mulheres; histórias de vida e formação.
ABEM CONGRESSO NACIONAL	-	2021		Música, gênero, raça e classe: uma análise do disco "Quarto de despejo", de Carolina Maria de Jesus	Hugo Romano Mariano	Música; Gênero; Raça; Classe.
ABEM CONGRESSO NACIONAL	-	2021		Como se forma uma flor: A formação musical de seis mulheres inseridas na cena rock de Natal-RN.	Larissa Guedes dos Santos	Rock; Mulheres; Formação musical.
ABEM CONGRESSO NACIONAL	-	2021		La Sección Femenina y su labor en la formación de maestras de música durante el franquismo título do trabalho	Elisabet Corzo González	Sección femenina-Maestras de música-formación musical-folklore.

ABEM CONGRESSO NACIONAL	-	2021		A entrevista na pesquisa qualitativa em Educação Musical: aportes metodológicos da Sociologia	Maria Amélia Benincá de Farias	Metodologia; Pesquisa qualitativa; Entrevistas com mulheres.
ABEM REGIONAL SUDESTE	-	V3/2018	57	MATERIAL DIDÁTICO: BIOGRAFIA DE CHIQUINHA GONZAGA (1847-1935) EM QUADRINHOS	Karen Fagundes de Carvalho Érika de Andrade Silva	Chiquinha Gonzaga. Quadrinhos. Material didático.
ABEM REGIONAL SUDESTE	-	V4/2020	43	O papel do mestre de banda como educador: uma etnografia da banda do Rio das Mortes (MG)	Clesio Francisco Silva Lucia Campos	Mestre de banda; Educação Musical; Etnografia.
ABEM REGIONAL SUDESTE	-	V4/2020	43	A Mulher à Margem do Choro	Beatriz Rodrigues Nascimento	Roda de Choro, mulheres na música, estudos de gênero.
ABEM REGIONAL CENTRO-OESTE	-	V4/2020	21	O ENSINO MUSICAL EM BANDAS DE PERCUSSÃO: A INFLUÊNCIA DA FORMAÇÃO DO REGENTE DE BANDA	Jill Margarete Rodrigues Feitosa de Sousa Santos Rita de Cássia Domingues dos Santos	Ensino musical, bandas e fanfarras, formação dos regentes de bandas.
ABEM REGIONAL CENTRO-OESTE	-	V4/2020	21	A História de Vida de três de musicistas e educadoras musicais do Distrito Federal: um estudo de pesquisa (auto)biográfica	Raíza Silva de Andrade	Pesquisa (auto)biográfica; empoderamento; representatividade.
ABEM REGIONAL SUL	-	2011	54	Educação Musical e Gênero: Formação do	Paola Lise Piserchia José Soares Regina Finck	gênero, educação musical, formação de professor

			Professor/Professora de Música		
ABEM – REGIONAL SUL	2011	54	Formação musical dos maestros que atuam nas bandas musicais do meio oeste catarinense	Maira Ana Kandler Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo	Educação musical. Formação musical. Maestro.
ABEM – REGIONAL SUL	V2/2016	128	Chiquinha Gonzaga e a Música Brasileira: uma análise do discurso na literatura infanto-juvenil	Rodrigo Cantos Savelli Gomes	Análise do discurso; regimes de conhecimento em música; literatura infanto-juvenil.
ABEM – REGIONAL SUL	V3/2018	77	Docência de música e a diversidade de gênero e sexualidade: um estudo com professores/as de música da educação básica	Gabriela Garbini Wenning	docência de música; diversidade de gênero e sexualidade; educação básica.
ABEM – REGIONAL SUL	V3/2018	77	Corpo e Gênero na Educação Musical	Cristina Rolim Wolffbüttel Bruno Felix da Costa Almeida Daniele Isabel Ertel Diego Luis Faleiro Herencio	Corpo. Gênero. Revista da ABEM
ABEM – REGIONAL SUL	V3/2018	77	Repertório de violão no curso superior de música: relato de experiência de uma estudante de graduação	Thaís Nascimento Oliveira	formação superior; repertório de violão; compositoras
ABEM – REGIONAL SUL	V4/2020	46	Diversidade de gênero e sexualidade na docência de música em diferentes contextos de atuação profissional Simpósio	Yanaêh Vasconcelos Mota Áudrea Costa Martins Gabriela Garbini Wenning	Gênero; Sexualidade; Educação Musical.

ABEM – REGIONAL SUL	V4/2020	46	EDUCAÇÃO, GÊNERO E IMIGRAÇÃO: representações do feminino nas canções de imigração italiana	Patrícia Pereira Porto Ingridi Verardo de Moraes	Processos de ensino e aprendizagem; Estudos de gênero, Canções de imigração italiana.
ABEM – REGIONAL SUL	V4/2020	46	Enfrentando estereótipos de gênero em bandas de rock através de ações músico-pedagógicas inclusivas: uma pesquisa em educação musical em andamento	Maria Amélia Benincá de Farias	bandas de rock; acampamentos de rock para meninas; educação musical e gênero
ABEM – REGIONAL SUL	V5/2022	27	Mulheres Regentes: um debate sobre a representação feminina em bandas de música	Bianca Guerra Bioni, Regina Finck Schambeck	Mulheres regentes. Banda de música. Representação Feminina.
ABEM – NORDESTE	2011/2	56	O Gênero e as relações afetivas nas bandas de música: Uma proposta de discussão sobre Nordeste Pg. 454	Marcos dos Santos Moreira	Gênero, Educação Musical, Banda de Música.
ABEM – NORDESTE	2012	89	CONSUMO CULTURAL A PARTIR DAS LETRAS DE FORRÓ: DISCURSOS QUE PRODUZEM IDENTIDADES E ESTABELECEM DIFERENÇAS p. 142	Tatiana da Silva Santos Goretti Herculano Silva	Patriarcalismo, Mulher, Consumo Cultural
ABEM – NORDESTE	2012	89	DIRECIONANDO O FOCO DO OLHAR: REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E	Talitha Couto Moreira Rosângela Pereira de Tugny	Gênero, Educação Musical, Categorias de Gênero.

			EDUCAÇÃO MUSICAL (p. 112)		
ABEM NORDESTE –	V2/2016	115	Um estudo multicaso sobre os saberes docentes de três maestros atuantes no Alto Oeste Potiguar: um projeto de pesquisa	José Hérison Dantas do Amaral Valéria Lázaro de Carvalho	saberes docentes; formação de maestros; banda de música.
ABEM NORDESTE –	V2/2016	115	Educação musical: Interfaces com etnomusicologia, música, corpo, gênero, educação e saúde em um grupo de pesquisa	Harue Tanaka	grupo de pesquisa, educação musical e etnomusicologia, interfaces.
ABEM NORDESTE –	V3/2018	71	O que os dados nos dizem? um levantamento estatístico sobre o número de professoras de violoncelo nas universidades federais brasileiras	Yanaêh Vasconcelos Mota Zilmar Rodrigues de Souza	Ensino Superior. Professoras de Violoncelo. Feminismo.
ABEM NORDESTE –	V3/2018	71	BANDAS DE MÚSICA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TRAJETÓRIA DOS MAESTROS DO VALE DO JAGUARIBE	Francisco Ernani de Lima Barbosa Cristiane Soares Gonçalves	Bandas de Música; Maestros; Trajetória.
ABEM NORDESTE –	V5/2022	50	A comunicação na regência orquestral: entrevistas com 5 regentes profissionais	Adeline Anelyse Marie Stervinou, Benedito Duarte Netto, Beatriz de Oliveira	regência orquestral, comunicação, regentes profissionais
ABEM NORDESTE –	V5/2022	50	Formação musical em bandas de música: dimensões históricas e estado de conhecimento	José Hérison Dantas do Amaral	Bandas de música, contexto histórico, ensino e aprendizagem.
ABEM NORDESTE –	V5/2022	50	E quando o professor é o agressor?: assédio e	Yanaêh Vasconcelos	Assédio no campo da música/educação musical; Atuação em

			práticas violentas no campo da música/educação musical expostas em diferentes veículos de mídia	Mota, Andrielle Evelyn de Souza Teixeira, Pamela Carneiro Silva, Ana Clara Silva Ponciano, Gabriela Araújo Torquato da Silva, Ewerthon Lucas de Oliveira Lima Santos, Maurício Es-labão da Fonseca, Mário André Wanderley Oliveira	Música; Formação em Música.
ABEM NORDESTE –	V5/2022	50	Desafios e estratégias na construção da voz cantada de uma mulher transgênero: um estudo de caso	Marina Freire Crisóstomo de Morais, Francisco Elton Freire Viana, Rute Bezerra da Silva, Antonia Orlania Vieira Sousa, Luiza Lobo Capaverde	pedagogia vocal, ensino de técnica vocal, voz transgênero.
ABEM NORDESTE –	V5/2022	50	Ações músico-pedagógicas por, para e entre mulheres: uma análise a partir da teoria da ação de Alfred Schütz	Maria Amélia Benincá de Farias	Ações músico pedagógicas; teoria da ação; Sociologia da Educação Musical.
REVISTA DA ABEM	V12, n.11 2004		Declarando preferências musicais no espaço escolar: reflexões acerca da construção da identidade de gênero na aula de música	Helena Lopes da Silva	música, gênero, adolescentes
REVISTA DA ABEM	V.28 2020	18 artigos 6 dossiês3 resenhas	Diversidade de gênero e sexualidade na docência de música: um estudo com professores/as	Gabriela Garbini Wenning	Docência de música na educação básica. Diversidade de gênero e sexualidade.

			de música da educação básica		Educação musical escolar.
REVISTA DA ABEM	V.28 2020	18 artigos 6 dossiês 3 resenhas	Enviadescer a educação musical, musicar a bicha e fraturar currículos: estranhamentos sonoros para pensar fazer um currículo queer	Wenderson Silva Oliveira Isabel Maria Sabino de Farias	Currículo em música. Teoria queer e educação musical. Gênero e sexualidade em educação musical.
REVISTA DA ABEM	V.29 2021	21 artigos	Gênero e sexualidade na formação e atuação em música: um estudo com duas professoras universitárias de música	Yanaêh Vasconcelos Mota Mário André Wanderley Oliveira	Gênero. Sexualidade. Docência de música no ensino superior.
REVISTA DA ABEM	V.29 2021	21 artigos	Historicizando o conceito de gênero: da antropologia feminista à educação musical	Vânia Müller	Gênero. Educação musical. Antropologia feminista.
REVISTA DA ABEM	V.29 2021	21 artigos	Epistemologia(s) da educação musical escolar: uma análise da proposta formativa “Mulheres na Música”	Thaís Lobosque Aquino	Epistemologia. Saber sensível. Educação básica. Música na escola. Mulheres na música.

Fonte: elaborado pela autora

7.2 APÊNDICE II

QUESTIONÁRIO DE SONDAGEM

1. Nome:
2. Idade:
3. Gênero:
 - Feminino
 - Masculino
 - Outro (Qual?)
 - Prefiro não dizer
4. Gênero: Se outro, qual?
5. Local de nascimento:
6. Onde mora (Bairro, Cidade):
7. Escolaridade:
 - Ensino Médio Incompleto
 - Ensino Médio Completo
 - Ensino Superior Incompleto
 - Ensino Superior Completo
 - Pós-Graduação
8. Fez formação inicial (graduação)?
9. Fez curso de formação em música? Qual/quais?
10. Fez curso de formação em regência? Onde?
11. Há quanto tempo atua como regente?

12. Nome da(s) banda(s) que rege:

13. Quantos integrantes tem a(s) banda(s) que rege?

14. Alguma informação complementar que considera importante mencionar?

7.3 APÊNDICE III

ENTREVISTA

1. Qual o percurso formativo que você fez para se tornar regente (Como se tornou regente)? O que mais impactou na sua formação e o que te deu ferramentas para ingressar e continuar na profissão de regente?
2. Na entrevista, você colocou que fez curso de formação em regência. Para a realização deste curso, você precisou ir para outra cidade/estado ou onde você residia havia um curso próximo?
3. Por que escolheu a regência com profissão? O que te motivou a atuar em bandas de música? Quais foram suas influências? Teve apoio dos familiares, amigos, colegas?

TRECHO DA ENTREVISTA ABRACO (APÊNDICE IV – PARTE I))

4. Para a realização desta pesquisa, foi feita uma busca por mulheres regentes em Santa Catarina, observando assim uma baixa representatividade feminina nesta profissão. Na sua opinião, qual são os fatores que influenciam nesse aspecto?
5. Onde você fez a sua formação, havia outras mulheres (professoras e alunas)?
6. Na sua esfera de trabalho, tem outras mulheres atuando como regentes?
7. Conhece outras regentes? Alguma regente que te influenciou para seguir carreira profissional na regência?
8. Encontra relação entre gênero, feminismo e patriarcado na discussão sobre mulheres na regência?
9. Como vê a representação feminina em bandas de música atuando como regentes?

TRECHO DA ENTREVISTA ABRACO (APÊNDICE IV – PARTE II)

10. Já sofreu ou presenciou algum tipo de preconceito/assédio por ser regente? Já se sentiu excluída/desconfortável em alguma ocasião por ser uma mulher regente?
11. Em algum momento percebeu/sentiu que teve menos oportunidades profissionais por ser uma mulher regente?
12. Você acha que pode incentivar outras meninas/mulheres a se profissionalizarem na área da regência? Caso sim, você faz isso nas suas práticas como regente? Como?
13. Quais conselhos daria para meninas e mulheres poderem seguir a profissão como regentes?
14. Alguma consideração que acha importante mencionar ou alguma questão que considera importante incluir nas perguntas?

7.4 APÊNDICE IV

EXCERTOS DA ENTREVISTA FÓRUM PERMANENTE NOVA ABRACO (utilizados para discussão com as participantes da pesquisa)

PARTE I

Minuto 31:50

VLADIMIR SILVA: Como você fez uma leitura do espaço de atuação das mulheres regentes? Tomando como base apenas a sua realidade local. Existe um mercado que oportuniza, que dá espaço para as mulheres atuarem a frente de coros e orquestras? Como é esse mercado? É um mercado muito fechado, muito exclusivo ainda para homens?

TAÍS CONTE: Ainda assim, mesmo com todo movimento importantíssimo que tem tido, tem tido muita mudança nos últimos tempos, mas na Itália é um país talvez um pouco mais fechado, mas não só a Itália, tem outros países também na Europa que tem uma visão um pouco mais fechada da coisa, mas acredito que é um momento de passagem, não só como possibilidades e oportunidades para as mulheres, nas grandes orquestras ainda há uma prevalência de homens muito mais do que mulheres, mais aos poucos, eu acredito que, falo pela Itália, onde a tradição é assim forte, onde tem a sua beleza, e a sua parte positiva de ter uma tradição que por dizer tem leis que os Romanos fizeram e os italianos esses modos de pensar, tradição nesse sentido também, mais uma cultura gigantesca, talvez seja um pouco mais difícil essa abertura, mas tem. Então para mim pessoalmente é uma coisa muito difícil de falar porque a minha realidade foi outra. Com Lutero ele nunca teve isso, deu o espaço a todos, sempre. Então talvez eu tive uma realidade um pouco paralela[...]. Talvez mulheres temos que ser um pouquinho mais, ter qualidades um pouco a mais que os homens para entrarem, mas aos poucos isso está sendo mudado. O que eu quero dizer também que no mundo da regência para você chegar em certos lugares você tem que ter alguém que te dê uma ajuda, para chegar em certos lugares. Por isso que ser homem ou ser mulher nesse sentido talvez não mude muito. Não estou dizendo com isso que as problemáticas não existam, ou não existem mais. Existem. E eu mesmo no meu pequeno espaço tive que ouvir: Ah, ela só conseguiu isso porque é mulher. Então, isso nunca me parou de ter a curiosidade e de ir em frente. Talvez chegando um pouquinho depois, mas se chega.

PARTE II

Minuto 38:21

VLADIMIR SILVA: E essas relações que muitas vezes nos identificamos por exemplo na sociedade brasileira e em outros lugares do mundo, das relações de poder que se estabelecem e nas quais a partir daí se desenvolve uma série de vícios, de assédio moral, de assédio sexual, isso também é uma realidade com a qual as mulheres que atuam a frente de orquestras e coros e bandas, porque não, aí na Europa e na Itália particularmente o assédio de modo geral?

TAÍS CONTE: Ah, com certeza sim, com certeza sim e são, e talvez até com pequenas frases, observações, no sentido, me lembro muito bem de uma conversa que tive entre amigos contando, e ali estávamos conversando sobre isso, e alguns diziam: Não, uma diferença assim grande não existe. Outros diziam, como eu, existe ainda. Porque como pode ser que ainda hoje uma mulher chegue num pódio, seja, uma profissional e tenha que ouvir de orquestras, são sempre terríveis, mais em geral, tem que ouvir: Ah, mas estou surpreso que eu pude trabalhar tão bem musicalmente com uma mulher. Então por isso que eu acho que é um momento de transição, de transição porque ainda tem esse bloco de idade que ainda tem essa visão, e eu acho que a nova geração, o que temos que fazer é mudar um pouco o diálogo. Tem que ter ainda os dois. Precisamos das pessoas que lutam ainda, como se fazia bastante, e também temos que ter paralelamente as pessoas que possam ir na frente mudando o discurso, mudando o diálogo. Por que eu tenho que ver se é um homem ou uma mulher? Não, é um profissional. Eu sou uma profissional, uma musicista, estamos aqui para fazer música. Então de ter paralelamente essas duas linguagens.

7.5 APÊNDICE V

CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA – CONTATO INICIAL

Boa tarde, (Nome da regente).

Me chamo Bianca e sou estudante de Mestrado em Educação Musical da UDESC e estou fazendo minha dissertação sobre a representação feminina em bandas de música como regentes e instrumentistas, sendo uma continuidade do meu TCC que defendi na Licenciatura em Música ano passado sobre “Tocar na Banda da Sociedade Musical Filarmônica Comercial: Narrativa de duas musicistas”. No momento, estou fazendo um primeiro contato a buscando regentes/maestras de bandas de música, para futuramente poder entrevistar através de entrevistas e questionários a fim de buscar algumas respostas para questionamentos. Gostaria de saber se você tem interesse em participar ou/e se conhece outras mulheres regentes/maestras. Aguardo retorno. Desde já agradeço.

7.6 APÊNDICE VI

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidada para participar da pesquisa de mestrado intitulada A Trajetória de Mulheres Regentes em Bandas de Música da Santa Catarina, que tem como objetivo analisar a trajetória de mulheres regentes em bandas de música, refletindo sobre as dimensões do gênero e seu impacto e influência na ocupação de mulheres nos cargos de regentes de bandas. A pesquisa está sendo desenvolvida pela mestrandia Bianca Guerra Bioni, no Programa de Pós-Graduação em Música PPGMUS, da Universidade do Estado de Santa Catarina, na linha de pesquisa em Educação Musical. Nesta pesquisa, será enviado as participantes um questionário de sondagem, através do aplicativo Google Forms, e também será feita uma entrevista pela plataforma Zoom Cloud Meetings, com o intuito de obter dados, que serão utilizados para esta pesquisa. As entrevistas realizadas serão gravadas e posteriormente transcritas, para facilitar o processo de análise dos dados coletados.

As participantes não terão nenhum pagamento ou qualquer despesa para a realização desta pesquisa. Caso venham a ter alguma despesa, serão ressarcidas.

Assim como toda pesquisa, esta também pode apresentar algum tipo de risco ou dano, porém, serão mínimos, pois não envolve nenhum tipo de procedimento invasivo. Mas mesmo que mínimos, serão tomados cuidados para que não ocorram, e em último caso, será garantida a indenização.

Será mantido todo o sigilo e privacidade das participantes e dos dados coletados, pois cada participante será identificada por uma letra, e qualquer informação que possa identificar a participante, será modificada ou retirada.

Para a realização desta pesquisa, serão adotadas as orientações fornecidas pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), que é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde (CNS) com a função de implementar normas e diretrizes que regulamentam pesquisas que envolvem seres humanos.

Cada participante receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido, tendo o acesso ao registro do consentimento sempre que necessário. Em caso de dúvidas, poderá entrar em contato com a pesquisadora. Além disso, terão acesso aos resultados da pesquisa através da dissertação, quando for apresentada e publicada.

Informações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP):

Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte
CEP: 70719-040, Brasília - DF

Telefone: [\(61\) 3315-5877](tel:(61)3315-5877)

E-mail: conep@saude.gov.br

Informações da pesquisadora responsável:

Nome: Bianca Guerra Bioni

Telefone: (48) 9 9910-8526

E-mail: bibioni_gb@hotmail.com

Endereço: Rua João Pio Duarte Silva, 1450, apto 534 C - Córrego Grande, Florianópolis/SC.

Assinatura da Pesquisadora

Informações da participante:

Declaro que concordo em participar da pesquisa “A Trajetória de Mulheres Regentes em Bandas de Música da Santa Catarina”.

Nome:

Local:

Data:

Assinatura da participante